

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

LÉLIA ZAMBRANO

**DE BRASILEIROS A “BRASIGUAIOS”:
A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI A PARTIR DOS ANOS DE
1970**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**SÃO PAULO
2009**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LÉLIA ZAMBRANO

DE BRASILEIROS A “BRASIGUAIOS”:
A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI A PARTIR DOS ANOS DE
1970

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

orientação de
Prof^a Dr^a Lucia Maria Machado Bógus

SÃO PAULO
2009

LÉLIA ZAMBRANO

**DE BRASILEIROS A “BRASIGUAIOS”:
A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI A PARTIR DOS ANOS DE
1970**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob orientação da Profª Drª Lucia Maria Machado Bógus.

**SÃO PAULO
2009**

Ficha Catalográfica

ZAMBRANO, Lélia

DE BRASILEIROS A “BRASIGUAIOS”:
A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O PARAGUAI A PARTIR DOS ANOS DE 1970

241 páginas

Orientadora: Profª Drª Lucia Maria Machado Bógus

Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Palavras-chave: *brasiguaios*; imigração brasileira; aspectos sócio-culturais; *modus vivendi*.

Key-words: *brasiguaios*; *immigrants brazilian*; *social-cultural aspect*; *modus vivendi*

BANCA EXAMINADORA

Data da Defesa da Tese ____/____/2009

*“Os dias prósperos não vêm por acaso;
nascem de muita fadiga e persistência”.*

Henry Ford

Ao Clóvis, companheiro e fiel escudeiro.

Às minhas lindas filhas Camila e Caroline,
etapas de uma vida.

À boneca Beatriz, minha neta, meu futuro
e perpetuação.

À minha amada irmã Lílian e meus
queridos irmãos, por me amarem.

À amiga e confidente Beth Rico, por sua
amizade.

Às Marias, Bonacorsi e Bottino, minhas
adoráveis amigas.

Aos meus avós, Balbina e José, meu
passado e alegres lembranças...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nas pessoas de seu corpo docente, que em muito contribuíram para a elucidação dos meandros teóricos deste trabalho.

À adorável orientadora Prof^a Dr^a Lucia Bógus, pelo apoio, incentivo, estímulo e amizade demonstrados em todos os anos de convivência.

À Prof^a Rosana Baeninger, pelas tardes agradáveis que tivemos durante suas aulas na Unicamp-SP.

Agradeço à CAPES, pela bolsa que me foi concedida na etapa final, nos anos de 2006 a 2008, sem a qual não teria sido possível concluir este projeto.

À Prof^a. Dr^a. Maria Helena Capelato, pesquisadora e historiadora, que me incentivou e despertou para o tema “brasiguaios”.

À querida Elisa Rolim, meu ponto de apoio para as pesquisas e pela hospitalidade no Paraguai.

Ao amigo Mario Rolim, pelas informações prestadas e apoio logístico.

À Prof^a Dr^a Júlia Felgar, por sua disponibilidade e seu apoio essencial.

Agradecimento especial aos imigrantes brasileiros entrevistados no Paraguai, Saul, Geny, Zica, Celso e Miguel, dentre outros, que se dispuseram a contar suas histórias e seus projetos de vida; por me terem deixado entrar em suas casas, por terem sido tão disponíveis e colaboradores, proporcionando condições para que este estudo fosse realizado a contento.

Aos migrantes do mundo todo e de todas as épocas, por seu desprendimento e espírito de aventura, que transformaram e transcenderam os espaços e as fronteiras.

À DEUS.

RESUMO

Este estudo focaliza famílias de imigrantes brasileiros que saíram do Brasil a partir dos anos de 1970, com destino específico a um país fronteiriço - o Paraguai. Esses brasileiros, que às vezes são chamados de “brasiguaios” ou como se auto-intitulam e são realmente conhecidos no Paraguai, são indivíduos que iniciaram o processo migratório naquele período e que ali permanecem até os dias de hoje, encontrando-se alguns na terceira geração, dedicando-se ao trabalho rural e à cultura da soja nas regiões do Alto Paraná, Canindeyú e Tapúa, locais de maior concentração de brasileiros imigrantes. Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o *modus vivendi* desses brasileiros e das gerações que se sucederam, uma vez que o processo migratório intensificou-se ao longo dos últimos anos, analisa-se como ocorreu a sua formação familiar, a adaptação aos costumes e à cultura local. A problemática do Mercosul e da globalização na América Latina é discutida na medida em que ajuda a esclarecer as formas de interação entre governos e políticas de imigração na América Latina e no Mercosul e, mais especificamente, no relacionamento Brasil-Paraguai. A metodologia aplicada na pesquisa de campo utiliza a trajetória da história de vida desses imigrantes, revelada com a aplicação de pesquisa-piloto, onde encontramos profissionais de níveis sociais diferenciados, mas relacionados geralmente, à área rural e ligados pela cultura da soja. Buscamos, ainda, mediante entrevistas semi-estruturadas e realizadas *in loco* aprofundar o conhecimento desse processo migratório.

Palavras-chave: BRASIGUAIOS; IMIGRAÇÃO BRASILEIRA; ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS; *MODUS VIVENDI*.

ABSTRACT

This study focuses families as of Brazilians immigrants that it is to they exited from Brazil from of the years as of 1970, specify destination to a country border the one Paraguay. Those Brazilians as the times are termed as of “brasiguaios” or as if auto-entitled and they are quite acquaintances at the Paraguay, they are Brazilians that it is to they started the flow migratory that year period and that stay as far as the days today’s, encountering – in case that a few at the third generation, fetching the labour agrestic and culture from the soybean in the region from the Alto Paraná, Canindeyú and Tapúa, local as of greater concentration as of Brazilians immigrants. With the brasiguaios; objective as of amplify the knowledge above the modus vivendi he might give Brazilians and of the generations than it is to get along, since the migratory process intensified – in case that in the following years, analyses – in case that as a has occurred its formation familiarly, the adaptation to the customs the one at the cultural local. The Mercosul and the globalization problematic in Latin America is argued according to it helps to clarify the forms of interaction between governments and involved politics of immigration in Latin America with the Mercosul and, more specifically, at the Brazil-Paraguay relationship and the easier factors of this immigration. The methodology applied on the field research uses the trajectory of the live history of these immigrants, disclosed with the application of pilot research, where we enclose differentiated professions and social level, but related, whenever possible, the agricultural area and the soy culture, we still search, by means of half-structuralized interviews and carried through in loco the deepening of this knowledge.

Key-Words: BRASIGUAIOS; BRAZILIANS IMMIGRANTS; SOCIO-CULTURALS ASPECTS; MODUS VIVENDI.

LISTA DE SIGLAS

ADM	- <i>Artchie Daniel Midland</i>
ALADI	- Associação Latino-americana de Integração
ALALC	- Associação Latino Americana de Livre Comércio
ANZCERTA	- Acordo Comercial sobre Relações Econômicas entre Austrália e Nova Zelândia
APEC	- Fórum Econômico da Ásia e do Pacífico
ASEAN	- Associação de Nações do Sudeste Asiático
CAN	- Comunidade Andina, Grupo Andino ou Pacto Andino
CAPEs	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARICOM	- Mercado Comum e Comunidade do Caribe
CEI	- Comunidade dos Estados Independentes
CELADE	- Centro Latino-americano de Demografia
CIME	- Comissão Internacional Governamental para Migrações Europeias
CSEM	- Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
CEPAL	- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CNPd	- Comissão Nacional de População e Desenvolvimento
CPMF	- Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira
EFTA	- Associação Europeia de Livre Comércio
FAO	- <i>United Nations´ Food and Agricultural Organization</i>
G-3	- Grupo criado em 1990 por Venezuela, México e Colômbia, visando estabelecer o livre comércio entre os países
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IMILA	- <i>Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica</i>
IME	- Instituto Nacional de Estatística
MCCA	- Mercado Comum Centro-Americano
MERCOSUL	- Mercado Comum do Sul
MST	- Movimento dos Sem Terra
NAFTA	- Acordo de Livre Comércio da América do Norte
NEPO	- Núcleo de Estudos de População
ONGs	- Organizações não governamentais
PEA	- População Economicamente Ativa
PIB	- Produto Interno Bruto
PNUD	- Programa das Nações Unidas
SADC	- Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
UNICEF	- The United Nation Children's Fund
UE	- União Europeia
UNESCO	- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

LISTA DE ILUSTRAÇÕES*

Ilustração 1 – Paraguai e Brasil Meridional	60
Ilustração 2 – Paraguai, divisões regionais e departamentais	64
Ilustração 3 – Estrutura Física do Paraguai Oriental	68
Ilustração 4 – Espaços naturais do Paraguai Oriental	69
Ilustração 5 – O contorno geográfico do Paraguai	88
Ilustração 6 – A evolução das fronteiras paraguaias de 1810 aos nossos dias	89
Ilustração 7 – Os latifúndios das fronteiras paraguaias até 1950	127

* Fonte: SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: UNFPA, 2007.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
INTRODUÇÃO	25
1 GLOBALIZAÇÃO E MERCOSUL: A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO BRASIL-PARAGUAI	37
1.1 O processo de globalização	39
1.2 O surgimento do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL	46
1.3 A cultura na globalização – miscigenação cultural	53
1.4 Paraguai: aspectos do desenvolvimento econômico	58
1.4.1 A origem da soja e suas características	62
2 FLUXOS MIGRATÓRIOS	73
2.1 A questão migratória	75
2.1.1 A questão migratória frente ao desenvolvimento capitalista do século XX	78
2.2 Os fluxos migratórios internacionais nos últimos anos	79
2.2.1 Fatores de atração e de expulsão	84
2.3 Emigração e imigração: um contexto migratório latino-americano	87
2.4 O movimento migratório no Brasil	93
2.4.1 A cronologia do contexto migratório brasileiro	99
2.4.2 Uma reflexão sobre o fluxo migratório brasileiro	104
3 BRASIGUAIOS E COMUNIDADES BRASIGUAIAS: REDES SOCIAIS E IDENTIDADES	109
3.1 A migração Brasil-Paraguai	111
3.2 Os brasiguaios: a dicotomia do termo e da identidade	113
3.2.1 Volume do fluxo migratório brasileiro para o Paraguai	129
4 A FORÇA DOS LAÇOS QUE SE FORMAM	131
4.1 A dicotomia da xenofobia com os processos migratórios – reflexos para os brasiguaios	138
4.1.1 A crise econômica mundial e ainda a questão da xenofobia	139
4.1.2 Quadro dos principais problemas das políticas sociais na América Latina	142
5 O DEPOIMENTO DOS ENTREVISTADOS	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICES	193
APÊNDICE A – Convite e apresentação da pesquisa	195
APÊNDICE B – Questionário aplicado na pesquisa empírica	196
APÊNDICE C – Entrevistas realizadas no Paraguai em jan./2006	202
APÊNDICE C 1 – Detalhamento do roteiro para as entrevistas	202
APÊNDICE C 2 – Transcrições das entrevistas	204
ANEXOS	237
ANEXO A – Gráfico dos acordos realizados na América Latina	239
ANEXO B – Mapa <i>mundi</i> dos blocos transnacionais	241

O fato de ser neta de imigrantes italianos e ter vivido em terra distante das origens dos meus antepassados, ser estimulada a sonhar com esses lugares e com pessoas diferentes, foram motivos que me impulsionaram a buscar conhecimentos sobre a realidade dos imigrantes, que para mim se apresenta como um mundo encantado. Poder estar em outros lugares é como ser levado a realizar sonhos que nos permitem ter a sensação de que conquistamos mais espaço. Espaços ideais ou não, ou simplesmente espaços em um mundo incerto, em que barreiras socioculturais transcendem e podem se tornar intransponíveis, ocasionando traumas significativos.

A decisão de estudar especificamente e de forma mais profunda a migração de brasileiros para o Paraguai ocorreu pela forte presença naquele país de trabalhadores brasileiros imigrantes, provenientes na sua maioria das regiões do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil; ocorreu, também, diante do contexto internacional atual, onde se desenvolveram processos de integração regional e têm se intensificado movimentos migratórios entre países limítrofes.

Lélia



O tema da internacionalização da economia mundial tem assumido relevância crescente. Não só acadêmicos têm atentado para a internacionalização; na verdade, toda a sociedade tem pensado e discutido esse processo, sofrendo seu reflexo inevitável.

Para muitos, trata-se da instauração de uma sociedade mundial, com múltiplas dimensões: militar, religiosa, política e científica. Contudo, o paradigma é o da economia de mercado, aonde o modelo de organização política é o de uma democracia do tipo liberal (ROLON, 2000, p. 11).

O processo de internacionalização da economia, também denominado de globalização, vem se verificando no mundo há algumas décadas, principalmente em decorrência de uma série de transformações nos processos produtivos e nos campos da informática, das telecomunicações e dos transportes, impulsionando fluxo de capitais e de comércio de uma forma vertiginosa. Isso tem levado os países em desenvolvimento a buscarem novos mecanismos de inserção no mercado internacional (MONTEIRO, 2000, p. 53).

Com o estreitamento das fronteiras comerciais no mundo, devido à globalização e ao conseqüente aumento da troca nas relações culturais e comerciais entre os povos, inúmeros fluxos migratórios aconteceram no mundo. Os indivíduos que, especialmente por proximidade física ou de linguagem, enxergaram em outros países a oportunidade de melhorar econômica e socialmente e formar novos laços culturais, acabaram migrando para regiões diferentes da sua terra pátria, embora os fluxos migratórios internos nos países também sejam uma constante.

Essas migrações acabaram por contribuir ainda mais com o processo de globalização, visto que, dentro dos países, a diversidade e a pluralidade culturais se tornaram uma realidade cada vez mais presente, principalmente com o desenvolvimento e a integração ganhando espaço na América Latina. O aumento das empresas multinacionais e transnacionais acentuou esse processo. As organizações começaram a compreender que seu espaço de atuação era mundial e isso lhes permitia diversificar os processos de produção, distribuição e administração de seus produtos e

serviços pelo mundo, a fim de diminuir os custos, aumentar a produtividade e se tornarem, então, mais competitivas no mercado global.

O somatório desses dois processos e as políticas pró-globalização que se formaram em alta escala nos países e nos blocos comerciais incentivaram a miscigenação cultural, originando novas comunidades – como os “brasiguaios”.

Na América Latina, a tentativa de se formar um bloco comercial competitivo no mundo globalizado, o Mercosul – Mercado Comum do Sul –, auxiliou, também, essa nova ordem mundial sociológica. A representatividade e a importância específica do Paraguai no Mercosul é tratada no capítulo 1.

Desde o início do processo de formação do Mercosul, muitos têm sido os trabalhos sobre os dois maiores países-membros, Brasil e Argentina, registrando-se alguns estudos não tão divulgados ou disponíveis sobre os outros países do bloco.

As grandes teorias buscam explicar as políticas externas desses países e os fenômenos ligados às grandes transformações. São poucos os trabalhos dedicados aos pequenos países e, em geral, tratando-os a partir de seus vínculos com os mercados maiores.

Principalmente em relação ao Paraguai, pequeno território situado entre as duas potências do Mercosul, existe certa desatenção ou, como diria Rolon: “[...] em geral parte-se da desqualificação, o Paraguai é visto como um exemplo típico de ‘atraso’ pela questão do contrabando e sua exígua indústria, desconsiderando-se seu processo histórico” (ROLON, 2000, p. 25).

Entretanto, o Paraguai ao longo da história, tem se mostrado um forte produtor e exportador agrícola de soja e algodão¹, razão esta que contribui para o desenvolvimento econômico desse país. Historicamente, os

¹ Souchaud (2002, p. 35) “‘Aquilo antes era tudo mato’, dice um brasileiro, ‘cuando llegué sólo había monte por aquí’, contesta outro paraguayo”. Esclarece o autor, que é muito difícil acreditar que nos anos de 1960, a fronteira oriental Brasil-Paraguai, era praticamente formada por floresta. A elevada migração para a região provoca uma modificação brutal, brasileiros e paraguaios se apertam em um espaço comum e expandem os negócios agro-pastoril.

brasileiros fizeram parte das atividades ligadas à produção agrícola de soja paraguaia desde a década de 1970, quando o número de imigrantes brasileiros superou os 400 mil, sendo muitos deles, não apenas trabalhadores rurais, mas empresários e proprietários de grandes fazendas. Entender qual a razão dos brasileiros terem invadido um território virgem, mas fértil e fronteiriço, uma vez que o povo paraguaio é tradicionalmente agrícola e acabou ficando confinado à região central do país, foi tarefa fácil, quando se tem acesso ao autor Souchaud (2002) que discute os motivos do avanço do fluxo migratório em estudo.

Los colonos brasileños que entraron al Paraguay a fines de los años 60 en busca de un medio natural que alimente su actividad pionera, sientan las bases del actual anclaje en el dispositivo económico brasileño del Paraguay hacia los años 80 (SOUCHAUD, 2002, p.36).

A relação socioeconômica entre brasileiros e paraguaios no setor agrícola de soja tem sido pouco explorada e merece atenção especial, principalmente frente ao panorama de integração entre os países do Mercosul².

Da relação Brasil-Paraguai, especialmente nos anos de 1970, iniciou-se então, um grande fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai, na expectativa de melhorar as oportunidades econômicas com o cultivo de soja paraguaia.

A relação entre os países do Mercosul, embora precária enquanto bloco econômico ativo fortaleceu as relações fronteiriças e, entre elas, a relação entre Brasil e Paraguai. Diante desse processo de integração regional e formação de blocos, a proximidade do território paraguaio com as fronteiras brasileiras, além da inexistência de uma legislação migratória

² Saha, (2000, p. 55). Esclarece a formação do Mercosul: "Em março de 1991 os presidentes do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinaram o Tratado de Assunção para consolidar uma união aduaneira e uma área de livre mercado abrangendo os quatro países, chamado de Mercosul. A efetiva inauguração da organização só começou cinco anos depois, em janeiro de 1995. As barreiras aduaneiras foram retiradas de 80 a 85% de todos os bens comercializados entre esses países, e uma data-limite foi estabelecida para 2006, quando se firmará um regime de livre movimento de todas as mercadorias no interior da área. Foi uma atitude corajosa no sentido de criar uma forte base institucional, uma parceria econômica e, esperamos política, para mais de 200 milhões de pessoas com um Produto Interno Bruto conjunto de quase um trilhão de dólares".

específica para o bloco, vai inserir esse país no contexto das novas migrações internacionais brasileiras, registrando expressivos movimentos emigratórios e imigratórios.

Qual seria o número de brasiguaios vivendo hoje no Paraguai? Mario Rolim, um dos agricultores entrevistados, fala em 600 mil, aproximadamente. No entanto, pesquisando a exatidão desse dado, encontra-se em Patarra & Baeninger (2004, p. 7) número em torno de 450 mil, em informações de 2002.

A estrutura desta tese de doutoramento foi planejada de forma que a temática se desdobre no seu aspecto mais amplo, abarcando as incertezas políticas e econômicas ocorridas no Brasil a partir do regime ditatorial iniciado em 1964; o processo de globalização da economia, a partir dos anos de 1980; as relações Brasil-Paraguai, tendo o Mercosul como pano de fundo, passando pela função e pelo padrão dos fluxos migratórios brasileiros. Chega-se, então, ao objeto específico desta tese que se encontra na dinâmica da nova forma de viver, de se relacionar e organizar a sobrevivência, das comunidades de brasileiros e descendentes de brasileiros que vivem na região do Alto Paraná, Paraguai, denominados de “brasiguaios”.

Assim, este trabalho visa apresentar e caracterizar a questão da participação dos brasileiros na economia paraguaia em regiões de fronteira, em especial no que tange à produção agrícola da soja, bem como ao seu *modus vivendi* naquele país. O perfil dos brasileiros que, por algum motivo, migraram para o Paraguai que consideram, hoje, seu lar, vivendo em comunidades brasiguaias, especialmente na região do Alto Paraná, o mais importante departamento do Paraguai, será o principal objetivo do estudo.

Os fluxos migratórios, sua dinâmica, as idas e vindas da migração brasileira e a busca das causas e fatores de expulsão e de atração são abordados no capítulo 2.

No capítulo 3, busca-se trazer a verdadeira significação do conceito “brasiguai”, como construção de uma identidade, abordando não

só a questão migratória, mas também a existência de redes de apoio, baseada no entendimento de Márcia Sprandel (2006); há, ainda, algumas interpretações sobre o tema, as quais refletem as outras vertentes ideológicas ou sociais existentes nos meios literários e acadêmicos. Porém, não se conseguirá esgotar, ou ainda, unificar a conceituação, como será visto oportunamente.

Além disso, atualmente, os brasiguaios não se limitam, como razão migratória, à economia baseada no cultivo da soja e é importante apontar que, mesmo em período recente, novos brasileiros continuam a migrar para o Paraguai, como outros retornam, formando uma “rede social institucionalizada” (SPRANDEL, 2006). Assim, com propostas metodológicas de caráter empírico, busca-se este esclarecimento de maneira flexível, mediante informações e dados colhidos pela aplicação de questionários e pela realização de entrevistas para coleta de depoimentos, o que está sendo devidamente tratado no capítulo 4.

Existe, ainda, a possibilidade de se utilizar a entrevista semi-estruturada, quando, apesar de ser construído um rol de perguntas básicas, há a possibilidades de torná-la mais flexível (ALVES, 2007, p. 66).

Diante do exposto, referente aos estudos existentes sobre o surgimento do Mercosul e o desenvolvimento econômico paraguaio baseado na agricultura, principalmente, da soja e do algodão, e a participação de imigrantes brasileiros como detentores de propriedade e como trabalhadores rurais, o *locus* deste estudo, concentrando-se na relação entre brasileiros e paraguaios no setor agrícola do Paraguai, localiza-se na região do Alto Paraná, na fronteira com o Brasil.

Decorrente desse contexto e do objetivo maior, os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Avaliar os principais motivos de imigração dos brasileiros que chegaram ao Paraguai a partir da década de 1970, especialmente na fronteira da região do Alto Paraná, Brasil-Paraguai.

- b) Avaliar os reflexos da imigração no desempenho econômico e social do Paraguai, principalmente no que tange às relações de trabalho e à qualidade de vida dos brasileiros, após os anos de 1970.
- c) Destacar os aspectos relativos à miscigenação cultural e lingüística nascida dessa relação.
- d) Estabelecer a identidade gerada: o “ser brasiguai”, conforme Márcia Sprandel (2006).

A partir da problemática e do objeto exposto, a hipótese deste trabalho é que a emigração dos brasileiros para o Paraguai criou uma nova comunidade naquele país – Comunidade Brasiguai - com características diferentes da população brasileira e da população paraguaia e com função econômica relevante em ambos os países, mas especialmente no Paraguai, baseada nos estudos de Sprandel (2006), Fusco (2006) e Matos (2004).

Apesar de contar com vários estudos sobre o tema, esta abordagem se fundamenta em uma pesquisa descritiva e interpretativa, seguindo modelos de pesquisas anteriores no campo das ciências sociais e do estudo de integração entre países (MARQUES, 1998 e MARAGLIANO, 2000).

A primeira etapa do trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica, mediante coleta e sistematização de dados e informações secundárias publicados em periódicos, documentos oficiais, relatórios governamentais, artigos e livros produzidos sobre a situação dos imigrantes brasileiros no Paraguai e o percurso e desenvolvimento da produção de soja na região oriental do país.

Em uma segunda etapa, foi realizada pesquisa para caracterizar os imigrantes brasileiros residentes na região oriental do Paraguai, tendo sido destacadas suas condições de vida e consideradas as características da produção de soja naquela área. Nesta etapa, portanto, foi realizado um levantamento exploratório de campo, na região do Alto Paraná, mediante a aplicação de questionários para diagnosticar a situação de vida dos brasileiros residentes naquela área. Este procedimento foi embasado em

modelo de pesquisa realizada por Bógus (2001), conforme pode ser verificado no Apêndice B e contou com uma amostra de sete participantes eleitos aleatoriamente.

Além de dados quantitativos sobre desempenho econômico e sobre a população de imigrantes brasileiros no Paraguai, considerou-se necessária a utilização de um método que pudesse apreender as representações e os sentimentos dos indivíduos envolvidos no processo migratório. Desta forma, também foi realizada pesquisa com abordagem qualitativa, por intermédio de entrevistas semi-estruturadas, conforme Alves (2007) sobre a percepção dos sujeitos, das trajetórias vivenciadas e de seus reflexos socioeconômicos e culturais, para melhor embasar este estudo.

Por conseguinte, em momento subsequente do trabalho, após o estabelecimento de contato com os brasileiros produtores de soja no Paraguai, em janeiro de 2006, foram selecionados, por sorteio simples, sete proprietários e trabalhadores das fazendas dentre aqueles que concordaram em ser entrevistados para participar do estudo.

Deve-se registrar que as entrevistas foram elaboradas de acordo com os objetivos mencionados, tendo como pano de fundo as informações coletadas na primeira fase do trabalho. O trabalho de campo e os formulários que foram aplicados nortearam as entrevistas de caráter qualitativo (roteiro das entrevistas disponível no Apêndice C), com base no perfil sociodemográfico. Essas entrevistas foram compostas por oito questões que visaram a compreender:

- a) a rotina de vida no Paraguai;
- b) os motivos de emigração para o Paraguai;
- c) a percepção entre os “brasiguaios” da imagem do Paraguai;
- d) a percepção da imagem do Brasil;
- e) as vantagens e desvantagens de viver no Brasil ou no Paraguai;
- f) a percepção da própria situação no Paraguai e,

g) a percepção e a representação acerca do termo “Brasiguaiio”.

Como já referenciado, entende-se que é apropriada, no caso de estudos sobre a mobilidade de pessoas, a utilização de um método que possa apreender aspectos subjetivos, como percepções e sentimentos dos indivíduos envolvidos no processo migratório. Assim sendo, optou-se pela coleta de depoimentos e pela análise qualitativa das informações, centrando-se a síntese analítica nas categorias recorrentes apresentadas nos resultados.

Este procedimento permite traçar o perfil dos entrevistados com seus dados biográficos, como resultado da dinâmica de interação do estrangeiro com o elemento nativo e o modo como se processa a absorção de valores, hábitos e costumes, pelo imigrante na nova comunidade. A espontaneidade do contato verbal permite a captação de sotaques, expressões lingüísticas e gestuais, suficientemente eloqüentes para revelar um padrão de “miscigenação” em todo o seu conteúdo: aceitação / rejeição, conflitos, vantagens e desvantagens etc..

Nessa perspectiva, portanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, abordando a percepção, em áreas de recepção migratória, acerca da imigração e dos reflexos socioeconômicos para os entrevistados.

Participaram da pesquisa brasileiros e paraguaios (filhos e netos de brasileiros), de ambos os sexos, com idades superiores a 21 anos, proprietários-agricultores e trabalhadores rurais do setor de produção de soja no Paraguai. Os sujeitos da amostra são residentes na área que compreende o maior território de produção de soja naquele país.

A parte textual da tese está sintetizada em considerações finais que evidenciam a pertinência do estudo, o alcance (ou não) de seus objetivos, a comprovação (ou não) de sua hipótese, bem como a eficácia de suas pesquisas quer bibliográficas quer empíricas. Além do que, estas últimas reflexões buscam evidenciar as conclusões às quais foi possível chegar após todos os procedimentos adotados.

Finalmente, com base nos resultados conseguidos neste estudo, pôde-se avançar na perspectiva de uma melhor e mais completa apreensão do movimento migratório Brasil / Paraguai, a partir do qual se configura a denominada Comunidade Brasiguiaia.

Pressupomos o trabalho como forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes à do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ela figura na mente da construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira (MARX, 1980, p. 220).

1.1 O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

A transformação que resultou do crescimento produtivo, resultando no encurtamento espacial e virtualmente nas distâncias, levou os países à intercomunicação acelerada em todos os níveis, ou seja, à globalização³, tema amplamente discutido por diversos autores⁴ renomados e presentes nas abordagens acadêmicas sobre globalização, cuja definição se forma ao mesmo tempo em que esta se efetiva.

É claro que a globalização do capitalismo deve ser vista como um vasto e complexo processo, que se concretiza em diferentes níveis e múltiplas situações. Envolve o local, o nacional, o regional e o mundial, tanto quanto a cidade e o campo, os diferentes setores produtivos, as diversas forças produtivas e a relação de produção. E compreende simultaneamente colonialismos e imperialismo, interdependência e dependências, nova divisão transnacional do trabalho e da produção e mercados mundiais, multilateralismos e transnacionalismos, alianças estratégicas e redes de telecomunicações, cidades globais e tecnoestruturas globais (IANNI, 1999, p. 29). [Grifo nosso].

Com a globalização e, conseqüentemente, com a existência de uma rede global de informação (por meio de satélites), é inegável que a

³ Leia-se Canclini (1995, *apud* RICO, 2002) que complementa a visão do processo da globalização quando diz que esta: “Supõem uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, de bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros no qual importa mais a velocidade de percorrer o mundo que as posições geográficas nas quais se atua. A globalização faz com que as pessoas consumam não tanto para suprir o que lhes falta, mas, porque o que compram tornou-se desejável, embora possa ter curta duração e/ou se torna obsoleto: é a cultura do efêmero e descartável que o é justamente para alimentar o fluxo e as leis do mercado globalizado”.

⁴ Leia-se Chesnais (1996) que discute o fato de que “o termo ‘mundialização’ tem o defeito de diminuir, pelo menos um pouco a falta de nitidez conceitual dos termos ‘global’ e ‘globalização’”. Prefere o termo ‘mundial’ ao ‘global’, por que se a economia se expandiu mundialmente, seria desejável construir instituições controladoras desse movimento.

soberania da informação do Estado Nacional, como parte de sua soberania política, tenha perdido a força (BECK, 1999), instaurando, assim, a diminuição do “poder do Estado Nacional” e o aumento do “poder do mundo”.

Dissolve-se uma premissa aparentemente imprescindível do sistema de trabalho das sociedades industriais: a necessidade de se trabalhar conjuntamente em um mesmo lugar para produzir bens ou serviços perdeu sua validade. Todavia, os empregados podem cooperar transnacionalmente ou oferecer serviços em contato direto (BECK, 1999). Essa é a globalização da cooperação ou da produção no trabalho.

Ainda segundo esse autor, a globalização da economia se refere à desnacionalização da economia, isto é, “o fato de que as economias nacionais se tornam tão fictícias quanto as etiquetas das firmas nacionais, fazendo com que a prosperidade da indústria nacional não mais coincida com a prosperidade dos cidadãos (nacionais)”. É nesse sentido que essa globalização se relaciona com a virtualização do dinheiro e das finanças, pois as especulações de mercado e mão-de-obra se sobrepõem muitas vezes à produção.

“As tendências mundiais apontam, predominantemente, para a independência política e o autogoverno, por um lado, e para a formação de alianças econômicas, por outro lado” (NAISBITT, 1994, p. 3).

Os autores citados apontam que a internacionalização⁵ é um conceito diferente da globalização econômica; quando se exportam postos de trabalho e mercadorias (relação comercial bidirecional), isto se faz, predominantemente, dentro de um eixo de países altamente industrializados que pertencem a Europa, América e Oceania.

⁵ Para Chesnais (1996) quando discute o fim da dicotomia da economia internacional X economia mundial: “No paradigma tradicional, o capital produtivo, fica colocado por fora da mundialização do capital. A transformação da economia internacional em economia mundial coincide justamente com o fim desta dicotomia. A mundialização do capital produtivo torna-se parte integrante da mundialização do capital”. Reforçado pelo autor “torna-se o centro dela”.

Mix (2003) procura dar um maior esclarecimento aos termos – globalização / mundialização e globalismo, quando define:

[...] Geopolíticamente nos encontramos con un mundo em busca de un nuevo equilibrio. La lógica Este-Oeste, que era bipolar, ha desaparecido para dar lugar a una lógica unipolar, basada sobre una superioridade militar sin precedentes y de serio corte maníqueo, como lo demostró el reciente conflicto de Irak, [...]. En el marco de esta intervención creo conveniente precisar algunos términos que a menudo se confunden, y en primer lugar el concepto de globalización. Tras él suele verse una ideología neoliberal de dominio del mercado mundial, una lógica capitalista que tiende a arrinconar la política, desconfía de la democracia y pretende organizar todos los campos de acuerdo con el modelo econômico. [...] La globalización es distinta de la mundialización. Globalización alude al carácter multidisciplinario de los câmbios y mundialización se cine a la estricta geografia. Reconoce que el mundo se ha hecho uno, pero en él conviven siglos diferentes. La globalización es un proceso. Eso la diferencia de “globalismo”, término que aspira a que los valores de la sociedad de consumo occidental sean compartidos por 6 millones de habitantes y sean pertinentes para todos ellos. Hay quien señala que “globalismo” es una ideología de la dictadura del mercado mundial, en cambio “globalización” es una palabra inventada para designar el proceso de superación de los marcos nacionales que afectan a fenómenos políticos, sociales, culturales y económicos. [...] La globalización determina también una homologación cultural del mundo, em ralación con los modos de vida y las formas del pensamiento (el pensamiento único). Contra esta homologación se encuentran los fenómenos de resistencia territorial de la identidad. El problema de la identidad se convierte frente a la globalización en un problema central. (MIX, 2003, p. 69-70). [Grifo nosso].

Em suma, a globalização significa a alteração da ideia de que se vive e interage apenas nos espaços fechados e geograficamente delimitados dos Estados nacionais e suas respectivas sociedades nacionais.

Assim, esse processo aponta para o desmanche da unidade do Estado e da sociedade nacional, pois novas relações de poder e de concorrência ocorrem, novos conflitos e incompatibilidades entre os atores e unidades do Estado de um lado e novas identidades, atores e processos sociais transnacionais de outro, (BECK, 1999).

A valorização do capital, no processo de globalização ou mundialização, abraça um conjunto de regiões do mundo onde há recursos

e mercado, evidenciando ainda mais o caráter excludente⁶ e destrutivo da lógica do capital, destacado abaixo:

[...] Para muitos, o conceito de massa é suficiente, claro, explicativo. A massa é naturalmente composta de trabalhadores assalariados, empregados e desempregados, na cidade e no campo. É uma coletividade forte, impressionante, mas que depende de instituições, regras, objetivos e meios para organizar-se, manifestar-se. Caso contrário transborda dos limites do razoável, da conveniência, da ordem. Por isso, depende da elite (IANNI, 1989, p. 12).

A polarização ocorre nos países, chamados países desenvolvidos, por terem maior acumulação de capital, maior poder de decisão e negociação sobre os países conhecidos como em desenvolvimento. Os efeitos do desemprego são resultantes do distanciamento entre os países situados no âmago do oligopólio – Estados Unidos, Japão e Europa – e os da periferia.

Como na época do imperialismo, há um intercâmbio desigual entre os países que assumem o papel de reserva de matérias-primas e os dominantes. Os países do centro do eixo econômico vêem os que estão em regiões pobres não como países em desenvolvimento, mas como pesos mortos cujos imigrantes os ameaçam; e não só, pois vêem possibilidades de ditar mudanças econômicas, financeiras que os favoreçam, por meio de uma super apropriação de riquezas (oligopólios).

É o capital que orienta o mercado e o poder – afinal, esse é o sistema capitalista –, mas a exploração dos países que não pertencem ao oligopólio é cada vez maior. Nesse processo, surgem novos atores nas relações de poder nacionais e internacionais, que transcendem as fronteiras, as identidades e os interesses nacionais.

Castells (2003) continua a discussão sobre o tema oligopólio e ressalta a importância das redes na crescente espiral da globalização; com

⁶ IANNI, Octavio (1989 p.7-27). *A sociologia e o mundo moderno*. Aula inaugural proferida no dia 19/03/1988 para os alunos do Curso de Ciências Sociais promovida pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Escrita depois da fala. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia FFLCH-USP.

efeito, no paradigma instaurado nesse processo, a nova tecnologia passa a atuar sobre a informação que, como elemento inerente a toda atividade humana, transcendendo a esfera individual, induz a interação por intermédio das redes, em diversos níveis.

Dos cinco tipos de redes⁷ sustentados por ele, a rede de produtores é a que mais será tratada neste projeto, não que sejam desconsideradas as demais redes: rede de fornecedores, rede de clientes, coalizões-padrão e rede de cooperação tecnológica, mas por ser a rede de produtores de grande importância para o posterior entendimento deste trabalho.

Quando citado no livro o texto: “Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas [...] e para uma organização social que vise a suplantação do espaço [...]” (CASTELLS 2003, p. 566), o “nó” de intersecção do agente de produção (trabalhador agrícola) abre a possibilidade de sua inserção na economia, segundo as alternativas não só próximas, mas também as remotas (da imigração).

Na Primeira e na Segunda Revolução Industrial era usada a força física do homem como um dos principais fatores de produção. Já a última, a Terceira Revolução Industrial, requer cada vez com mais intensidade a utilização da capacidade mental e intelectual do trabalhador. Toffler⁸, em seu livro *A terceira onda*, entende essas etapas da evolução tecnológica, pelas quais a humanidade passou e passa, como “ondas” e considera que, das três fases da Revolução Industrial, a Terceira está em operação.

⁷ Definição de Redes citada por Castells: “Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é, depende do tipo de redes concretas”. (CASTELLS, 2003, p. 566).

⁸ TOFFLER, Alvin (1980), em *A Terceira Onda*, discute profundamente as mudanças revolucionárias da civilização, classificando-as em três grandes etapas: 1ª Onda – Revolução Agrícola (8000aC. até 1750 dC.); 2ª Onda – Revolução Industrial (final do século XVII e início do século XIX) e 3ª Onda – A Revolução Tecnológica. In: SEABRA, C. Uma nova educação para uma nova era. A revolução tecnológica e os novos paradigmas da sociedade: IPSO, Toffler, A. Powershift – As mudanças no poder. São Paulo: Record, 1994.

Toffler (1980) discute o movimento econômico que tem como forte ponto de apoio a microeletrônica associada à informática, o que a literatura especializada denomina de Terceira Revolução Industrial. É a mundialização econômica capitalista modificando o processo produtivo e exigindo a reorganização das empresas e das pessoas.

É, portanto, o capitalismo que se organiza em prol das multinacionais. Tem-se nesse momento históricas alterações nas relações do homem com o trabalho, não apenas de caráter quantitativo, mas qualitativo.

Nessa Terceira Onda, o valor de conhecimento agregado aos produtos supera a mão-de-obra do trabalhador e o preço da matéria-prima. Sem dúvida, as sociedades desenvolvidas estão vivendo a Terceira Onda, que é tratada como a “revolução da inteligência” enquadrada na Terceira Revolução Industrial, na qual a informação assume o papel de “moeda globalizante”: “as decisões tomadas no cotidiano das pessoas são avaliadas pelo acesso que se tem aos meios intermediários da informação”, segundo Toffler (1980).

Chesnais, em *A mundialização do capital* (1996), discute esse tema sob a ótica da sociologia. Afirma que, na nossa sociedade, o salário recebido é empregado na aquisição do que é necessário à sobrevivência. Os produtos fabricados no local do trabalho não pertencem aos trabalhadores. Todos vendem sua força de trabalho e não se beneficiam dos produtos finais: “O trabalho humano é, mais do que nunca uma mercadoria, a qual ainda por cima teve seu valor venal desvalorizado pelo ‘progresso técnico’ [...]” (CHESNAIS, 1996, p. 42)⁹.

As sociedades serão informacionais não porque se encaixem em um modelo específico de estrutura social, mas porque organizam seu sistema produtivo em torno de princípios de maximização da produtividade baseada em conhecimentos, por intermédio do desenvolvimento e da difusão da tecnologia de informação e pelo atendimento dos pré-requisitos para sua utilização (principalmente

⁹ Essa característica capitalista foi constatada *in loco*, quando da visita ao Paraguai: os trabalhadores rurais e mesmo os agricultores não se beneficiam dos nutrientes da soja, não se alimentando com o grão da soja, pois, toda a produção é exportada diretamente para a China e Estados Unidos, dentre outros.

recursos humanos e infra-estrutura de comunicações.
(CASTELLS, 2000, p. 226).

Em suma, o processo de globalização torna maior a possibilidade de relacionamento entre os países. Entretanto, é excludente para a maioria dos países que não faz parte do eixo econômico de poder. A questão que fica dessa aparente contradição entre o processo de globalização econômica e a formação de novas sociedades globais é se essas sociedades são, real e amplamente, globais ou apenas um esforço de se posicionar frente ao mercado mundial.

Ampliando este discurso Bógus (2007, p.165) chama atenção para os “fenômenos emergentes no processo de globalização contemporânea”, considerado por muitos autores não como fenômeno novo, mas como fenômeno desde o século XVI, com as grandes conquistas e no qual a migração internacional também fez parte do contexto que assume “novos contornos” e apresenta “novos desafios” tanto na questão do entendimento, como na questão do processo de globalização propriamente dito (BÓGUS, 2007, p. 165), e ampliando o entendimento do processo de globalização,

Tal processo já se teria iniciado no século XVI com as conquistas coloniais e continuado através dos últimos séculos, com a expansão do capitalismo e seu imperialismo econômico e cultural. [...] (SANTOS, 1995 *in* BÓGUS, 2007, p.165).

No entanto os fenômenos no processo de globalização apresentam muitos desafios sendo esclarecido por Bógus (2007) como:

Frente a tais desafios, é necessário pensar o processo de globalização, entendendo-o como uma nova expansão do capitalismo, que impõe uma racionalidade, padroniza culturas e acaba criando a ilusão de uma totalidade que de fato não existe. (BÓGUS, 2007, p. 165).

Dentre os fenômenos citados por Bógus (2007) a reflexão sobre cultura, desigualdades nacionais e regionais, mundialização da cultura toma corpo:

A totalização necessária de abrangência mundial aparece como 'globalização', 'mundialização da cultura', etc. Mundialização que abstrai a reflexão crítica dessa totalização. Assim, a cultura, a sociedade global, parecem tornar praticamente absolutas as formas concretas que se apresentam hoje. Instala-se um deslumbramento frente à realidade global; a globalização existiria autonomamente como dado fatual, restando apenas inserir-se nela (LEO MAT, 1996, p. 3 *in* BÓGUS, 2007, p. 166).

Ocorre a exclusão social para uma determinada parcela da população, principalmente nos países de Terceiro Mundo diante da mudança na relação trabalhador-salário, ocorre a reestruturação no sistema produtivo além do papel do Estado-Nação se enfraquecer, amplia-se a força dos blocos regionais.

As fronteiras desaparecem, porém, apenas no interior de cada bloco, fortalecendo-se para os que estão fora, excluídos dos grupos hegemônicos, participando de maneira tangencial do processo de globalização. [...] Nas manifestações de xenofobia presentes em várias sociedades antes exportadores de população e hoje receptoras de migrantes – caso de vários países europeus – a questão da identidade nacional ressurgiu num quadro onde, teoricamente, deveria diluir-se, se consideradas as premissas da chamada globalização. Entretanto, conforme já firmado, a “diluição de fronteiras” é pensada como possível apenas no interior dos blocos, num território bem demarcado. Para os “estrangeiros”, geralmente oriundos de ex-colônias, edificam-se verdadeiras “muralhas invisíveis”, e a entrada de imigrantes clandestinos torna-se assunto da polícia de fronteiras, sendo normatizada e reprimida enquanto tal. (BÓGUS, 2007, p. 166). [Grifo nosso].

Entendendo-se a globalização como possibilidade de exclusão para alguns grupos sociais e países que não conseguem se incorporar às determinadas situações.

1.2 O SURGIMENTO DO MERCADO COMUM DO SUL – MERCOSUL

O sentimento de união apareceu na América Latina de forma progressiva (conforme se visualiza no Anexo A), de modo a encorajar tendências de união entre Estados soberanos, levando às primeiras tentativas concretas de integração. Diversas tentativas de projetos de integração acabaram por fracassar, a saber: Congresso de Lima (1848),

Tratado Continental de Aliança e Assistência Recíproca (1858), Sistema Interamericano e União Internacional das Repúblicas Americanas (1889/1990), Código Bustamante (1928). No entanto, a necessidade, diante do mercado mundial, da formação de blocos econômicos entre os países como estratégia de sobrevivência econômica frente às grandes potências mundiais, entre elas Estados Unidos e Japão, permaneceu (MEIRELLES, 1999).

Dentre esse panorama de tratados políticos, deve-se citar a criação, em 1960, da ALALC – Associação Latino-Americana de Livre Comércio –, que tinha como signatários Brasil, Chile, Argentina, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Posteriormente, todos os demais países da América Latina aderiram ao Tratado. Com a ALALC, buscava-se a ampliação de mercados e a liberalização de intercâmbio pelo desmantelamento de medidas protecionistas, por meio de negociações multilaterais, produto a produto.

Em 1980, a ALALC foi substituída pela ALADI – Associação Latino-Americana de Integração –, mas as tendências protecionistas persistiram e os países-membro ainda mantinham restrições com relação a uma visão comum mais ampla. Assim, essa associação não gerou os benefícios esperados inicialmente pela integração e, dessa forma, resultou em fracasso. Foi com o fim da ALALC / ALADI que os movimentos de integração parciais passaram a ganhar força, na medida em que se passou a entender que o processo de integração somente teria êxito quando seus objetivos fossem menos ambiciosos, mais pragmáticos e gradativos (MEIRELLES, 1999).

Assim, a partir do contexto dos anos de 1980, os países latino-americanos mudaram, pois, seu enfoque no que diz respeito à integração, dando ênfase a acordos bilaterais mais concretos, precursores dos acordos integracionistas de hoje.

Durante o período das presidências Sarney-Alfonsín (Brasil – Argentina)¹⁰ foi lançada a ideia da criação de um Mercado Comum no Cone Sul. O Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento Brasil-Argentina, de 29/11/1988, previa, entre outras linhas, “a liberação completa do comércio de bens e serviços em prazo máximo de dez anos” e objetivava a formação de um espaço econômico comum. Assim, o Tratado de 1988 representava uma forma de promover integração por meio de acordos setoriais.

Sucederam-se mudanças nos governos do Brasil e da Argentina, o que gerou alterações nos programas econômicos e, com isso, a adoção de novos critérios de modernização e de competitividade. Em 06/07/1990, foi assinada a Ata de Buenos Aires entre os presidentes Fernando Collor de Mello e Carlos Menem, que previa o início do funcionamento do Mercado Comum até 01/01/1995.

Na América Latina, no entanto, a tentativa mais concreta e abrangente de se formar um bloco comercial competitivo no mundo globalizado culminou com a formação do Mercosul que busca essa nova ordem mundial econômica para a região. Todavia, além de maior integração entre os países-membros, o bloco tem procurado a inclusão de países que ainda não se lhe aderiram, mas que geográfica ou historicamente pertencem a esse bloco. Nesse contexto, observa-se a interpretação de Hassab Zaoual:

¹⁰ **Antecedentes Cronológicos da Criação do Mercosul** – segundo consulta ao Consulado General de la República del Paraguay – Em 29/07/1986 Reunión de Alfonsín y Sarney en Buenos Aires; Integración Argentino – Brasileña. Em 07/04/1988 Reunión en Brasília y Sanguinetti; Protocolos de Cultura y Administración Pública y Moneda. 29/11/1988 Reunión en Buenos Aires: Tratado de integración y Cooperación Argentino – Brasileña. Creación de un espacio económico común en un plazo de 10 años. 01/08/1990 Reunión de Ministros de Relaciones Exteriores y de Economía de Argentina, Brasil, Chile, y Uruguay: Propuesta de ampliación de su espacio económico. Invitación al Paraguay para participar del proceso del Mercado Común. 06/09/1990 Reunión del Grupo Mercado Común en Buenos Aires: Se inicia la negociación del Tratado Cuatripartito para la formación del Mercado Común. 02/10/1990 Reunión del Grupo Mercado Común en Brasília: Elaboración del anteproyecto para el Tratado del Mercado Común. 18/12/1990 Acuerdo de Complementación Económica Argentina – Brasil en Montevideo: Establecimiento del calendario de reducciones arancelarias mutuas para el 31 de Diciembre de 1994. 21/02/1991 Reunión del Grupo Mercado Común; Conclusión del Proyecto de Tratado y sus anexos. 26/03/1991 Firma del Tratado de Asunción: Se da inicio al MERCOSUR. 29/11/1991 Entrada em vigor del Tratado de Asunción. [Grifo nosso].

Tal unicidade fundamenta a diversidade dos múltiplos sítios¹¹ de uma região, de uma nação, de um continente e, finalmente, do conjunto da humanidade. Assim, a diversidade é onipresente e proliferante em razão dos intercâmbios e da incessante mudança que caracterizam todos os meios sociais. A humanidade é uma e diversa (ZAOUAL, 2003, p. 112) [Grifo nosso].

Segundo informações da CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, em março de 2006 a assinatura do Tratado de Assunção¹² pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai completou quinze anos, tendo passado por várias etapas que provocaram expectativas diversas, desde favoráveis até as mais pessimistas¹³.

O Tratado de Assunção do Mercosul estipula diretrizes para a formação do Mercado Comum, dentre as quais constam: a) livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países; b) estabelecimento de uma tarifa externa comum; c) coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os Estados-Parte; d) compromisso dos Estados-Parte de harmonizar suas legislações (ROLON, 2000).

Apesar da pouca relevância das diferenças estruturais entre os países vizinhos do Cone Sul, conforme estudo da CEPAL, cada país-membro encontrou “o seu caminho”, mesmo sem a existência de uma negociação que fizesse convergir as economias e que “neutralizasse as diferenças” (CEPAL, 2006, p. X). Nesse sentido, o Mercosul ainda foi pouco foi explorado como bloco econômico de fato.

¹¹ HASSAN ZOUAL, economista e pensador de origem marroquina, professor da Université du Littoral – Cote d’Opale, em Dunkerque, norte da França, apresenta a elaboração de uma teoria do local, em sua dialética com o global, designada como teoria dos “sítios simbólicos de pertencimento” ou de “pertença” (*sites symboliques d'appartenance*). Um sítio é um local em sentido geográfico (bairro, cidade, microrregião, região, país etc.) e também em sentido simbólico (adesão a uma cultura, a uma ideologia, a uma religião).

¹² Baumann e Mussi (2006), em documento elaborado para o Escritório da CEPAL no Brasil, referem que. O exercício de integração criado a partir do Tratado de Assunção é único, em diversos sentidos. De imediato, é provável que não exista no planeta outro grupo de países de dimensões tão díspares e com pretensão de constituir uma União Aduaneira. Além disso, nenhum outro exercício no hemisfério ocidental experimentou aumento tão pronunciado de transações intra-regionais (comércio e investimento) como o Mercosul até 1998, do mesmo modo que nenhum outro exercício apresentou retração tão intensa nessas mesmas transações quanto o Mercosul entre 1998 e 2003.

¹³ Quinze anos é um período suficientemente longo para justificar uma análise dos resultados obtidos. No entanto, não é fácil atribuir à existência ou ao formato negociador do Mercosul os resultados observados na estrutura produtiva dos países que transcendem o âmbito do acordo regional (BAUMANN; MUSSI, 2006, p. 2).

Acompanhando de perto esse contexto, os dois vizinhos Paraguai e Uruguai foram convidados, em agosto de 1990, a participar do processo de integração Brasil-Argentina. Desde esse momento estava presente o conceito estratégico de que, atuando em bloco, os países do Cone Sul poderiam entabular negociações econômicas com outras regiões em posição mais favorável. Em 26/03/1991, foi assinado o Tratado para a Constituição de um Mercado entre o Brasil, Argentina, Paraguai e o Uruguai, formando, então, o Mercosul – Mercado Comum do Sul.

O processo de integração desenvolvido no quadro do Mercosul inscreve-se no esforço realizado pelos governos dos quatro países para ampliar e aprofundar as medidas de liberalização comercial em curso em todos eles, mas como um processo lento e gradativo, ao contrário de acordos anteriores. Assim, o Mercosul torna-se importante na medida em que reforça o poder de negociação de cada país no contexto internacional.

Entretanto, cabe destacar, ainda, que o Mercosul nasceu como um grande desafio e sinônimo de avanços nas relações políticas do Cone Sul, marcadas contudo, por grandes assimetrias e diferenças em qualquer aspecto que se queira refletir. Argentina e Brasil naturalmente são a mola mestra sob a qual estão o Paraguai e o Uruguai (ROLON, 2000). Geralmente, pouca atenção tem sido dada à contribuição desses países menores no impacto da alteração geral do bloco Mercosul e, menos ainda, às relações bilaterais entre os países menores e Argentina e Brasil. Descortinar a importante relação entre Brasil e Paraguai e as consequências econômicas e, especialmente, sociais provenientes dela, está sendo o grande desafio.

Cumprir registrar que, juntos, os primeiros países que formam o bloco ocupam onze milhões de quilômetros quadrados, Beçak (2000) esclarece que a formação do Mercosul, é mais uma resposta dos reflexos do mundo europeu e americano, destacando o texto do próprio Tratado de Assunção (preâmbulo), de 24 de março de 1991.

Tendo em conta a evolução dos acontecimentos internacionais, em especial a consolidação de grandes espaços econômicos, e inserção internacional para seus países [...] expressando que este processo de integração constitui uma resposta adequada a tais acontecimentos. (BEÇAK, 2000, p. 83).

No contexto da esfera pública, a formação do Mercosul é mais uma resposta regional do que uma “consciência da representatividade” dos países do bloco, apresentando maior intercâmbio comercial entre os países-membros, decorrente de uma transição primeiramente política (do autoritarismo para a democracia), pois só depois é que avançaram nas reformas (econômicas e institucionais) necessárias para a completa formação do bloco, que até os dias de hoje se encontra em processo de estruturação.

O Mercosul talvez seja o mais importante projeto de política externa do Brasil, mas que não conseguiu efetivar concretamente o seu objetivo de favorecer a economia latino-americana, a ponto de diminuir sua dependência das economias das grandes empresas transnacionais que dominam o processo de transformação econômica.

O que se constata é que a relação entre os países do Mercosul, como bloco econômico ativo, fortaleceu as relações fronteiriças, e entre elas, a relação Brasil e Paraguai. Daí, especialmente nos anos 1970, ocorreu aumento no fluxo migratório de brasileiros¹⁴ para o Paraguai, com base na expectativa de melhorar suas oportunidades econômicas por meio do cultivo agrícola nas terras paraguaias.

Pelo Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul (2002), estabeleceu-se que cidadãos de quaisquer países do bloco, natos ou naturalizados há pelo menos cinco anos, têm um processo simplificado para morar no país escolhido por dois anos, sendo exigido: passaporte válido, certidão de nascimento, certidão negativa de antecedentes criminais e, em alguns países, certidão médica de autoridade

¹⁴ Para Patarra (2002, p. 31), “[...] a questão da mobilidade espacial transnacional de pessoas e suas implicações passam a constituir dimensão inerente à relação entre população e desenvolvimento, bem como parte integrante de políticas populacionais”.

migratória. Em alguns casos, comprovada a possibilidade lícita de sustento próprio e da família, essa residência poderá se transformar em permanente.

Tanto essa possibilidade como as disparidades existentes entre a legislação tributária¹⁵ dos países envolvidos, neste caso, especificamente, Brasil e Paraguai, são citadas de forma a reduzir as barreiras existentes na integração do Mercosul¹⁶. Essas disparidades se constituem em dificuldades para o crescimento econômico dos brasileiros, não somente para os agricultores e pecuaristas, mas para toda uma população onerada por altos impostos. Publicações recentes do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – mostram que o Brasil está entre os países de maior tributação fiscal. Este fato foi citado pelos entrevistados como também sendo um dos fatores de expulsão.

O surgimento do Mercosul, o acordo de residência e o desenvolvimento econômico paraguaio baseado na agricultura constituíram, pois, fatores que permitiram a participação de imigrantes brasileiros como detentores de propriedades e trabalhadores rurais, estabelecendo-se como uma comunidade naquele país, tendo conquistado, em geral, um espaço

¹⁵ A história econômica do Brasil tem sido tecida pela descontinuidade e arbitrariedade; medidas econômicas são tomadas ao arrepio da Constituição, como combustíveis eleitorais, sem falar da corrupção. Exemplo do primeiro caso é a sucessiva troca de moedas: a partir de 1942, tivemos oito moedas, com valores a cada troca, majorados para mil vezes o seu valor, gerando inflação e insegurança.

In BC – Banco Central do Brasil - Acesso em 07/01/2008.

Por ocasião do orçamento anual, usa-se do subterfúgio da contribuição temporária, às vezes, renovada sucessivamente, até se incorporar ao grupo de impostos definitivos e oficiais, como o caso (recente) da CPMF – Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira. Nossa carga tributária, que se define como a proporção entre o volume de riqueza do país e a arrecadação do governo cresceu, de 1947 a 2005, de 13,8%, para 37,37% do PIB – Produto Interno Bruto –, baseado em consulta ao site BBC-Brasil.com (2003).

No segundo caso: o sistema paraguaio de impostos contrasta com a nossa pesada carga tributária. A arrecadação provém mais da exportação, considerando que a economia paraguaia é basicamente exportadora (75%); não tem Imposto de Renda Pessoa Física. Sobre a circulação de mercadorias e serviços a taxa é de 10%, circunstâncias essas que reduzem a carga tributária a 9%, contra os 36% / 37% no Brasil do PIB. O IVA – Imposto sobre Valor Agregado – é equivalente ao nosso ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços. In BBC Brasil. Com. Acesso em 07/01/2008.

¹⁶ Segundo Flores (2005), o Mercosul originou-se da formação de um “bloco regional periférico, pleno de simbolismos e representando uma visão de regionalismo aberto”. Evoluiu em várias etapas: “[...] foi assinado em 26/03/1991 o Tratado de Assunção objetivando a constituição do Mercado Comum do Sul (Mercosul) pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai”. “Este tratado, que define as bases para a criação do mercado comum, foi aditado por protocolos adicionais, entre os quais se destaca o Protocolo de Ouro Preto sob aspectos Institucionais estabelecendo a nova estrutura institucional do Mercosul destinada a vigorar durante o período de consolidação da união aduaneira”.

satisfatório e com qualidade de vida melhor do que aquela que possuíam no Brasil.

Decorre, por conseguinte, um interessante fenômeno cultural que surgiu no país: grandes contingentes de brasileiros se fixaram e desenvolveram sua própria maneira de ser nas regiões do Alto Paraná, no Paraguai. Essas comunidades, entretanto, ainda têm sido pouco estudadas do ponto de vista econômico-social, no que tange a particularidades do seu modo de vida e de sua permanência no transcorrer das gerações.

1.3 A CULTURA NA GLOBALIZAÇÃO – MISCIGENAÇÃO CULTURAL

Para Dowbor¹⁷ e colaboradores (2001), no âmbito das relações internacionais, entendidas como confluência de saberes, a reedificação institucional das relações internacionais, na rotina acadêmica clássica, assume, unilateralmente, o agente estatal e suas várias intervenções. Fica aí patente a desatenção para com o conhecimento da realidade de forma mais ampla e complexa. Surge a ideia da análise da realidade cultural do povo e das possíveis miscigenações entre Estados.

Se, com a globalização, o poder do Estado Nacional acaba se esvaindo, de certa forma faz sentido pensar que a cultura da nação também acaba sofrendo influências de outros Estados Nacionais por causa do trânsito de informações, das relações comerciais e sociais que elas estabelecem. Assim, um pouco em detrimento da Federação e do Estado Nacional, se fortalece a “identidade cultural mista”, proveniente das diversas relações entre sociedades diferentes.

¹⁷ Prof^o Dr. Ladislau Dowbor (por Mauro Cezar Pereira), Jornal *Valor* 23/4/2002. Formado em Economia Política pela Universidade de Lausanne, Suíça; em Ciências Econômicas, pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia (1976). Atualmente é professor titular no setor de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Presta consultoria às agências das Nações Unidas, governos, municípios e Senac. Atua como conselheiro na Fundação Abrinq, Instituto Polis, Transparência Brasil e em outras instituições.

Pela via cumulativa do aprimoramento e ampliação do âmbito dos meios de transmissão dos códigos sociais, fabrica-se o homem antigo no seu local, o homem moderno na sua nação, o homem contemporâneo no planeta terra, pela combinação de regras de comportamento econômico-político-social-cultural (DOWBOR e cols., 2001, p. 158).

Ainda segundo esse autor, as tradições locais, os Estados Nacionais ou a hegemonia imperial dos países desenvolvidos impõem determinada língua, representações por imagens, maneiras de raciocinar, de decidir, de vestir e de gostar, a ideia de justo e injusto, do verdadeiro e do falso. Aqui, o paradigma que se forma é o do poder do Estado Nacional *versus* a regionalização ou miscigenação, dentro do processo de globalização.

Dowbor faz uma severa crítica à homogeneidade nacional e mostra que a quebra desse paradigma se dá em favor de uma miscigenação cultural:

[...] a quebra da multiplicidade de pertencas no interior do território nacional se fez, e ainda se faz, a dano de particularidades, a crédito da homogeneização da vida, entoada em um único hino, colorida de uma única bandeira, motivada por uma única paixão (DOWBOR e cols, 2001, p. 158).

Nesse sentido, a categoria de identidade aponta para a permanência de um determinado modo de ser. O desafio, então, é trabalhar com novas categorias, no momento em que as tecnologias de comunicação e informação se fazem porosas às fronteiras, desterritorializando relações. O chamado processo de mundialização, decorrente dessa intensificação das comunicações no âmbito da economia, da política, da cultura faz com que potencialmente tudo exista em rede, ou seja, conectado, entrelaçado, tramado como os fios de um tecido. Essa ideia vem do fato de se poder viver melhor e de que para viver bem se devem ter opções de escolha, mesmo que isso signifique recriar alguns outros aspectos da realidade.

Complementarmente, a categoria de mestiçagem é o que dá acesso ao mundo pós-contratual, pois a capacidade de amizade instaura o

quadro relacional de constantes recriações individuais e coletivas, gerando, dessa forma, processos alternativos de sociabilidade, de interação, de troca.

A metáfora da mestiçagem é aqui assumida isenta do pressuposto de mistura do que é originalmente puro. Interessamos a referência a espaços intermediários, interstícios, espaços *in between, in among*, onde se desenvolvem novos modos de pensar, de viver, novas formas de existência não confinadas, muito bem informadas e participativas (DOWBOR e cols., 2001, p. 164).

Com o exposto até o momento, a fragmentação do Estado Nacional – principalmente pelo trânsito mundial de informações e estabelecimento de relações comerciais transnacionais – influenciou uma nova configuração da sociedade, algumas vezes chamada de “aldeia global”. A palavra “aldeia” traz o sentido de uma comunidade única, na qual todos os seus integrantes se relacionam. Acrescentando-se a isso o termo “global”, tem-se uma metáfora que diz que o mundo todo é uma comunidade única, na qual todos os seus integrantes se relacionam.

Pondo-se de lado o fato de essa expressão ser um pouco exagerada e utópica, visto que a internacionalização de forma plena aconteceu, principalmente, em um determinado eixo de países, é importante realçar que a influência cultural dessa troca de informações e relacionamentos gerou novas sociedades.

Um aspecto importante e que não foi mencionado até agora se refere ao fator “proximidade” como grande facilitador nessas relações. Países fronteiriços têm, por natureza, a vantagem de se relacionar, em contraste com países que estão separados geograficamente. Soma-se a isso o fato de que países em desenvolvimento, muitas vezes fronteiriços, tentam se agrupar em blocos para fortalecer seu poder de mercado (e sua economia) e participar dessa “aldeia global” de forma mais competitiva.

Importante, também, é analisar como esse contexto exerce influência na formação de uma nova cultura que, ao mesmo tempo em que diminui as fronteiras dos Estados Nacionais, caminhando para uma

sociedade global, possui particularidades em sua realidade socioeconômica e cultural, a ponto de alterar radicalmente a identidade nacional.

O Contexto Diplomático das grandes potências se refere aos países que, pelo poder que detêm, buscam estabelecer os parâmetros estruturais da ordem mundial, muitas vezes numa relação de dominação-submissão. Já o Contexto Regional resulta dos inter-relacionamentos que ocorrem entre os países que compartilham uma mesma área geográfica – como veremos a seguir o caso do Mercosul. E o Contexto Contíguo se refere às relações estabelecidas entre países que possuem fronteiras em comum – como complementarmente é o caso da relação Brasil – Paraguai, ainda que dentro do Mercosul (ZAOUL, 2003, p.112).

Nesse sentido, diversos fatores e processos interagem para formar novas identidades culturais que precisam, ainda, ser avaliadas cuidadosamente. Com efeito, segundo Zauol (2003), existe uma estrutura simbólica que corresponde a todo o conteúdo imaterial: crenças, conceitos e comportamentos. Esse universo está presente e impregna todos os relacionamentos de maneira que existe sempre uma dinâmica funcionando em direção da interação e da pluralidade:

[...] o sítio simbólico de pertencimento é um marcador imaginário de espaço vivido. Em outros termos, trata-se de uma entidade imaterial (ou intangível), que impregna o conjunto do universo local dos atores. Sempre o sítio é singular, aberto ou fechado. Ele contém um código de seleção e de evolução própria: nesse sentido, é dinâmico. Contrariamente ao culturalismo, o estudo dos sítios (*sitologie*) é uma abordagem não estática, pensando no plano de movimento, de complexo e de mestiçagem cultural. [...] crenças, conceitos e comportamentos se articulam em torno de um sentido de pertencimento e criam forte relatividade das leis econômicas no momento em que o mundo parece uniformizar-se (ZAOUL, 2003, p. 112).

Para Wanderley¹⁸ (2007), a colonização do Planeta adquiriu um contexto específico nas relações sociais, que considera importante e significativa tanto para os estudos da questão social francesa como para as relações sociais que se formaram na América Latina, este entendimento é de quem transcrevo o texto:

¹⁸ WANDERLEY, Luiz Eduardo W. (2007, p. 51-153). *A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho*. In Mariangela Belfiore-WANDERLEY, Lucia BÓGUS, Maria Carmelita YASBEK (orgs). *Desigualdade e a questão social*. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: EDUC, 2007, p. 51-153.

Conteúdo especial na multidimensionalidade das relações sociais e na forma pela qual os sujeitos, individuais e coletivos, são determinados pelos processos e estruturas sociais e, ao mesmo tempo, instituem esses processos e estruturas. Ela resulta das particularidades assumidas pelos modos de produção e pelos modos de desenvolvimento que se constituíram em cada sociedade nacional, das quais se pode inferir um conjunto de elementos comuns válidos para a Região como um todo. Em seu cerne, ela é fruto das desigualdades e injustiças que se estruturaram na realidade do continente, ocasionadas pelas profundas assimetrias nas relações sociais em todos os níveis e dimensões expressas, principalmente, pela concentração de poder e de riqueza em certos setores e classes sociais, e pela pobreza e opressão de outros setores e classes, que foram e continuam sendo a maioria populacional. Pobreza que vem-se ampliando nas últimas décadas, em que pese o fato de pequenas variações, aqui e acolá, que não mudam substancialmente a estrutura social (WANDERLEY, 2007, p. 8-9).

Acompanhando este entendimento e destacando que no contexto histórico-estrutural do continente da América Latina ainda apresenta os “traços indeléveis” da longa história que marca o continente: “colonização, lutas pela independência, modos de produção, formas de dependência, planos de desenvolvimento, tipos de Estado, políticas sociais, etc.” (WANDERLEY, 2007, p.51). E o autor continua a esclarecer suas hipóteses *versus* a realidade da América Latina,

A realidade latino-americana é una e diversa. Se ela comporta características comuns, derivadas exatamente dos referidos traços, ela se compõe simultaneamente de um mosaico diferenciado de elementos derivados dos modos como os povos construíram e estão construindo suas trajetórias de vida (WANDERLEY, 2007, p.52). [Grifo nosso].

Desta forma as parcas conquistas sociais, as desigualdades que se apresentam em toda a América, além das injustiças sociais e a trajetória do crescimento econômico, vão se destacar assimetricamente e com resquícios de grande desigualdade, tanto no desenvolvimento desigual dos países, como na produção, na estratificação social e cultural, na dominação política, “ao lado de outros fatores importantes, tais como territoriais, demográficos, étnicos, de gênero” (WANDERLEY, 2007, p.55) logo, no tópico a seguir será focado apenas o crescimento econômico do país em questão: o Paraguai.

1.4 PARAGUAI: ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O Paraguai está dividido pelo rio Paraguai em duas regiões naturais, configuração topográfica (conforme ilustração nº 1) importante para o entendimento do panorama da agricultura e forte imigração ocorrente no país. Assim, o rio Paraguai divide o país em região oriental, com planícies irrigadas pelos afluentes fluviais, onde há maior produção agrícola e a região ocidental – o Chaco Boreal de savanas e secas.

Os anos de 1960 – durante a ditadura do governo Stroessner – foram marcados pela expansão da burocracia e da corrupção, que se estenderiam por décadas no país, mas também pela fase da criação de instituições e programas nacionais de desenvolvimento da pecuária, agricultura e colonização (VILLALVA-FILHO, 1998).

Entretanto, é só a partir de 1973¹⁹ que o país passa por uma fase de crescimento e mudanças estruturais. Os altos preços da soja e do algodão no mercado internacional e mais um tratamento fiscal favorável às exportações agrícolas, com empréstimos destinados à agricultura, impulsionam a economia. É também nesse período que se inicia a grande imigração de agricultores japoneses e brasileiros ao Paraguai, que dão incremento ao perfil agroexportador do país.

Nesse sentido, Rolon (2000) refere que o Paraguai dispõe de certo potencial econômico e energético que o torna interessante para a integração na perspectiva dos demais países. O que sugere que a relação entre o Paraguai e os dois vizinhos maiores, Argentina e Brasil, é mais bem entendida nos termos da interdependência assimétrica.

¹⁹ Segundo Beçak (2000, p. 90-91): “O Paraguai possui uma oferta muito diversificada de produtos, sendo que os setores que geram maior receita são as sementes oleaginosas (soja), a fibra de algodão e a madeira, além da grande concentração de hidrelétricas (Itaipu, Paraguai-Paraná, Paraná-Tietê). [...] As exportações paraguaias tiveram nas décadas de 1960 e 1970 a Argentina como seu maior parceiro comercial regional, chegando a absorver em média 75,6% do total a média de exportações paraguaias para os membros do Mercosul, média que caiu para 31,2% na década de 1980”. [...] As exportações paraguaias para o Brasil, que foram praticamente inexpressivas na década de 1960, passaram para uma média de 63,8% na década de 1980. [...] as importações destinadas ao Brasil subiram de uma média de 2% na década de 1960 para uma média de 60,3% na década de 1980”.

Na verdade, o Paraguai tem um papel de destaque regional e é importante para o Mercosul tanto por seu potencial econômico relativo e hidrelétrico, quanto pela questão do equilíbrio de poder na região.

Superada a fase Stroessner a partir de 1973, o Paraguai experimenta um impulso de crescimento com o sucesso internacional de suas exportações agrícolas (soja e algodão), com o conseqüente apoio financeiro à agricultura e é nessa fase que começa a ser atraente para japoneses e brasileiros.

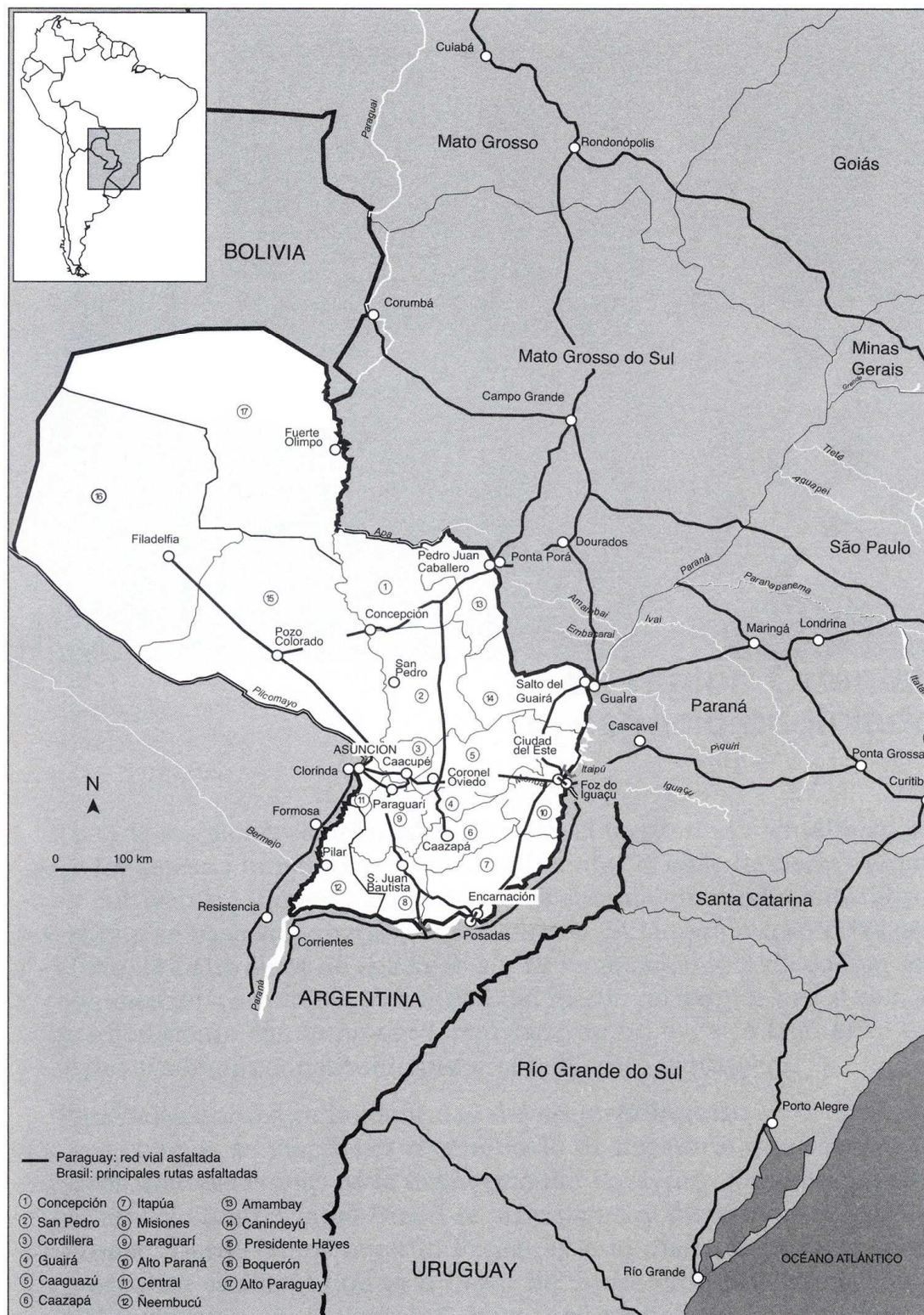


Ilustração 1 – Paraguai e Brasil Meridional

Fonte: Dirección del Servicio Geográfico Militar, Asunción, 1993.

No contraponto dessas constatações, segundo as análises de Rolon (2000), sem nenhuma dúvida, o Paraguai é o país de menor desenvolvimento relativo dentre os membros do Mercosul. Nele pode-se observar a baixa qualidade de serviços públicos básicos e o pouco investimento público no país. Alguns índices podem ilustrar melhor os problemas de infra-estrutura do país: no setor dos transportes, o Paraguai dispõe de 32 quilômetros de rodovias para cada mil pessoas (o Brasil, 50; a Argentina, 82 e o Uruguai, 100). No setor de comunicações, no Paraguai a média é de 19 linhas para cada mil habitantes em comparação com 47 linhas para o Brasil, 72 da Argentina e 100 para o Uruguai. O Paraguai possui uma economia com estrutura produtiva e um Estado que não sofreu reformas econômicas, monetárias e fiscais, que se adequassem às novas exigências do mercado e do próprio desenvolvimento e crescimento econômico. E esse modelo é descrito sumariamente por Rolon:

[...] um modelo de crescimento chamado *hacia afuera* e com a integração defronta-se com a exigência de ingressar em um modelo de exportação de manufaturas e de produtos não tradicionais. Este modelo mais tradicional encontra suas raízes num modo adotado pela Secretaria Técnica de Planificação do Paraguai da década de 1960 que consistia basicamente na exportação de matérias-primas (ROLON, 2000, p. 38).

Assim, ao contrário do Brasil, Argentina e Uruguai – que possuem políticas de estabilização econômica – o Paraguai chega ao Mercosul com uma economia mais aberta e direcionada, adotando um modelo econômico de especialização em duas matérias-primas agrícolas exportáveis (soja e algodão) e o comércio de fronteiras de triangulação ou reexportação. E, ainda, chega ao Mercosul “para consolidar seu comércio e relações geopolíticas, para maior articulação entre os países da bacia platina [...] e para buscar sua ampliação econômica [...]” (ROLON, 2000)

Essa estrutura econômica paraguaia – modelo agroexportador e comércio fronteiriço ilegal – foi colocada em xeque com a entrada do país no Mercosul, pois o que era tido, talvez, como vantagem competitiva torna-se o bloqueio do crescimento de sua economia e aparece como entrave a uma integração vantajosa.

Segundo Rolon (2000), existe uma combinação de fatores positivos, como os provindos das hidrelétricas binacionais - Argentina e Brasil - e o bom desempenho da soja e do algodão, que tiveram influências sobre as estruturas econômicas do país. É a partir desses fatores que a economia paraguaia faz uma ruptura com a Argentina – seu maior parceiro econômico até essa fase – e direciona-se para o Brasil.

Itaipu e o forte desempenho agrícola permitiram o desenvolvimento do empresariado vinculado aos bancos, às finanças e aos seguros. Entre 1973-1981 foram criados 12 bancos, 26 financeiras e seis sociedades de poupança e empréstimos e ainda 30 companhias de seguros (MONTEIRO, 2000, p. 53).

A soja e o algodão foram fundamentais para as mudanças na estrutura econômica do Paraguai nesse período, chegando a responder por mais de 34% da produção agrícola, tendo favorecido não só a expansão de grandes empresas agrícolas, mas também as de tipo familiar, especialmente na região do Alto Paraná, Canindeyú e Tapúa (conforme ilustração nº 2), dominadas por empresas e imigrantes estrangeiros – principalmente brasileiros.

1.4.1 A origem da soja e suas características

Em Hymowitz²⁰ (1970), pode-se ler: “com base em evidências históricas e geográficas e achados arqueológicos, concluiu que a soja emergiu como planta domesticada no nordeste da China por volta do Século XI a.C.”, mas há indicações de seu uso desde o ano de 2207a.C.

Inicialmente foi na Coreia, no norte da China, e de lá para o Japão que a soja aparece na forma cultivada, entre o ano 200 a.C. e o Século III d.C. De lá para cá, a soja tem sido avaliada como o mais importante legume

²⁰ Hymowitz, T. (1970). On the domestication of the soybean. *Econ. Bot.* 24:408- 21, 1970 (*apud* MORAIS, 1990, p. 1).

cultivado; é considerada também planta essencial para a saúde e vida da população chinesa e demais países do mundo oriental.

Atualmente, no mundo ocidental, a soja tem sido “valorizada” pela OMS – Organização Mundial da Saúde. A representação mitológica, como planta nutritiva, para o povo japonês, reforça seu valor nutricional²¹.

²¹ Santos, O. S. (1975, *apud* MORAIS, 1990, p. 3) afirma: Certo dia, o deus do mar – Sasanoo, não correspondeu à confiança de Izanagi. “Considerando-o ingrato, Izanagi destituiu-o de seus poderes sagrados. Sasanoo tornou-se vagabundo e desprezível. Certo dia, faminto, apelou para a deusa do alimento. Esta lhe ofereceu o que possuía. Mesmo assim, não se sentiu satisfeito e, encolerizado, matou-a. No local em que a enterrou brotaram as plantas nutritivas para o povo japonês, entre elas a soja”.

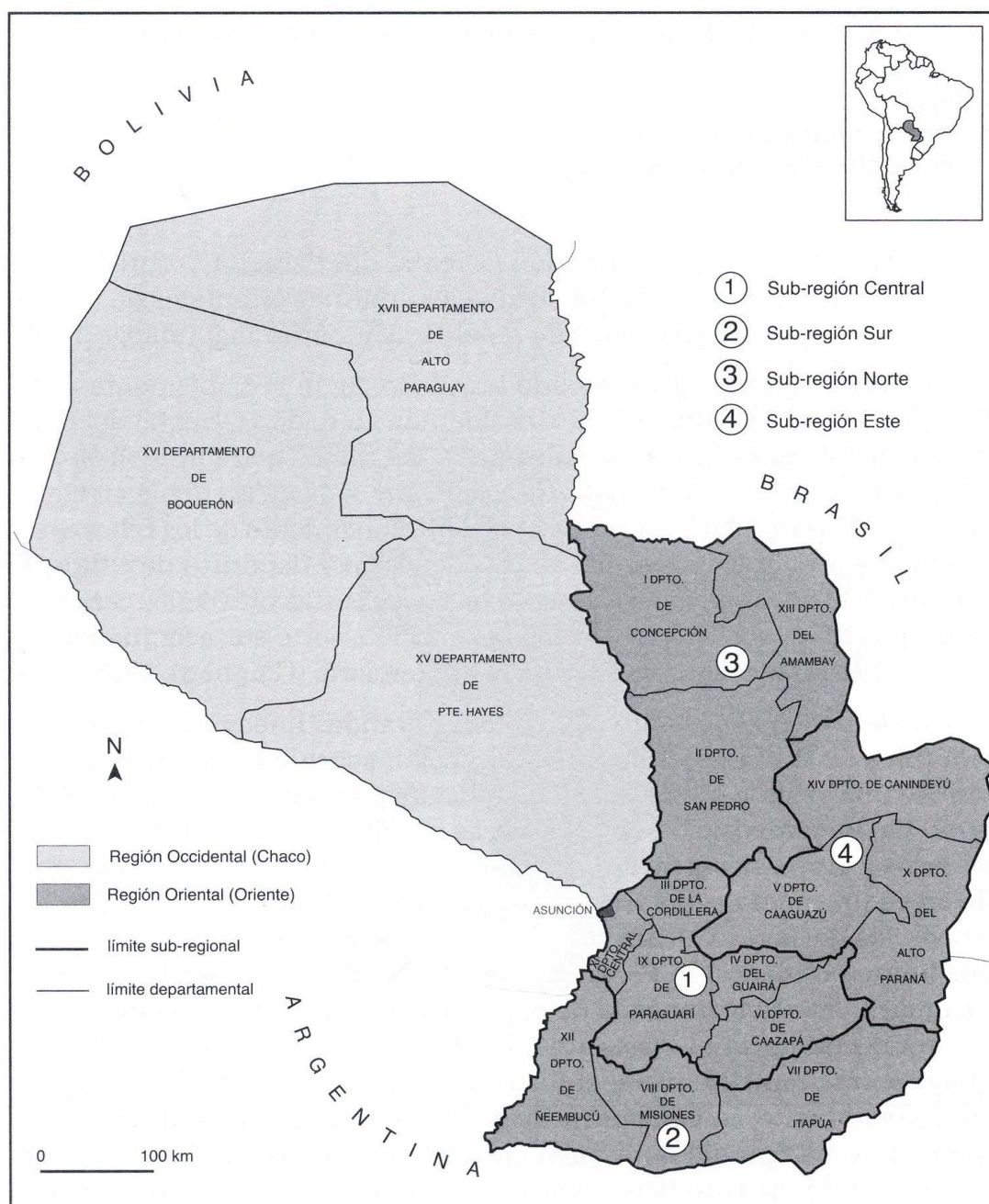


Ilustração 2 – Paraguai, divisões regionais e departamentais

Fonte: Ministério de Agricultura y Ganadería, DCEA, producción agropecuaria 1995/96, síntesis estadística. Asunción. 1996.

O cultivo da soja permaneceu restrito aos países orientais. Esse “grão é utilizado na preparação de uma variedade de alimentos frescos, fermentados e secos” [...] e por alguns povos é muito utilizada “em pratos naturais tradicionais, sem grandes artifícios de industrialização”, segundo Moraes (1990, p. 3).

O povo chinês foi o primeiro a esmagar o grão e transformá-lo em óleo, iniciando o processo da industrialização da soja num sistema fordista²², incluindo-a em importantes componentes para as iguarias culinárias, componente de combustível, aditivo para lubrificantes, componente de cosmético.

Da soja tudo se aproveita, como acontece com a cana-de-açúcar; faz parte da alimentação de rebanhos suínos, caprinos, eqüinos e principalmente bovinos, na sobra do farelo. A soja possui alto valor protéico, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Composição média de alguns produtos derivados da soja

PRODUTO	PROTEÍNA (%)	GORDURA (%)	CARBOIDRATO (%)	FIBRA (%)	CINZA (%)
GRÃO TOTAL	41,0	20,0	31,1	2,3	5,4
FARINHA	50,0	1,0	39,5	3,5	6,0
CONCENTRADO	70,0	1,0	19,5	4,5	5,0
ISOLADO	96,0	0,1	0,3	0,1	3,5

Fonte: Bressani *in* Moraes²³.

Elaborada pela autora com base no texto supra citado.

No Paraguai, a soja (*soybean*) é vendida em *bushels*; sendo um *bushels* 27,2 quilos (exemplo do cálculo de custo: fator de multiplicação 55 X 36,7645 = 210 dólares por uma tonelada), conforme o agricultor entrevistado

²² A cultura da soja movimentou a economia mundial, praticamente na mesma proporção que Henry Ford movimentou a economia americana após o desenvolvimento da Linha de Montagem, na Era da Revolução Industrial. [Reflexão nossa].

²³ MORAIS, A. A. C; SILVA, A. L. (1990) Valor nutricional: biologia da soja, *in* Soja: suas aplicações.

Mario Rolim²⁴, que começou a explorar o agronegócio no Paraguai em 1973, com o cultivo da menta. Ele afirma que: “*crush* é a modalidade da soja esmagada, da qual sai o óleo e o farelo de soja (*soymeal*) que é o alimento para o gado”. E informa ainda que: “O Paraguai possui espaço e silos para armazenar até 120% da soja plantada, situação que deixa o país, em situação de conforto, comparado ao Brasil”. Continua: “as empresas que atuam no processo de armazenagem no mundo são: em primeiro lugar a ADM – Artchie Daniel Midland (americana); em segundo lugar a Cargil (grupo americano) e em terceiro lugar a Bung (grupo francês)”.

Neste contexto, Zaar (2001) informa ser a cultura da soja e a presença dos imigrantes a força do governo Paraguaio como país exportador de produtos agrícolas:

Repetindo uma imigração já realizada por seus avós, a partir de políticas brasileiras no Século XIX e início do Século XX incentivaram a imigração de italianos e alemães, possuidores de um pequeno capital, e com experiências em mudanças e adaptação às novas culturas, estes agricultores se dirigiram à República do Paraguai, principalmente durante as décadas de 1970 e 1980. Em sua maioria adquiriram terras, construíram suas casas e passaram a se dedicar principalmente ao cultivo de soja, o que fez com que a República Paraguaia também se tornasse produtor e exportador deste produto agrícola (ZAAR, 2001, p. 88). [Grifo nosso]

No Paraguai, alguns fatores são responsáveis pelo grande interesse e aumento da produção da soja: o mercado Chinês e seu desenvolvimento, que provocam altas cotações e se transformam em incentivos para os agricultores; as facilidades governamentais no incentivo à exportação; a disponibilidade de silos e seu fácil manuseio; a possibilidade de cultivo do milho na mesma área da soja (entre safra); a disponibilidade de uma estrutura cooperativista e a adequação do solo para diferentes cultivos e para a pecuária (conforme ilustrações nº 3 e nº 4 nas páginas seguintes).

Assim, a energia elétrica e uma boa produção agrícola poderiam compensar a debilidade industrial paraguaia e contribuir para sua

²⁴ ROLIM, Mario, advogado, agricultor no Paraguai, um dos indivíduos entrevistados, que se radicou no Paraguai desde 1973, acrescenta à sua profissão: empresário do comércio e armazenagem de silos, para grãos de soja e milho.

participação mais equilibrada no processo de integração entre os países do Mercosul. Nesse sentido, essas carências e vulnerabilidades podem tornar-se positivas num processo de interdependência e integração regional.

Deve-se destacar, ainda, o fato da cultura da soja ser considerada como produto agrícola de curto canal de comercialização e exportação. Além do mais, o agricultor paraguaio se utiliza do porto brasileiro para escoar a produção.

O advento do Mercosul - com regras estabelecidas para maior intercâmbio entre os países membros - , torna-se um elemento facilitador para os pequenos e médios agricultores, mais especificamente para os brasileiros que lá se fixaram.

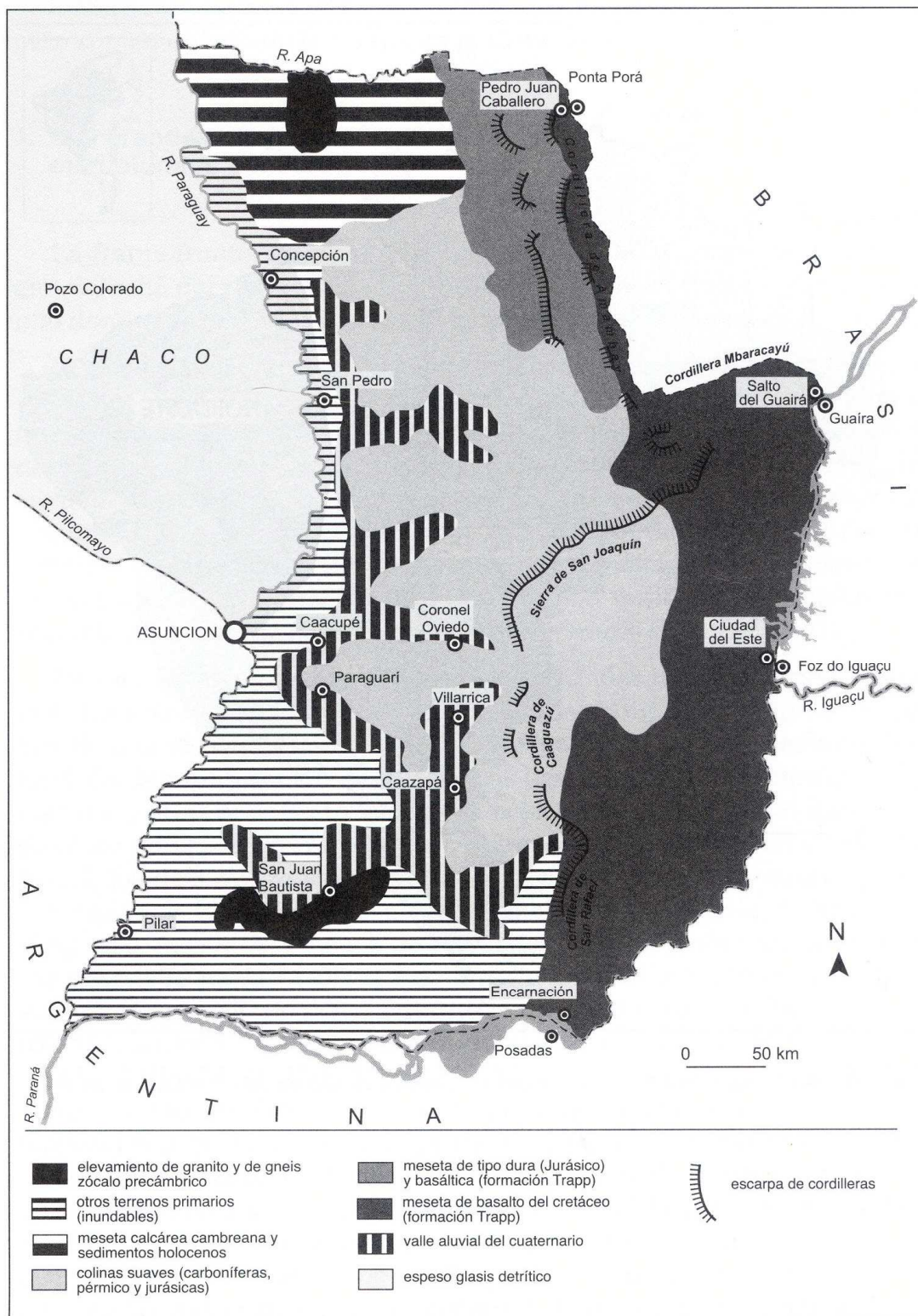


Ilustração 3 – Estrutura Física do Paraguai Oriental

Fonte: Mapa Mundial de Suelos, América Latina, UNESCO, FAO, Sociedad Internacional de Ciencias del Suelo, 1971.

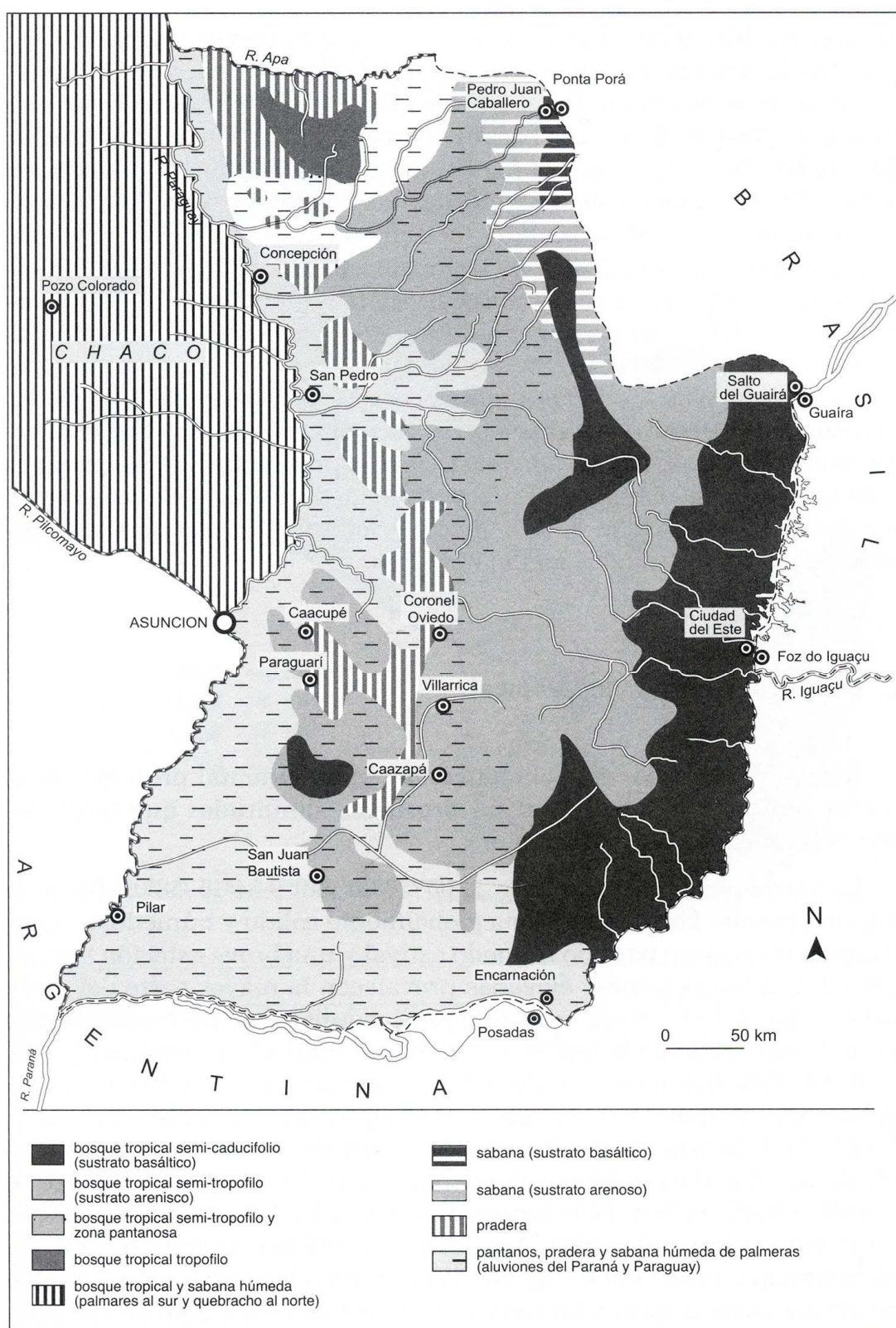


Ilustração 4 – Espaços naturais do Paraguai Oriental

Fonte: Mapa Mundial de Suelos, América Latina, UNESCO, FAO, Sociedad Internacional de Ciencias del Suelo, 1971, y Mapa de la Vegetación de América del Sur, UNESCO, 1981.

O contingente de brasileiros que se instalou no Paraguai, no período citado, foi grande. Sem se poder contar com dados oficiais, estima-se o aumento de cerca de 10 mil colonos em 1969 para 420 mil em 1982, espalhando-se por uma faixa de 700 quilômetros de extensão por 100 km de profundidade, o que representa quase 17% do território paraguaio (MELLO²⁵ *apud* ROLON, 2000). A literatura dá conta de alterações positivas na economia e de incremento no desenvolvimento agrícola do país, o que sem dúvida passa pela contribuição desses brasiguaios.

Em diversas cidades fronteiriças, a língua predominante é o português. Os brasileiros são os maiores proprietários de terras e detêm o poder local, além de a moeda predominante ser o Real. Nesse sentido, o estudo mais aprofundado da influência e do *modus vivendi* dos brasileiros, tanto proprietários quanto trabalhadores agrícolas, se reveste de grande importância para o melhor entendimento da relação social e econômica estabelecida no Paraguai, sobretudo na fronteira.

Além disso, como o processo de integração – tendo como ponto central a criação do Mercosul – encontra-se em pleno curso, é importante avaliar essa relação entre brasileiros e paraguaios, focando, essencialmente, as influências bilaterais nesse processo. O que se pode perceber é que uma nova sociedade, miscigenada, forma-se naquela região, com grande influência econômica e cultural do povo brasileiro.

O que se constata, portanto, é que por causa da globalização econômica, das facilidades em fazer transitar capital e alterar relacionamentos foram afloradas e ainda estimuladas por acordos regionais e pelas fronteiras naturais entre os países.

No Brasil, a soja foi introduzida em 1908, por intermédio de imigrantes japoneses. Sua plantação está avançando para as áreas de preservação das florestas, provocando desmatamento em grandes áreas da Floresta Amazônica. Sua cultura é também fator econômico de relevância:

²⁵ Mello *apud* – Leonel Itaussu Almeida. *Argentina e a balança do poder regional: Equilíbrio, preponderância ou hegemonia? 1969-1986*. Tese de Doutorado – Departamento Ciência Política. USP, 1991.

“[...] quarta revolução agrícola brasileira e a primeira em que um produto do Brasil compete, com sucesso, com similares nascidos em países desenvolvidos, como os Estados Unidos e a ex-União Soviética” (MORAIS, 1990, p. 8).

Quais os benefícios de uma relação como, por exemplo, a do Brasil com o Paraguai? Existiriam reais vantagens competitivas principalmente no que tange à exportação de soja?

É verdade que o processo referido entre brasileiros e paraguaios estimula a produção e a exportação da soja, o que os fortalece nesse mercado. Todavia, é o caso de se refletir acerca da possibilidade de ser real o surgimento de um novo tipo de sociedade – como a supostamente formada por “brasiguaios” – como um caminho para o fortalecimento de nações na aldeia global.

Citando Naisbitt, (1994), quando abre a discussão sobre a globalização e dá a ênfase no pensar local e agir global. [Grifo nosso]:

A democracia amplia e multiplica grandemente a assertividade das tribos, enquanto a repressão faz o inverso [...] o tribalismo é a crença na fidelidade ao próprio grupo, definido pela etnia, pelo idioma, pela cultura, pela religião ou, no final do Século XX, pela profissão.[...] a união comunitária de seres humanos é a nossa peculiaridade (NAISBITT, 1994, p. 17-18). [Grifo nosso]

Para que se alcance a “união comunitária dos seres humanos” e antes que se aborde a comunidade brasiguai, objeto de estudo desta tese, considera-se pertinente algumas reflexões a respeito dos fluxos migratórios aos quais as pessoas se submetem por diferentes razões e em diferentes momentos de suas vidas. Esta é, pois, a temática do capítulo a seguir.



2.1 A QUESTÃO MIGRATÓRIA

A questão migratória é um fator significativo para o conjunto das ciências sociais: os estudos de migração têm peso determinante em muitas áreas da pesquisa acadêmica, sobretudo nos estudos da demografia e da urbanização. Em consequência, são partes integrantes dos fóruns de discussão, são citados nos meios de comunicação e compõem as informações para os órgãos governamentais e áreas afins, “Existe hoje uma grande mobilidade da classe média no mundo”, disse a professora Neide Patarra (1995): “A internacionalização que marca o mundo neste final de século propiciou o surgimento desta mão-de-obra qualificada que flutua pelo planeta. São conhecidos como expatriados”.

Pensando-se em mobilidade espacial da população e sua relação com processos de urbanização, recorre-se às considerações clássicas de Ravenstein (1885, *in*: BND-ETENE, 1980), renomado estudioso demográfico, precursor dos estudos daquilo que hoje são denominadas as “Leis da migração²⁶”. De fato, desde a época da Revolução Industrial, vinham aumentando as movimentações migratórias como nunca antes havia acontecido, em vários países, muito além das fronteiras do Reino Unido, objeto de estudo de Ravenstein.²⁷

²⁶ Ravenstein, E.G (1885, *in*: BNB-ETENE, 1980): As Leis da Migração:

- 1) A grande maioria dos migrantes se desloca a curta distância, produziu as correntes migratórias, que se orientam para os grandes centros comerciais e industriais (esses centros são os maiores absorvedores de migrantes). Ocorrem dois processos no fluxo migratório, o de absorção e o de dispersão.
- 2) O processo de absorção segue de forma contínua, pois a população das áreas ao redor de uma cidade em crescimento desloca-se para o grande centro, enquanto o espaço rural é preenchido por migrantes oriundos de distritos mais remotos.
- 3) O processo de dispersão é inverso ao de absorção, acontece em localidades que favorecem a vontade do migrante de se deslocar, funciona como fonte de alimentação para os locais de absorção; exemplo: zonas agrícolas.
- 4) Cada corrente migratória principal produz uma corrente inversa compensatória.
- 5) As pessoas que se dirigem a longa distância se dirigem preferencialmente para grandes centros comercial-industriais.
- 6) Os naturais da cidade migram menos do que os naturais das áreas rurais do País.
- 7) As mulheres migram mais do que os homens.

²⁷ Os estudos de Ravenstein destinavam-se à Real Sociedade de Estatística. Foram publicados originalmente no Journal of the statistical society, 47 (pt. 1): 167-227, June, 1885. Ravenstein, E. G (1885, *in* BRITO, 2004, BNB-ETENE): – Os estudos de Ravenstein sobre a demografia e

Esse autor estudou o censo de 1881 do Reino Unido e observou que alguns fatores de forte determinação econômica impulsionavam, com predominância, a população a migrar de uma região a outra. O autor destaca os seguintes fatores determinantes para que ocorresse tal mobilidade social migratória: melhoria das estradas, facilidades oferecidas pelo sistema de transporte ferroviário, espetacular desenvolvimento da marinha mercante, o hábito de viajar e a crescente educação dos trabalhadores. Resumidamente, esses fatores caracterizam o modo de vida urbano, sob o capitalismo com o advento da Revolução Industrial. Contudo, o autor reconhece que o fator principal, o verdadeiro indutor do processo migratório, localiza-se na busca de trabalho ou, mais precisamente, na sua visão, na busca de melhores condições laborais.

Naquela época, ou seja, no final do século XIX, os fatores indicados, uns mais e outros menos intensamente, determinaram o fluxo de pessoas dos locais onde não havia oferta de trabalho, para áreas onde se manifestava essa oferta de trabalho.

Esse movimento, chamado por Ravenstein (*op. cit.*), de “movimento migratório”, foi determinante nos vastos processos de urbanização que ocorreram naquele período. Por detrás dessas determinações variáveis, impunha-se a maior de todas elas: a Revolução Industrial, enquanto mudança da forma de produção, ou seja, enquanto aprimoramento da forma capitalista de produção.

Como mostra, ainda, Ravenstein, o processo de urbanização vincula-se à movimentação migratória e, esta, à busca de trabalho e melhores condições de vida. Desde então, para diversos estudiosos, em especial aqueles que se interessam pelo problema da urbanização, os movimentos migratórios constituem objeto de reflexão.

Já em meados do século XIX, Karl Marx chamou a atenção, em sua obra *O Capital*, para os fatores migratórios que desagregaram regiões

os processos migratórios são reconhecidamente considerados como base ou ponto de partida teórico nessas áreas, sendo citados em grande número de trabalhos sobre o assunto.

inteiras do Reino Unido, desde o século XV, movimentando populações do campo em direção aos grandes centros industriais ingleses.

Na sua obra literária *Utopia*, o escritor e chanceler Thomas Morus descreve um reino ideal, um país ideal no qual teria cessado esse estado de migrações das populações do Reino Unido, motivado pela transformação das terras dos camponeses em pastos para ovelhas, com o objetivo de obter lã para a nascente indústria têxtil capitalista.

Mas, certamente, Ravenstein aparece como importante fundador da disciplina teórica das migrações e das leis sociais atinentes a esse saber, que hoje faz parte das ciências sociais contemporâneas, estabelecendo a conexão entre questão migratória e processo de urbanização.

É necessário lembrar, além disso, que o historiador do urbanismo Lewis Mumford²⁸ (1998), comentando os fluxos migratórios da primeira Revolução Industrial, fez algumas observações sobre a urbanização capitalista daquele período, escrevendo: que na história escrita, até então, não havia ocorrido “aglomerados tão grandes de pessoas” que pudessem viver em “ambientes deteriorados”.

A observação de Mumford (1998) reflete o caos social ocasionado pela urbanização desordenada e pela implantação de um complexo industrial que levava em conta o resultado da produção, mas não o seu agente – o trabalhador.

Desde algumas décadas, tinha se acentuado mundialmente o declínio das vantagens de se viver em cidades grandes, em relação às cidades de pequeno e médio porte. Modificou-se a migração, modificaram-se os processos correspondentes de urbanização. Essa nova fase do capitalismo está marcada pela reestruturação do processo produtivo e a

²⁸ Mumford, Lewis (NY 1895-1990). Em 1922 estréia na literatura com o livro *A história da utopia*, escritor interessado em questões urbanas, além da arte e atenção à comunidade. Em seus textos e publicações adverte: “A sociedade tecnológica deveria entrar em harmonia com o desenvolvimento pessoal e as aspirações culturais regionais”. Disse ainda: “A tecnologia ensinou uma lição à humanidade: nada é impossível”.

flexibilização dos direitos trabalhistas, contribuindo para que aconteça acentuada descentralização espacial e reestruturação de metrópoles.

2.1.1 A questão migratória frente ao desenvolvimento capitalista do século XX

Durante o século XX, a história do capitalismo foi marcada por intensa mobilidade espacial da população. Dentro de cada um dos países, as cidades transformaram-se em espaços hegemônicos de acumulação de capital, acelerando o processo de urbanização, fruto não só do crescimento acelerado da população, mas, principalmente, das migrações internas originárias do campo.

Para Balán (1993), a história da formação do capitalismo pode ser descrita em termos de movimentos da população. Por meio dos fluxos migratórios, ocorridos durante o século passado e da forma como esses fluxos influenciaram a relação entre população e estruturas sociais em processo de mudança, o capitalismo inicia seu processo de formação real.

Cada país tem a sua própria história e, portanto, processos específicos de desenvolvimento econômico, de urbanização e de mobilidade espacial da população; contudo, de modo geral, existiu uma coincidência entre os processos capitalistas do crescimento econômico mais acelerado e a intensa mobilidade migratória das populações.

As migrações ocorrem não somente entre os diferentes países como também entre regiões rural-urbana, o que constitui outro traço essencial do desenvolvimento do capitalismo do século XX. Tem havido um permanente fluxo internacional de população que, em determinadas circunstâncias, tem-se acentuado.

A história não poderia ser bem compreendida se não fosse considerada a interação entre países por intermédio de suas populações. A

própria identidade de muitos deles, a sua constituição como nação, foi um produto do movimento internacional de diferentes povos.

Alguns países já têm como política pública programas voltados para o estímulo do crescimento de cidades pequenas ou médias, mediante investimentos na infra-estrutura, incentivo nos impostos etc. (BILSBORROW²⁹, 1996), como resposta urbanística aos novos fluxos migratórios, em novas direções geográficas, na busca de diferentes formas de trabalho.

Assim é que o chamado Novo Mundo – os países das três Américas – tem a sua formação fortemente marcada pelas migrações internacionais que, inseridas no antigo sistema colonial, representaram a confluência dos povos europeus, africanos e asiáticos. Veja-se em particular o caso do Brasil (BASSANEZI, 1995).

2.2 OS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS NOS ÚLTIMOS ANOS

Os períodos imediatamente anteriores e posteriores à Segunda Grande Guerra mereceram a análise de Bassanezi (1975):

As migrações internacionais nos últimos dois séculos podem ser divididas em pelo menos três fases distintas. A primeira delas, do século XIX até a Segunda Guerra Mundial; a segunda de 1945 até o início dos anos 1970 e, a última fase seria aquela que vem ocorrendo nos últimos trinta anos.

A primeira fase teve como principal característica o fato de que a grande maioria dos imigrantes era oriunda da Europa, cerca de 50 milhões de europeus deixaram o Velho Continente naquele período. Outro fator de influência foi a evolução dos meios de comunicação, especialmente os relacionados à navegação transoceânica, que contribuíram muito nesse processo migratório. [...] A imigração internacional também teve como uma das causas peculiares a forte pressão populacional, resultante da explosão demográfica pela quais os países do continente europeu vinham passando desde meados do Século XI. De maneira geral, os

²⁹ BILSBORROW, Richard E. Research Professor of Biostatistics, Adjunct Professor of Ecology and of City and Regional Planning, andr Fellow, Carolina Population Center. The University of North Carolina at Chapel Hill.

imigrantes europeus se dirigiram para países “novos” como os EUA, que recebeu a maior parcela de imigrantes, a Argentina, o Canadá, o Brasil e a Austrália. Somou-se a estes fluxos aqueles formados por europeus que se dirigiram para as colônias. Um pouco mais tarde o fluxo aumentou por conta dos asiáticos, primeiro vieram os chineses e depois os japoneses se deslocaram para as terras do Novo Mundo. Por volta de 1880, a América do Norte recebeu cerca de meio milhão de asiáticos (BASSANEZI, 1975, p. 7).

No período entre guerras, o fluxo migratório internacional começou a se modificar, com baixas consideráveis devido ao alívio das pressões demográficas na Europa, como também pelas consequências da Primeira Guerra Mundial.

Outra forte contribuição foi a adoção decisiva, pela maioria dos países receptores, de inibir a entrada de estrangeiros; foram criadas leis que restringiam a imigração, especialmente para aqueles que se dirigiam aos EUA. Por fim, a crise econômica, desencadeada em 1929 contribui de forma significativa para a redução dos fluxos migratórios no século XX.

Por volta da metade da década de 1970, os fluxos denominados “migrações para o trabalho” diminuíram ou simplesmente pararam em função da crise econômica e do aumento para o desemprego. A imigração clandestina passou a se instaurar cada vez mais, principalmente nas migrações que se dirigiam à Europa e aos EUA.

Com a criação da União Européia e em função do fechamento dos destinos tradicionais, a imigração passou a se direcionar para países como a Itália, Espanha, Portugal e Grécia, que faziam parte do bloco econômico. Contudo, um fenômeno interessante ocorria: esses países passaram a ter uma função de “escala temporária” em direção aos países tradicionais de destino, como a Alemanha e a França.

Outro destino a se observar é a região asiática, que despertou interesse devido à concentração de produção de petróleo. Os choques econômicos do petróleo tiveram como efeito diversificar os fluxos migratórios, já que a “decolagem econômica” dos países produtores passou a atrair imigrantes.

Essa não foi uma migração durável e nem familiar, uma vez que, em função de conjunturas econômicas desfavoráveis, muitos imigrantes foram obrigados a retornar aos seus países de origem.

Cerca de sete milhões de pessoas se dirigiram para países da região do Golfo Pérsico, sobretudo originários de países próximos aos produtores de petróleo, mas também Sul e Sudeste da Ásia (filipinos, indianos e paquistaneses).

Atualmente, a maioria das migrações internacionais se destina, preferencialmente, aos EUA e à Europa. Porém, os países que evidenciam emigrantes são diversos.

Um dos aspectos mais importantes dos recentes movimentos migratórios refere-se à composição da imigração. As leis restritivas, paradoxalmente, favoreceram a vinda legal de membros das famílias dos imigrantes já estabelecidos há algum tempo (mulheres e crianças), em detrimento de homens adultos que têm dificuldades no processo; com isso a imigração ilegal passou a ser cada vez mais frequente.

Nas últimas décadas do século XX, a “imigração familiar” correspondeu a 55% dos imigrantes entrados na Suíça, 70% na França e 90% na Bélgica, devido em parte à boa acolhida de refugiados advindos de áreas de conflitos regionais.

As leis norte-americanas de 1980 e 1986 tentaram regularizar cerca de quatro milhões de imigrantes clandestinos. As quotas, revisadas periodicamente, são fixadas e privilegiam a chegada de mão-de-obra qualificada e diplomada. As admissões passaram a ser bastante seletivas; para o imigrante do Terceiro Mundo sem formação e que não fale a língua do país, é praticamente nula sua chance de ser aceito. Em alguns casos, o acolhimento só é possível para refugiados políticos.

O processo migratório é complexo em sua multiplicidade de aspectos. Por exemplo, o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID – calcula em 5,6 bilhões de dólares por ano as remessas enviadas por migrantes ao Brasil. Mas é sabido que o valor é maior, visto que o Banco

Central não registra todo o volume transferido. Por segurança, os migrantes preferem enviar dinheiro por meios não reconhecidos pelo Estado, para não serem identificados. É algo a ser considerado, pois que o Brasil é o segundo país da América Latina em remessas de migrantes, perdendo apenas para o México.

A problemática das migrações internacionais *de e para* o Brasil contemporâneo tem recebido cada vez mais atenção de especialistas, principalmente depois da Conferência sobre População e Desenvolvimento do Cairo, em 1995. Dada a constatação de que os movimentos de brasileiros para o exterior passaram a constituir uma nova questão social no país a partir dos anos de 1980, desde então é crescente, também, o número de estudos e pesquisas voltadas ao tema, que aparece com frequência na mídia e adquiriu uma dimensão expressiva nos programas de governo e no delineamento de políticas sociais. (PATARRA e BAENINGER, 2006, p. 87).

Pelo exposto, pode-se afirmar que as migrações internacionais nos últimos dois séculos, podem ser divididas em pelo menos três fases distintas. A primeira delas, do século XIX até a Segunda Guerra Mundial; a segunda, de 1945 até o início dos anos 1970 e a última fase seria aquela que vem ocorrendo nos últimos trinta anos (OLIC, 2008).

Para Matos (1995) e Brito (1997), as variadas e distintas modalidades de movimentos migratórios observados no período recente não constituem uma novidade sem precedentes e verifica-se a recorrência e a concomitância de todos esses tipos de movimentos.

Nesse contexto, definem-se os Fluxos Migratórios³⁰ como elementos que contam para fins de estimar o impacto da migração na

³⁰ Sobre o assunto, temos as definições do Prof^o. Dr. José Marcos Pinto da Cunha – Professor do Programa Pós-Graduação em Demografia. IFCH/UNICAMP, 1) Migração Líquida (ou saldo migratório): diferença entre imigração e emigração. 2) Migração Bruta: soma da imigração e emigração; representa a quantidade de movimentos migratórios aos quais esteve exposta uma determinada região. Sua utilidade consiste em mensurar o nível de “movimentação” existente nessa área. 3) Corrente ou Fluxo Migratório: número total de transados feitos durante um determinado intervalo de migração, procedentes de uma mesma zona de origem e dirigidos a uma mesma zona de destino. 4) Corrente e Contra-Corrente: fluxos nos dois sentidos estabelecidos entre duas áreas. 5) Corrente àquela de maior volume e, 6) Contra-Corrente a de menor volume. 7) Trocas Migratórias Líquidas: diferença entre a Corrente e Contra-Corrente. 8) Saldo Migratório: somatória das trocas líquidas com as demais áreas. 9) Matriz Migratória: tabela de duas entradas (origem e destino do indivíduo) que permite visualizar os fluxos, volumes e imigração e emigração para cada zona estudada. 10) Migrantes Acumulados / Migrantes Absolutos / Saldo Migratório / *Lifetime Migrants*: todas as pessoas que não nasceram na zona de destino. Não considerado,

população. Os principais quesitos sobre migrações utilizados como padrão na avaliação do processo migratório estão disponíveis no censo demográfico, conforme Manual VI da ONU (United Nations, 1970). São definições dos conceitos, tipos de informação, avaliação de dados, potencialidades e limitações, disponibilidades de quesitos e o potencial analítico.

A partir de 1980, os movimentos migratórios internacionais e no Brasil reassumem seu papel, mas de forma invertida no Brasil – país tradicionalmente receptor de migrantes passa para uma sociedade que “remete migrantes para fora do país” (PATARRA e BAENINGER, 2002, p. 87). “Com constatação de que cerca de 1,5 milhões de brasileiros viviam no exterior” (PATARRA e BAENINGER, 2002, p. 87) foi o ponto de partida para os estudos das questões demográficas brasileiras para as autores, diversos pesquisadores e também para nós.

De acordo com os registros consulares, para o ano de 2002 foram compatibilizados 1.887.895 brasileiros residentes no exterior, dos quais 42% se encontravam nos Estados Unidos (quase 700 mil brasileiros), 24% no Paraguai (em torno de 450 mil); 11% no Japão (225 mil). Para os países do Primeiro Mundo, em geral, estima-se em 1,5 milhão de pessoas, o que denota cifras muito próximas nesses dois anos (PATARRA e BAENINGER, 2002, p. 87).

Estes movimentos migratórios apresentam modalidades diferenciadas de migração como:

- migração para os países de primeiro mundo, com intuito de realizar poupança financeira em curto espaço de tempo;
- migração como solução de posse de terra agrícolas, apresentado nas regiões fronteiriças do Brasil – caso específico dos denominados “brasiguaios” na tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai, e
- migração com conotação de menor expressão numérica, buscando novos relacionamentos internacionais. (PATARRA e BAENINGER, 2002, p. 87)

portanto, o tempo de residência. 11) Seletividade migratória: termo utilizado para referir-se às características específicas do migrante com relação à população residente no destino ou na origem. [Aula jun/2004].

2.2.1 Fatores de atração e de expulsão

Com base nos dados acima, os estudiosos traçam o perfil do fluxo migratório de uma região, contextualizado conforme as características sócio-político-econômicas e culturais dentro de um espaço e tempo histórico determinados.

Como já apontado, a migração³¹ não acontece por si; está atrelada sempre a inúmeros fatores que caracterizam a constituição de uma população e isso leva aos motivos que geram o fluxo migratório de uma região. Podem-se observar algumas dessas características, como fatores macro ambientais que determinam os deslocamentos populacionais e sua intensificação em vários momentos dos fluxos migratórios, quer tenham sido internos ou internacionais. A sazonalidade, a temporalidade, as correntes e contracorrentes (processo semelhante às idas e vindas dos brasiguaios – objeto deste estudo – que serão abordados oportunamente) são características que constituem o fluxo migratório.

A falta de oportunidades no mercado de trabalho aliada aos excedentes populacionais, mais que quaisquer outros fatores, dentro do contexto macro econômico-social, determinam os fluxos migratórios, como já referido neste estudo:

Por traz [sic] das alterações nos fluxos migratórios, da mudança dos fatores de atração e de expulsão, das diferenças na seletividade dos migrantes e dos grupos sociais envolvidos, do aumento das migrações de retorno, da circularidade dos movimentos, da manutenção de movimentos temporários e sazonais, entre outras dimensões, situa-se sempre a questão dos excedentes populacionais – foram raras e circunscritas, no tempo e no espaço, as situações de escassez de mão-de-obra (PACHECO & PATARRA, 1997, p. 28). [a anotação “sic” é nossa]

Nas situações de fronteira, influenciado pela movimentação demográfica que provoca as aglomerações urbanas e um processo de seletividade, cria-se o conceito do “novo urbano”. As migrações são

³¹ Leia-se Lee (1965), importante contribuição para o entendimento da Migração e na interpretação de Ravestein.

seletivas, por isso os imigrantes que respondem principalmente a fatores positivos prevaletentes no local de destino tendem a se estruturar.

Esta reflexão ideológica sobre o urbano, vinculada ao processo capitalista, é discutida por Castells (2003) que propõem novos marcos para a renovação da reflexão sobre a cidade. Com tal enfoque politiza-se “a questão urbana e surgem novas questões: os movimentos sociais urbanos, os meios de consumo coletivo, a estruturação social do território na sociedade capitalista e o papel do Estado na urbanização (CASTELLS 2003, vol.1). Avança no entendimento de que:

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas (CASTELLS 1999, vol. 2, p. 79).

Os migrantes que respondem primordialmente a fatores negativos prevaletentes no local de origem tendem a constituir uma seleção negativa; no caso de áreas onde os fatores são desalentadores para grupos inteiros de população, pode até mesmo deixar de haver seleção. O grau de seleção positiva aumenta com a dificuldade dos obstáculos intervenientes. As características dos migrantes tendem a ser intermediárias entre as características da população do lugar de origem e da população do lugar de destino, conforme Lee (1966 *in* BND, 1980).

Devem-se observar, também, continua o teórico, as características dos migrantes, as Leis da Migração de Ravenstein. Contudo, faz uma ressalva e coloca que Ravenstein não formulou as Leis de maneira categórica de modo que permitissem críticas; mas não deixa de ser ainda um trabalho de referência para todos os estudiosos da migração.

O volume da migração dentro de um determinado território varia de acordo com o grau de diversificação entre as áreas incluídas nesse território. Outro fator variante é a diversidade entre os povos que estão em processo de migração. Podemos observar, também, como fatores de variação, o relacionamento com a dificuldade em superar os obstáculos

intervenientes e as flutuações da economia. A menos que medidas severas sejam tomadas, tanto o volume quanto a taxa de migração tenderão a crescer com o tempo (LEE, 1966 *in* BND, 1980). O estágio de desenvolvimento de um país ou de uma área está intrinsecamente ligado a essas flutuações. Entende-se, portanto, que o governo tem um papel regulador no volume de fluxos migratórios.

As vantagens das cidades grandes decrescem quando comparadas com as de pequeno e médio porte, induzindo à descentralização espacial e à reestruturação das metrópoles. Alguns países estimulam o crescimento de cidades pequenas ou médias por intermédio de investimentos na infra-estrutura, incentivo nos impostos etc. (BILSBORROW, 1996).

Devem-se, ainda, a Everett Lee (1966), os termos “fatores de atração” e “fatores de expulsão” que explicam o impulso ao movimento migratório positivo em relação ao destino-alvo ou negativo quanto à origem.

O desenvolvimento industrial, comercial e ferroviário contribuiu para o aumento do volume de migração. Ainda, segundo Lee, numa releitura de Ravenstein, predomina o motivo econômico identificado como fator de atração (para imigrar) ou como fator de expulsão (para emigrar):

[...] leis mais ou menos opressivas, tributação onerosa, clima insalubre, ambiente social incompatível e, até mesmo, coerção (tráfico de escravos, deportação para colônias penais), produziam e continuam a produzir correntes migratórias, conquanto nenhuma delas seja comparável em volume à que resulta do desejo inerente à maioria dos homens de melhorar sua situação material (RAVESTEIN 1889, p. 286 *apud* LEE, 1966, p. 97).

Até o final do século XX, essa teoria era estudada por economistas, sociólogos e historiadores. Lee desenvolve esquema para situar a série de movimentos espaciais, com número reduzido de proposições incontestáveis, para deduzir certa quantidade de conclusões; desenvolve, ainda, o conceito de correntes e contracorrentes e as características dos migrantes (LEE, 1966 *in* BND, 1980).

Em se tratando de pessoas, os fatores de retenção e de atração não são de compreensão exatamente científica, nem mesmo pelas próprias pessoas afetadas, uma vez que a história pessoal ultrapassa qualquer tipo de registro extra pessoal.

2.3 EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO: UM CONTEXTO MIGRATÓRIO LATINO-AMERICANO

O movimento migratório da América Latina, como os demais movimentos migratórios, também se prende à história do seu desenvolvimento econômico e social, modelado por influências decorrentes da etnia colonizadora, bem como das estratégias de imposição e da absorção em relação aos valores locais.

A colonização européia, comum aos países latino-americanos, guarda diferenças e similaridades - influências lusitanas no Brasil e espanhola nos demais. Os países se formaram com o afluxo de imigrantes estrangeiros, caracterizando faixas de população etnicamente diferenciadas – veja-se a forte influência africana no nordeste do Brasil e européia no sul. A diversidade biocultural, a extensão territorial, as lutas políticas, as lideranças ditatoriais, os ciclos econômicos etc. geraram fatores de expulsão que motivaram a migração extra-regional, reforçada pela integralização econômica – Mercosul.

A crescente integração do Mercosul tem favorecido a dinamização das áreas de fronteira entre os países que fazem parte desse bloco. Os fluxos e os movimentos populacionais, inclusive o fluxo migratório estabelecido em regiões e áreas fronteiriças, são relativamente pouco conhecidos, daí a proposta de se observar esse movimento, pelo qual há até mesmo a perda de territórios para Argentina, Brasil e Bolívia (conforme ilustrações nº 5 e nº 6 nas páginas seguintes).

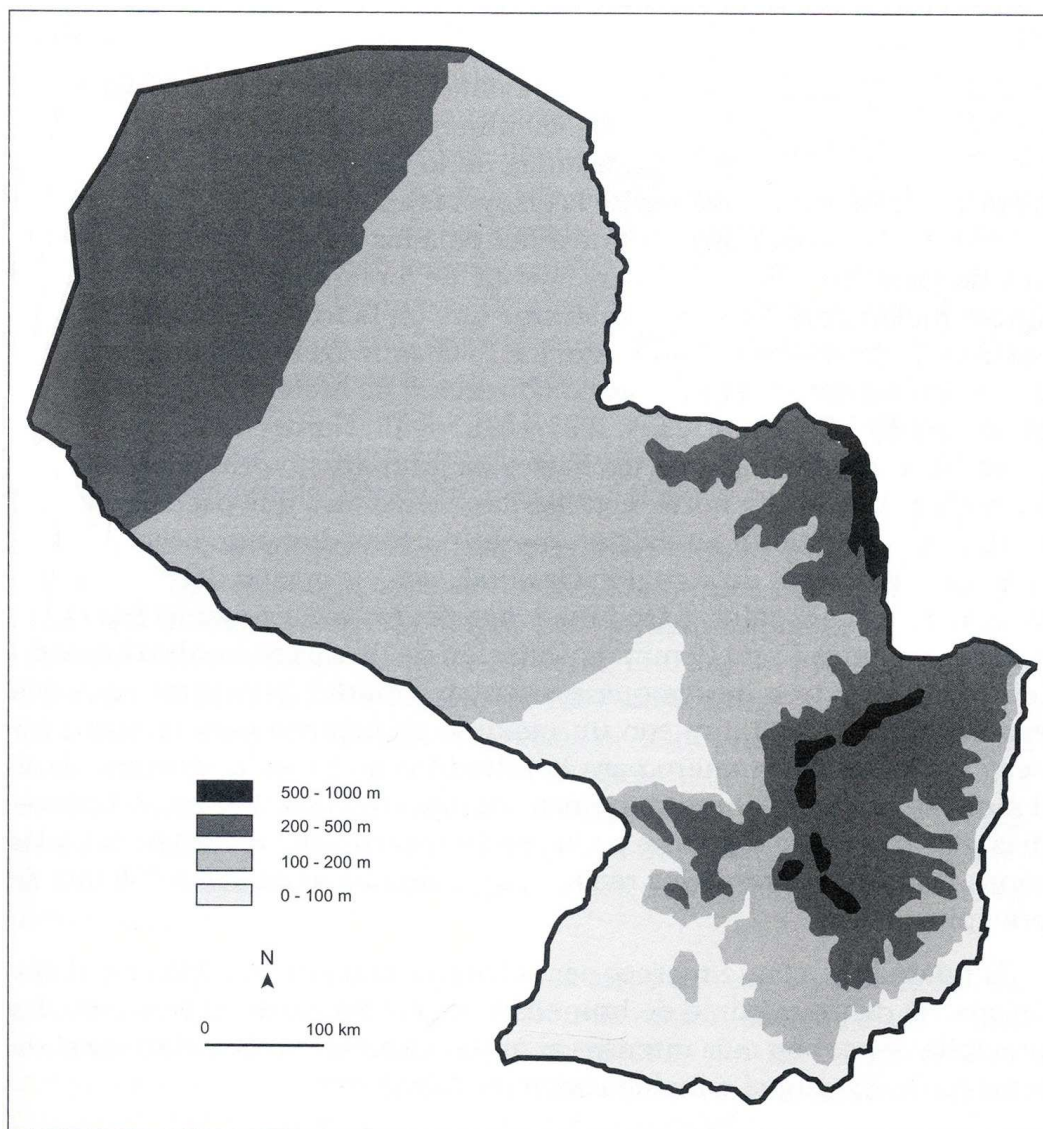


Ilustração 5 – O contorno geográfico do Paraguai

Fonte: Elaborado a partir de *Contour map*. Kleinpenning, 1987.

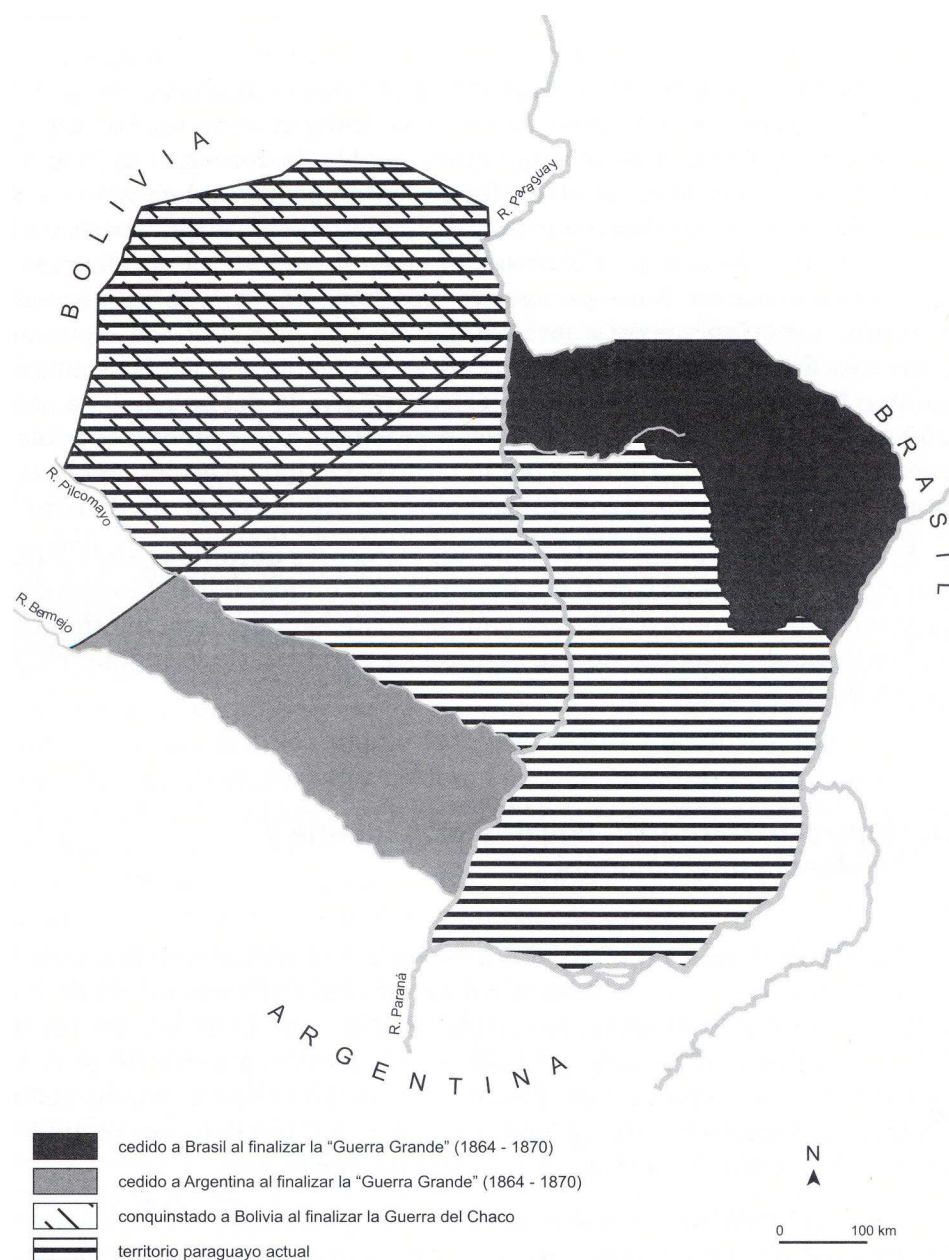


Ilustração 6 – A evolução das fronteiras paraguaias de 1810 aos nossos dias

Fonte: Barros D. (1988), Kleinpenning J. M. G. (1992), Thompson (1992).

Os estudos dos movimentos migratórios levam à pesquisa e à análise dos vários aspectos socioculturais e econômicos ocorrentes no espaço em questão, multiplicando em muito a tarefa dos historiadores e demógrafos, que buscam ampliar conhecimentos de tais fatos geradores, pretendendo conhecer os movimentos migratórios brasileiros.

Em Balán (1993), encontra-se um *Ensaio de interpretações histórico-comparativas das migrações e desenvolvimento capitalista do Brasil*, baseando-se no Modelo Explicativo, considerando a economia brasileira como responsável pelas características de seu desenvolvimento.

O processo iniciado em meados do Séc. XIX no Brasil foi o da formação de uma sociedade nacional sob o signo de uma estrutura capitalista, partindo de sistemas regionais debilmente amparados pela centralidade do Império, vinculados – mas não integrados – economicamente e cujos setores mais dinâmicos se baseavam na escravidão (BALÁN – CEBRAP, n. 5, 1993).

O estudo de Balán (1993) relata a história de tal formação, por intermédio dos fluxos migratórios ocorridos durante o século passado e da forma como esses fluxos refletiram a relação entre população e estruturas sociais em processo de mudança. Ele recorre às comparações com México e Argentina pela semelhança quanto ao predomínio crescente de um sistema econômico, inicialmente baseado na economia exportadora de uma classe social que surge deste processo e o lidera.

O movimento migratório da América Latina corresponde, sem dúvida, a uma exigência da globalização, como o atesta historicamente a formação do Mercosul.

O intercâmbio de pessoas – e a migração não é outra coisa – estabelece uma relação que ultrapassa, em muito, o resultado do intercâmbio; o crescimento econômico deveria refletir o crescimento interpessoal, mediante a criação de espaços e oportunidades para as pessoas agentes desse crescimento.

Esta reflexão começa apresentando uma representação sinpótica-numérica, abrangendo toda a movimentação migratória na América Latina, o

que permite sentir o peso desse movimento para convivência no Cone Sul, em termos de melhorias relacionais, educacionais, ambientais e econômico-financeiras.

Os dados demográficos informados em 1990, pelo Ministério das Relações Exteriores, divulgam a quantidade de brasileiros que vivem no Paraguai 459 mil, sendo 98 mil em situação legal e 350 mil em situação não legal, vivem numa parte da superfície territorial do país que é de 406.752 Km². [Grifo nosso].

[...]

A extensão territorial dos demais membros do Mercosul e Chile totaliza 14.863.353 Km², assim distribuídos: Argentina tem um espaço de 3.761.274 Km², o Brasil tem 8.514.215 Km², o Paraguai os 406.752 Km², o Uruguai em 175.016 Km², e o Chile em 2.006.096 Km². No Mercosul incluído o Chile vivem 230.005.080 de pessoas, numa densidade média de 15,47 habitantes por quilômetros quadrados distribuídos da seguinte forma: no Brasil com 169.590.690, na Argentina com 36.578.000, no Paraguai com 5.496.450, no Uruguai com 3.322.140 e no Chile 15.017.800, perfazem uma população de 230.005.080. [Grifo nosso].

Nesse sentido, a questão mais frequente, implícita nos conflitos gerados no processo de mundialização, refletidos em cadeia sob os países em desenvolvimento – mudanças de ordem política e jurídico-administrativa – reflete uma preocupação quanto à devolução de parte dos benefícios auferidos pelos países receptores de imigrantes aos seus acolhidos.

É justamente esse o teor do documento final do II Encontro Cívico Iberoamericano, realizado em Piriápolis, Uruguai. (BASEGGIO, 2006); teor que se repete também no estudo da ONU, comentado por Arieff (2004).

Apesar da preocupação generalizada com a migração nos países industrializados, os imigrantes não reduzem significativamente os salários e o desemprego nas nações para as quais se mudam, disse um relatório da ONU [...] Pelo contrário, eles contribuem economicamente para os países adotados, ao alimentar a demanda por bens e serviços. Os imigrantes 'somam [seu trabalho] ao PIB e geralmente contribuem mais com os cofres do governo do que retiram deles', segundo o Levantamento Econômico e Social do Mundo para 2004.

[...]

Não podemos ignorar as reais dificuldades políticas impostas pela imigração, mas não devemos também perder de vista seu imenso potencial para beneficiar os imigrantes, os países que eles deixam e os [países] para os quais 'migram', disse o secretário-geral Kofi Annan no prefácio do relatório preparado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU.

[...]

'E devemos garantir que, na nossa abordagem a esta questão, atenhamos os valores de tolerância e do respeito aos direitos humanos', afirmou ele. O novo estudo sugere aos países que costumam receber muitos imigrantes que adotem campanhas para diminuir a oposição da população a esse fenômeno, destacando seus benefícios para os países industrializados.

[...]

O texto pede também que os governos adotem leis que garantam a segurança dos imigrantes no local de trabalho, protejam seus direitos humanos e ampliem seu acesso à educação e treinamento profissionalizante, tanto nos próprios países quanto nos lugares de origem dos trabalhadores estrangeiros. O relatório concluiu que, enquanto os governos se empenharam nos últimos 50 anos para facilitar o tráfego de produtos, o mesmo não aconteceu com a livre movimentação de pessoas.

[...]

'O atual movimento internacional de pessoas é moldado em grande parte pelas leis e políticas de restrição à migração', disse José Antonio Ocampo, o subsecretário-geral da ONU para Assuntos Econômicos e Sociais. O número de pessoas que vivem fora do seu país de origem continuou crescendo na década passada, segundo o estudo, atingindo 175 milhões em 2000. A migração para os países mais ricos cresceu 3 por cento nessa década, mas permaneceu estável no que diz respeito aos países subdesenvolvidos. Assim, enquanto um em cada 35 seres humanos é um migrante, nos países desenvolvidos a taxa sobe para um a cada 12. [Grifo nosso].

[...]

O relatório afirma que, enquanto os países desenvolvidos se beneficiam com a migração, os países pobres são prejudicados, porque seus habitantes mais qualificados são os que mais tendem a tentar a vida em outro lugar. Por exemplo, o imigrante típico da América Latina ou da Ásia tem mais do que o dobro da escolaridade média da população. Na África, a escolaridade dos imigrantes é o triplo da população geral.

[...]

Sem esse contingente, os países perdem em inovação, criatividade e arrecadação de impostos. Por outro lado, os imigrantes enviam grandes quantias de dinheiro para seus parentes e amigos que ficaram para trás. Os estudos mostram que 60 por cento dos investimentos externos diretos na China é [sic] fruto da remessa de divisas de chineses no exterior (ARIEFF, 2004 –Nações Unidas -© Reuters).

Enfim, pode-se tratar a migração em termos de impactos territoriais e assim constar que a migração internacional não é somente um movimento linear, mas também um elemento em interação com as dinâmicas dos espaços e sociedades locais e regionais. Analisando esse fluxo migratório, verificam-se as estruturas do território influenciando os movimentos da população pelas fronteiras, resultando nas próprias migrações internacionais.

A configuração espacial estudada permite realizar algumas suposições quanto aos movimentos migratórios internacionais; esses deslocamentos de população raramente se dão de um espaço vazio a outro. Em outras palavras, é provável que se observem movimentos de população oriundos dos poucos lugares que acumulam população e/ou em direção a estes lugares. Em consequência, é provável que as migrações transfronteiriças sejam de pouca importância e, quando acontecem, são ativadas somente entre alguns pólos; e isso nem sempre ocorre em todas as fronteiras internacionais. Outro elemento provável é que apareça a importância dos centros regionais na orientação (origem e destino) dos fluxos migratórios regionais, como vem ocorrendo nas relações de fronteira Brasil-Paraguai a serem abordadas a seguir.

2.4 O MOVIMENTO MIGRATÓRIO NO BRASIL

A história brasileira apresenta a cada momento do seu desenvolvimento, amplos processos de migração interna e externa, movidos pelo caráter dependente da economia nacional (embora determinada pelas exigências do mercado mundial).

Isso vem ocorrendo, como mostrou Celso Furtado, em *Formação Econômica do Brasil*, desde a época do Brasil Colonial, com a cultura da cana-de-açúcar que demandava trabalho vindo da África, em grandes deslocamentos populacionais migratórios.

Essa tendência intensificou-se ao longo da história brasileira, segundo Bassanezi (1995), com a chegada dos colonos europeus, inicialmente como trabalhadores italianos em busca das lavouras de café de Minas Gerais e São Paulo; mais tarde espanhóis, japoneses e alemães que, em fluxos sucessivos, vieram habitar o sul e sudeste do país. Caracterizado

por inúmeras variantes, esse movimento pode ser considerado como sendo objeto de estudo importante no que tange às pesquisas sobre demografia.

Esses europeus, de origem proletária, tinham abandonado seus países de origem, sobretudo depois da Revolução Social de 1848, que se tinha espalhado por praticamente todos os países da Europa ocidental.

As migrações de populações européias, no Brasil, durante o período da economia agroexportadora e, em especial, no auge desse ciclo econômico, foram favorecidas pelo fim do contrabando de escravos para a lavoura (em 1850, o país era o maior produtor mundial de café) e pela demanda crescente provocada pela Revolução Industrial. Como bem observa Celso Furtado, a economia brasileira já era internacional; ela já estava transpassada pelo mercado mundial do café, mesmo antes da abolição, mas razões econômicas (o baixo rendimento do trabalhador escravo, o alto custo da manutenção dessa força de trabalho etc.) levaram a que se substituísse o trabalho escravo por trabalho assalariado.

A pressão internacional, sobretudo a inglesa, para o fim do tráfico negreiro trouxe consequências profundas para o capitalismo agroexportador fundado no regime escravocrata. A partir de 1888, pôde-se presenciar um enorme fluxo de movimentos migratórios de escravos libertos, mas sem perspectivas sociais, econômicas e políticas. Principalmente nas regiões em que a mão-de-obra escrava era largamente utilizada, houve um profundo rearranjo da estrutura social diante da nova realidade econômica.

Assim, instaurou-se a desorganização social, juntamente com a reorganização econômica, a mão-de-obra estrangeira constituiu, então, um importante fluxo migratório, direcionado para o sul do país. O Brasil foi pioneiro na América Latina na promoção de planos de colonização, com os imigrantes alemães e os suíços.

A colonização européia, e mais tarde a asiática, contribuiu para preencher os espaços territoriais vazios nas regiões sul e sudeste. Mas com o fracasso dos projetos de colonização oficial, devido à instabilidade

econômica, os colonos se dispersaram, regredindo à economia de subsistência.

Nas décadas seguintes do século XX, ocorre o aumento da colonização privada (por exemplo, no Oeste Paulista) e surgem as parcerias com a mão-de-obra estrangeira, regime que logo se deteriorou, porque os vínculos eram ampliados por meio do endividamento, de modo que logo se viam frustradas as expectativas de crescimento dos imigrantes e estes passavam a ser tratados como escravos.

É bom destacar que diversos governos europeus se manifestaram contra esse sistema de trabalho, só aparentemente livre, a que estavam sendo submetidos os colonos, seus compatriotas.

Em síntese, pode-se dizer que, de modo geral, os fluxos migratórios marcaram a história do Brasil, sempre tendo como motor principal causas econômicas relacionadas com a expansão colonial do capitalismo, a Revolução de 1848 (de motivação vinculada à luta de classes na Europa).

Portanto, confirmam-se as hipóteses de Ravenstein sobre a causalidade econômica das migrações a longa distância. Escrevera esse autor:

Os fluxos migratórios gerados pela busca de melhores condições materiais de vida superam, em muito, os fluxos cujos motivos não são econômicos e as correntes migratórias que se dirigem para centros industriais e comerciais resultam da demanda por mão-de-obra (RAVENSTEIN, 1885, in: BND, 1980).

Assim, cabe aqui uma rápida análise dos estudos de Ravenstein em contraponto ao processo da migração dos brasileiros para o Paraguai, considerando que fatos impulsionadores mostram que a motivação do deslocamento migratório ocorre ao inverso do processo do Reino Unido de 1881; ou seja, ocorre do urbano para o rural, devendo-se, sobretudo às razões de trabalho, econômicas e sociais, conforme citadas por Sprandel (2006) como:

Homens sem pátria, do qual pretende mostrar as entranhas do poder político, econômico e social paraguaio e sua relação com 350 mil camponeses brasileiros, atraídos até lá pelas promessas de terras fartas e facilidades para o trabalho. Esta atração não se deu por acaso, mas foi construída com muito carinho a partir de 1959, pelos governos do Paraguai e do Brasil (WAGNER³², 1999, p. 9, Repórter do Jornal Zero Hora, *apud* SPRANDEL, 2006, p. 5).

Ora, essa situação nos remete ao descaso político brasileiro quanto ao desinteresse pelo processo agrário e políticas que estimulam a desigualdade social. Além disso, as cidades industriais inglesas aparecem como grandes centros urbanos que concentram todos os outros fatores sociais e culturais de uma sociedade capitalista avançada (facilidades educacionais; custo de vida mais baixo etc.), o que não ocorreu na região do Leste paraguaio, quando da maciça migração dos brasileiros para o Paraguai, estimulados, como informado anteriormente, por fatores políticos e sociais, tendo em vista a ínfima infra-estrutura apresentada.

“Apesar de terem levado o progresso econômico ao campo, enfrentam sérios problemas de documentação, titulação de terras e conflitos com o movimento camponês paraguaio” (SPRANDEL, 2006).

Segue-se a análise regional das migrações, baseada nos estudos da população de Baeninger³³ (2000), para introduzir elementos de comparação, apontando as semelhanças ou diferenças nas migrações internacionais e suas inserções na América Latina.

Primeiramente, apresenta-se o espaço regional e a dinâmica demográfica, enfocando as baixas densidades e os locais de concentração de população. Depois, são examinados os primeiros elementos sobre a migração internacional, focalizando esse movimento no Brasil e, por último, tenta-se expor e caracterizar alguns tipos de migrações.

³² WAGNER, Carlos (1999, p. 9), *apud* SPRANDEL (2006). Repórter do jornal Zero Hora, autor do livro *Brasiguaios: homens sem pátria*. Baseado em reportagens jornalísticas sobre a Região Leste paraguaia.

³³ BAENINGER, Rosana (2000). Reportagem: *O Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina*. Comciência Brasil.
<<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr09.htm>> Acesso em 21/04/2008.

Na análise da tabela realizada por Baeninger (2000), destacam-se:

Tabela 2 – Estoques de emigrantes brasileiros e imigrantes no Brasil (1960-1990)

Países	Ano	Emigrantes Brasileiros	Imigrantes no Brasil
Argentina	1960	48.195	15.877
	1970	48.600	17.213
	1980	42.134	26.633
	1991	33.543	25.468
Paraguai	1960	-	17.748
	1972/1970	34.276	20.025
	1980	97.791	17.560
	1990/1991	107.452	19.018
Bolívia	1960	-	8.046
	1970	-	10.712
	1980	-	12.980
	1992/1991	8.586	15.694
Chile	1960	-	1.458
	1970	930	1.900
	1982/1980	2.076	17.830
	1992/1991	4.610	20.437
Peru	1960	-	2.487
	1972/1970	3.077	2.410
	1981/1980	2.926	3.789
	1993/1991	2.523	5.833
Uruguai	1960	17.748	17.748
	1970	20.025	20.025
	1980	17.560	17.560
	1991	19.018	19.018
Venezuela	1960	-	1.246
	1971/1970	17.748	989
	1981/1980	20.025	1.262
	1990/1991	17.560	1.226
Colômbia	1964/1960	2.267	685
	1970	-	870
	1980	-	1.490
	1993/1991	1.383	2.076
Costa Rica	1960/1963	-	129
	1973/1970	20.025	152
	1984/1980	17.560	327
	1991	-	357

FONTE: CNPD in *IMLA/CELADE (2000)* Rosana Baeninger – Seminário Internacional: Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas Brasil 2000. 06 e 07 de dezembro Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF. Texto para discussão. (2000, p.14)
Elaboração da autora com base no estudo de Rosana Baeninger.

Essas evidências permitem caracterizar o Brasil no cenário das migrações internacionais na América Latina e Caribe, como indica o Quadro 1(Tabela 1 – nesta tese). Quanto aos países com os quais o Brasil registra evasão de população, destaca-se que com o Paraguai os anos 80 já não demonstraram a mesma força dos anos 70 e a Argentina com evasão decrescente. Por outro lado, com a Venezuela o Brasil vem aumentando seu processo de evasão populacional. Com os demais países, o Brasil vem se caracterizando como área de recepção crescente de bolivianos, chilenos e, com particular ênfase a partir dos anos 80, de peruanos, uruguaios e colombianos. (BAENINGER, 2000, p. 14).

A reportagem publicada na Revista Exame (2000), com o título: *Os Novos Imigrantes*, escrita pelo jornalista Ney Caixeta, descreve os mitos e as realidades em relação aos imigrantes empresários, executivos e técnicos estrangeiros, que migraram para o Brasil, após a estabilidade da moeda, que perfazem “1,0 milhão de estrangeiros morando no Brasil, contra 1,5 de brasileiros vivendo no exterior”, formando o novo perfil da imigração brasileira (CAIXETA, 2000, p. 146-170).

Para Caixeta (*op. cit.*), a “ordem é ir atrás do trabalho onde quer que ele se apresente e onde suas habilidades sejam requeridas”. “Esse lugar, hoje, é o Brasil”.

Desenvolvendo a discussão da questão, Caixeta aponta a existência de alguns mitos, contrapondo-os com a realidade da situação migratória no Brasil:

Mitos e realidades – Como o Brasil está de fato lidando com a entrada de trabalhadores estrangeiros.

Mito 1) O Brasil é um país muito aberto. **Realidade:** Há mais de 70 anos o Brasil é um país de imigração restrita. No período em que incentivava a vinda de estrangeiros, entre a segunda metade do século 19 e no início do século 20, entraram mais de 4 milhões de pessoas de diferentes nacionalidades. Em 1934 a imigração começou a ser contida e foi praticamente fechada três anos depois, pelo Estado Novo. Após a Segunda Guerra Mundial houve um período de abertura relativa. Na década de 1980, novas restrições foram criadas e perduram até hoje. Segundo o Ministério da Justiça, os estrangeiros legalizados no Brasil hoje somam 1,02 milhão – isto é apenas 0,6% da população do país. Nos estado Unidos a proporção de estrangeiros é de 6% a 7%. Na Argentina 4%.

Mito 2) Os estrangeiros estão tirando o emprego de brasileiros. **Realidade:** Segundo o Ministério do Trabalho, há atualmente cerca de 19 000 estrangeiros com autorizações temporárias de trabalho no país. É um contingente que está longe de afetar as

estatísticas de milhões de desempregados. Fica ainda menos importante quando comparado com o total da PEA, a População Economicamente Ativa do país, contabilizada em 77 milhões de pessoas no final de 1998. A fatia dos estrangeiros com visto temporário corresponde a 0,025% deste total.

Mito 3) As empresas multinacionais trazem mão-de-obra pouco qualificada e desnecessária ao país. **Realidade:** As autorizações concedidas pelo Ministério do Trabalho têm limites estritos. No caso de profissionais com grau de formação universitária, as empresas só conseguem trazer quem comprove pelo menos dois anos de experiência. No de técnicos, é preciso que tenham pelo menos nove anos de estudo e mínimo de três anos de experiência. Além disso, cada transferência para o Brasil precisa ser acompanhada de justificativas sobre a especialização, o tempo de permanência e as tarefas que o estrangeiro virá realizar. No ano passado, as centrais sindicais denunciaram que montadoras de automóveis estavam transferindo para suas unidades funcionários recém-formados e de baixa qualificação. A denúncia provocou a troca do então coordenador de imigração do Ministério do Trabalho e tornou os processos mais complicados e demorados (CAIXETA, 2000, p. 146-170).

2.4.1 A cronologia do contexto migratório brasileiro

As diferenças apresentadas no Brasil, em relação aos demais países, referem-se a estímulos externos que devem ser analisados para melhor compreensão da formação socioeconômica do Brasil, dados esses objetos do estudo de renomados autores.

O fenômeno do desenvolvimento econômico do Brasil até o século XIX foi marcado por contradições e conflitos. Um país de dimensões continentais, cheio de possibilidades, não poderia deixar de ser alvo dos interesses migracionistas.

Na primeira metade do século XVII, os holandeses se radicaram no Nordeste, concentrados na produção de açúcar e lá permaneceram até sua expulsão. Ocorre o desenvolvimento urbano e libertações de escravos de forma espontânea e parcial, anteriores à Abolição que é firmada apenas em 1888.

O Brasil colonial, líder mundial na produção e exportação de café, crescendo como agroexportador, exigia mão-de-obra suficiente não só para

a agricultura, mas também para a indústria incipiente. Com o fim do contrabando de escravos, a mão-de-obra livre era usada na abertura de novas terras e na produção para o consumo local.

Assim, a economia colonial exportadora, que nascera e se desenvolvera lado a lado com a escravidão – e às suas custas –, resistiu às instâncias internacionais anti-escravagistas. A economia exigia mão-de-obra barata – escravos – e o mundo conclamava a liberdade!

Em 1870-1872, a expansão da cafeicultura, o início da política de subsídios do governo brasileiro provoca a entrada maciça de imigrantes, predominantemente italianos, no Oeste Paulista e, no final dessa fase (1902), o governo da Itália proíbe a emigração subsidiada para o Brasil.

O fim do comércio de escravos provocou o aumento do preço do café. A redução – e finalmente a extinção – da mão-de-obra escrava foi provocada pela alta taxa de mortalidade, a interrupção da importação desta mão-de-obra e a fuga dos escravos, apoiados pelo movimento abolicionista.

A abolição, em 1888 e a Proclamação da República no ano seguinte, deram início a uma fase no desenvolvimento do Brasil, conflitos, como os descreve Baer: “A abolição acarretou substancialmente desorganização de algumas tradicionais regiões agrícolas, provocando o êxodo de grandes números de fazendeiros para as cidades, onde passaram a dedicar-se à indústria e ao comércio (BAER³⁴ 1975, p. 4-10).

O governo fascista³⁵ impõe restrições, reduzindo com isso a imigração maciça dos italianos. Em 1906 a valorização do café, após o Convênio de Taubaté, provoca aumento expressivo da imigração portuguesa e de espanhóis e o início da imigração japonesa, interrompida na Primeira Guerra Mundial.

³⁴ BAER, Werner. Leia-se o livro que faz menção da trajetória do processo industrial brasileiro de forma clara e coerente.

³⁵ BASSANEZI (1995, 1-38) refere-se às leis restritivas à emigração/imigração e aos ciclos econômicos, fatores de expulsão e de recepção, entre países emigrantistas e Brasil.

Resumindo, o desenvolvimento econômico do Brasil até o século XIX compreende – não tão somente em relação aos objetivos desse estudo – dois grandes períodos: a fase agrícola, com seu apogeu agroexportador (até 1930), com a preponderância de imigrantes africanos e portugueses e a fase industrial, inaugurada com a República, quando a imigração européia veio suprir o vácuo de mão-de-obra agrícola nas regiões mais ricas, especialmente São Paulo.

Nas cidades já se anunciavam os primeiros resultados da campanha pró-industrialização. Por outro lado, à debandada em massa dos escravos libertos correspondeu à importação da mão-de-obra européia.

Tabela 3 – Presença de imigrantes na indústria nacional

Década	Portugueses	Italianos	Japoneses	Espanhóis	Alemães	Outros	Total
1900-09	195.586	221.394	861	113.232	13.848	77.486	662.407
1910-19	318.168	138.168	27.432	181.561	25.902	123.819	815.453
1920-29	106.835	106.835	58.284	81.931	75.801	221.881	846.647
1930-39	102.743	22.170	99.222	12.746	27.497	68.390	332.768

Fonte: Merrick, Thomaz, GRAHAM, Douglas. *População e Desenvolvimento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, (1979, p. 91.) In MOTA & BRAICK (2002).
Elaborado pela autora com base no texto supra citado.

Houve uma grande mudança comportamental, provocada também pelos trabalhadores livres e escravos libertados que se negavam a trabalhar como assalariados, preferindo a miséria e a desqualificação social. A mão-de-obra estrangeira atraída para o sul praticamente utilizava a mão-de-obra escrava apenas como reforço e nunca nas mesmas tarefas.

O fracasso da colonização oficial deve-se às instabilidades econômicas e à dispersão dos colonos e regrido à economia de subsistência. Nas próximas décadas, cresceu a colonização privada, principalmente no Oeste Paulista. Surgiram as parcerias com apoio da mão-de-obra estrangeira e não se descartaram os atritos entre fazendeiros e

colonos na manutenção do regime de parcerias para baratear os custos de manutenção. Os fazendeiros ampliavam a parceria por meio do endividamento. Logo as expectativas de crescimento dos imigrantes eram frustradas e estes passavam a ser tratados como “escravos”.

Segundo Bassanezi (1995), o Brasil é considerado um país emigrantista, em termos de movimento populacional atual, diferente da sua história marcada desde a colonização pelos portugueses, como receptiva. Grandes impactos ocasionados pelos imigrantes internacionais ocorreram durante todo o século XIX e XX, que transformaram a demografia, a macroeconomia e o macroambiente social do país.

As causas da movimentação migratória no Brasil foram conjunturais: primeiro, a apropriação militar e econômica pelos portugueses; a entrada forçada de escravos, graças ao crescimento agrícola; já no século XIX, a necessidade de ocupação do território, os conflitos e transformações do velho mundo, a expansão do capitalismo, a expansão das comunicações, o barateamento dos custos de transportes, são alguns dos motivos citados pela autora.

Há divergências quanto ao volume migratório no país, devido às falhas de informação; anotações com critérios divergentes e as disparidades dos números face à realidade é um espelho falso. Some-se a isto o fato de a migração ilegal, a reemigração ou migração de retorno, não ser devidamente computada. Destaque-se, ainda, que o perfil dos imigrantes variara de região por região, quanto ao volume, nacionalidade, ocupações etc., dependendo também de fatores e circunstâncias históricas.

De 1872 a 1880, os censos do século XIX mostram a concentração de imigrantes para a Província do Estado do Rio de Janeiro (Capital do Império e da República), seguindo-se, em ordem decrescente, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Pernambuco. São Paulo toma a segunda posição, em 1872, reflexo da política de subsídios que beneficiava a cafeicultura paulista.

Os Censos de 1900 a 1920 revelam acréscimo de imigrantes em São Paulo e o Rio de Janeiro passa para o segundo lugar. Após a Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1950, a imigração adquire nova face: a concentração ocorre em São Paulo, Rio de Janeiro e Sul. Não se deve esquecer o Ciclo da Borracha que também estimulou a procura pelos imigrantes, nas regiões das cidades portuárias como Manaus, Belém do Pará.

Menor volume de imigrantes ocorre na época da recuperação da cafeicultura e do desenvolvimento de outros setores da economia no pós-guerra, destacando-se a imigração dos portugueses e outras nacionalidades, entre elas os poloneses, os russos, os romenos e os judeus, além dos japoneses.

No entanto, com o término dos subsídios pelo governo paulista em 1927 e a crise da superprodução do café, com as restrições impostas à imigração em 1930 e com a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, cessa o movimento migratório entre 1936 e 1945.

Posteriormente, com relaxamento das restrições, a imigração portuguesa predomina, a indústria e a colonização passam a ter papel importante. Começa a imigração "dirigida" e a "chamada por parentes".

Segundo a CIME – (Comissão Intergovernamental para Migrações Européias) e Comissão Internacional Católica de Migrações, o Brasil recebeu até 1952, 112 mil europeus trabalhadores industriais. Nos anos 1960, com o declínio do movimento migratório, com a mudança mundial – globalização – e a perda dos atrativos brasileiros, observa-se a ocorrência de épocas em que o número de entradas foi menor que os de saída, além das parcelas de reemigração (saídas para outros países ou retorno para sua pátria).

2.4.2 Uma reflexão sobre o fluxo migratório brasileiro

Na complexa dinâmica da economia e da sociedade brasileira, encontram-se os mais diferentes tipos e modalidades de fluxos migratórios e é justamente dentro dessa dinâmica que eles assumem um significado particular. Compreender essas particularidades, em todas as suas dimensões é um grande desafio.

Pode-se fazer uma reflexão no que se refere ao desenvolvimento de um conceito para o padrão migratório, procurando diferenciá-lo de tipos ou modalidades de fluxos, mostrando a sua utilidade para a compreensão das mudanças recentes no comportamento das migrações internas no Brasil.

Como as migrações constituem um processo social³⁶, elas não são um evento aleatório; elas têm regularidade empírica que pode ser observada sob a forma dos fluxos migratórios, nas suas diferentes modalidades, conforme já abordado anteriormente.

Cita-se Kawamura (2003, p. 227): “O encontro de culturas diversas coloca questões relativas à interação social em diversos setores da vivência do imigrante, possibilitando influências culturais mútuas, encontros e desencontros culturais”.

O tribalismo é uma crença na fidelidade ao próprio grupo, definido pela etnia, pelo idioma pela cultura, pela religião ou, no final do Século XX, pela profissão. E essa crença está florescendo (NAISBITT, 1994, p.17).

Muitos destes fluxos migratórios, pela sua importância para a dinâmica espacial da economia e da sociedade, assumem regularidade de ordem estrutural. Eles se transformam em trajetórias migratórias que a sociedade, a economia e o Estado desenham, espacialmente, em função

³⁶ KAWAMURA, L.K. Socióloga que pesquisou a migração dos trabalhadores brasileiros no Japão, em Nagoya (1993-1994).

das suas necessidades e, portanto, podem ser redesenhados, desde que tais necessidades se modifiquem³⁷.

Martine (1990 p. 99-160) diz que “a permanência do imigrante supõe aculturação; portanto, é receptivo quando exposto ao desafio da sobrevivência”. O oposto também é verdade; embora não se possa contar com dados que permitam aferir esses resultados, parecem indicar a sobrevivência dos mais fortes.

Esse autor refere que aconteceram algumas mudanças significativas entre as décadas de 1960 e 1980, nos fluxos migratórios para a região de expansão da fronteira agrícola. O Paraná, por exemplo, perdeu muito da sua capacidade de atração migratória e se transformou no Estado com a maior evasão populacional. A região Centro-Oeste aumentou os seus imigrantes, mas houve uma queda pequena dos originários do Nordeste, e os de Minas se reduziram praticamente à metade. A participação relativa de ambos caiu de 56,0 para 39,0%, entre as duas décadas. Parte dos emigrantes do Paraná se dirigiu para o Centro-Oeste, na sua grande maioria para Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Um quarto dos imigrantes do Centro-Oeste teve origem dentro da própria região. De fato, o que houve foi uma grande emigração do Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso, que se articulava à expansão da fronteira Norte, e uma grande troca migratória entre Goiás e o Distrito Federal, (MARTINE 1990, p.99-160).

Entretanto, apesar do grande poder de atração migratória de um determinado Estado, Município ou Área Metropolitana, essas regiões de destino nem sempre têm condições de reter uma boa parte dos seus imigrantes, provocando a chamada reemigração. Ou seja, muitos são os migrantes que chegam a um destino, mas nem todos são capazes de superar a seletividade imposta pelos processos sociais e econômicos, podendo ser empurrados em direção ao retorno ou a uma nova etapa migratória.

³⁷ MARTINE, G. (1990 p. 99-160), *in* Trabalho apresentado para 28ª Reunião Anual Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Os fatores, que, a princípio, ajudam no processo de fixação e adaptação interativa dos imigrantes no país, são: o papel desempenhado pelo governo dos Países de origem, no sentido de proteger e dar suporte técnico e econômico aos seus emigrantes no país de destino (destacado entre os japoneses, em menor escala entre os alemães, menos ainda com os italianos e nada com os espanhóis); e a contribuição da Igreja, no sentido de dar assistência espiritual e social, garantindo a inclusão, o assentamento e a manutenção das relações internacionais, (MARTINE, 1990, p. 99-160).

No entanto, merece destaque o desempenho das redes familiares e de solidariedade no apoio mútuo de seus integrantes que uniram parentes e amigos, com a inclusão no trabalho e no casamento. Mediante essas redes, formam-se associações de imigrantes: hospitais, escolas, unidades produtivas e cooperativas.

As forças da modernização provocaram, em muitas pessoas, uma sensação de não pertencerem a nenhum lugar ou de nada existir permanente ou estável em suas vidas. É bastante compreensível que elas, então, procurem alguma coisa que pareça eterna e que não lhes possa ser subtraída. Uma delas é ser membro de um grupo. Outra é um sistema de crenças ou uma religião (NAIBITT, 1994, p.181).

[...]

As redes sociais (de parentesco, amizade e conhecimento), no âmbito das migrações, possibilitam, através dos vínculos estabelecidos entre a origem e o destino, a deflagração e a manutenção dos fluxos (BÓGUS e BASSANEZI 1995).

A bagagem sociocultural (alfabetização, religião, ensinamentos técnicos) são os vários componentes que dificultam, retardam ou facilitam os processos de adaptação dos imigrantes. O grau de expectativa de retornar enriquecido ao país de origem facilita o trabalho árduo e a poupança.

Bassanezi (1995) discute as especificidades em relação aos movimentos migratórios, como inserção e adaptação, trazidas à luz da história e das políticas migratórias que ainda persistem em nosso país (BASSANEZI, 1995).

O fluxo migratório no Brasil é, portanto, um processo que ocorre desde a descoberta do território pelos portugueses. Caracterizado por

inúmeras variantes, pode-se considerá-lo um objeto de estudo rico e interessante no que tange às pesquisas sobre demografia.

A avaliação quanto ao volume de imigrantes e emigrantes no Brasil é um pouco divergente. De fato, as anotações apresentam critérios divergentes e as estatísticas não refletem a realidade. Além disso, há o fato das imigrações ilegais, da reemigração ou migração de retorno não serem devidamente computadas. Destaque-se, ainda, que o perfil dos imigrantes variou de região para região, quanto ao volume, nacionalidade, ocupações etc., acrescido de fatores e circunstâncias históricos que foram descritos a partir da releitura de Bassanezzi (1996) e outros.

Na perspectiva de trabalhar os emigrantes brasileiros que se deslocaram para além das fronteiras brasileiras, na direção de terras paraguaias, o próximo capítulo traz estudos referentes à denominada comunidade de “brasiguaios”.



3.1 A MIGRAÇÃO BRASIL-PARAGUAI

A observação da área fronteira Brasil-Paraguai no âmbito socioambiental e econômico marca os potenciais de integração e os conflitos latentes que podem surgir neste processo migratório, importante para este estudo.

A área em que se desenvolve a pesquisa é a bacia do Médio e Alto Paraná, região de fronteira internacional que abrange o Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil) e ainda a região do Canindeyú (capital Salto Del Guariá - primeiro departamento ao norte) e Itapúa (capital Encarnación) no Paraguai³⁸. São áreas de pouca densidade populacional, onde a questão ambiental é relevante e a agricultura de soja e algodão é o que constitui a economia da região.

Buscou-se pesquisar e descrever as formas de mobilidade populacional³⁹, de migração internacional e de inserção social e econômica, considerando as diferentes escalas espaciais em que esses processos ocorrem. São considerados os movimentos atuais dos brasileiros e paraguaios, principalmente com destino às áreas rurais, tendo em vista que essa é a principal forma assumida pelos deslocamentos nessa região.

Essa mobilidade populacional é tratada por Souchaud (2002) como sendo uma particularidade da migração brasileira que pouco a pouco constrói sua própria rede urbana, independente do modelo das cidades paraguaias e/ou brasileiras.

A corrente migratória Brasil-Paraguai, foco deste exame, está intrinsecamente ligada à formação da fronteira entre os dois países, principalmente a fronteira agrícola, abordada no artigo de Patarra (2002, p. 36-38). A esse propósito leia-se:

³⁸ Departamentos do Paraguai: Alto Paraguay, Alto Paraná, Boquerón, Caaguazú, Caazapá, Canindeyú, Central, Concepción, Cordillera, Guairá, Itapúa, Misiones, Neembucú, Paraguarí, Presidente Hayes, San Pedro. Sendo Assunção a capital.

³⁹ Leia-se, PALAU, T. *Migration among countries in Mercosul: trends and perspectives*. Barcelona: IUSSP, n. 7-10, mai.1997.

Assim sendo, as desigualdades nos processos de desenvolvimento entre os países provocaram movimentos migratórios internacionais que constituem uma modalidade da migração interna dos respectivos países, uma vez que os deslocamentos significam uma extensão transfronteiriça dos mesmos processos sociais (PALAU⁴⁰, 2000, p. 2)).

As primeiras conclusões observadas vão em direção a um sentido de grande heterogeneidade e complexidade das questões sociais existentes na faixa de fronteira estudada. Contudo, apontam também para uma possível integração regional decorrente das complementaridades oriundas dos laços que se estabelecem entre os espaços nacionais conquistados na região.

O estudo da distribuição da população e das variações de densidade demográfica permite apresentar de maneira matizada a questão da estruturação histórica e atual desse espaço regional.

Considera-se importante introduzir esse assunto para perceber como a própria organização do território influencia os movimentos migratórios regionais. No presente, essa migração se concentra na área rural⁴¹ e se divide em três categorias. Neste estudo está tratado apenas o agricultor que deu certo, se assim se pode dizer, baseando-se nas já referidas categorias de Palau (2000).

1) Os pequenos e médios empresários familiares, provenientes dos Estados do Sul do Brasil, que foram atraídos pelas possibilidades de adquirirem terras a preços até 8 vezes mais barato que no seu país. Este grupo foi que se assentou, criou e consolidou colônias agropecuárias prósperas que chegaram alcançar importante desenvolvimento socioeconômico ao ponto deles participarem ativamente, hoje, na vida política do Paraguai (PALAU, 2000, p. 2).

No caso do Chaco paraguaio, a “desertificação” é ainda mais relevante na faixa da fronteira. Assim, o departamento de Alto Paraguai,

⁴⁰ Leia-se PALAU, Tomás & HEIKEL, Maria Victoria. (1984).

⁴¹ PALAU, T (2000, p. 2): “Os pequenos agricultores, alguns pequenos proprietários, mas geralmente arrendatários ou trabalhadores diaristas em seu país, que foram traídos pelos colonizadores e, enviado por seus patrões para enfrentar as tarefas iniciais de habitar em terras agrícolas”. 3) “Os trabalhadores agrícolas desarraigados (ou dizer: ‘sem terra’) que, não tenham trabalho fixo, e vivem em condições de total precariedade em terras alheias, com contratos verbais arbitrários e em parcerias precárias”.

divisa com o Mato Grosso do Sul, abriga cerca de três vezes mais habitantes do que na região de fronteira. De modo geral, existe uma tendência de concentração de população na região do Chaco paraguaio.

Ambos os governos – brasileiro e paraguaio – promoveram a povoação das áreas fronteiriças, instaurando a fronteira político-administrativa. A demanda de terras férteis para o cultivo diferenciado, a facilidade de comercialização dos produtos pela proximidade de estradas conducentes a mercados exportadores atraíram o interesse de particulares e empresas; esse processo nem sempre foi pacífico – tais áreas foram palco de lutas e de exclusão social.

O movimento migratório se intensificou com a venda de terras paraguaias a companhias agropecuárias estrangeiras e a colonos brasileiros, que se beneficiaram das condições favoráveis oferecidas pelo governo paraguaio, como o baixo preço das terras, a redução de taxas, a oferta de créditos etc. Produtores e arrendatários brasileiros prosperaram no Paraguai até o final da década de 1970, quando o assentamento em terras paraguaias começou a apresentar dificuldades, com a venda preferencial destas terras a grandes empresas agrícolas e aos “*farmers*”, transformando antigos ocupantes em assalariados eventuais.

3.2 OS BRASIGUAIOS: A DICOTOMIA DO TERMO E DA IDENTIDADE

A pessoa, como um todo, é o resultado de sua herança genética, moldado e desenvolvido dentro de uma comunidade, definida e autenticada pelos valores da cultura em que se insere. Citando Castells (2002, p. 22) “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”, conceito reforçado por Calhoun: “não temos conhecimento de um povo [...] a identidade de atores sociais é o processo de construção de significado, com base num atributo cultural”. Pode haver sobreposição de identidades, o

que, ainda segundo Castells, pode gerar tensões, tanto naquilo que o ator diz de si mesmo (representação interna) quanto pela representação social. Pode ocorrer a confusão de identidade “como papel”, por exemplo, no caso em pauta, “parecer” brasiguaios se confunde com o brasileiro vivendo no Paraguai.

Os papéis dependem de acordos ou negociações entre indivíduos e instituições, como um casamento entre homem-mulher. Identidades, pelo contrário, são construídas pelo próprio ator social, num processo de individuação e apropriação de um significado. A identidade também pode ser atribuída a partir de uma instituição dominante, desde que o ator social a introjete, apropriando-se e atribuindo-se esse significado, interpretando o entendimento de Castells (2002).

O termo ‘brasiguaios’ surgiu quando começou o movimento de retorno dos migrantes brasileiros. Aplicando-se os conceitos de Castells aos brasiguaios, depara-se com similaridades e disparidades de opinião começando por Sprandel: na citação de Zaar, a partir da qual se entende tratar-se de agricultores sem terra, de volta ao Brasil, para o meio de onde saíram, muitas das vezes, voltam a fazer parte do Movimento dos Sem Terra – MST. Configuram, também, uma personalidade reivindicativa, auto-assumida.

Os autores consultados coincidem na caracterização dos brasiguaios como “brasileiros agricultores”, “homens da terra” e, segundo Patarra e Baeninger (2005), expulsos, o que leva a considerá-los como não seletivos e com tendência a aumentar. Diante dos inúmeros conflitos (que as diversas imprensas assinalam), “os brasileiros ou ‘brasiguaios’, como passaram a ser chamados, iniciaram um processo de retorno”, confirmado em Sales (2002, p. 98).

Assim, a definição do conceito “brasiguaios” é tratada por diversos autores que abordam o tema referente à questão migratória. Cabe citar com

destaque os trabalhos de Zaar⁴² (2001); além de Patarra e Baeninger⁴³ (2005); há também Fusco (2006) na quantificação, localização e caracterização dos “brasiguaios” e/ou, ainda, o trabalho exaustivo e amplamente citado nas diversas fontes consultadas como de Palau (2000) e Sprandel (2006).

Na linha de interpretação do termo, como elemento de caracterização, encontra-se eco em Celso N. Salim (1995, p.148), quando conclui, referindo-se aos pioneiros devolvidos ao Rio Grande do Sul: “... delineando não apenas alguns traços do perfil, como, principalmente, a dramática trajetória dos brasiguaios nos anos de 1980” Salim (1995, p.148).

Sprandel (2000) considera que o termo “brasiguaios” surge a partir de 1982, com o retorno dos brasileiros de forma organizada ao território paraguaio.

Palau (2000) classifica os “brasiguaios” em três grupos, segundo a proveniência, a atividade, nível da inserção na terra, numa análise atual, a saber:

- i. La de los pequeños y medianos empresarios familiares, provenientes de los Estados del sur de Brasil, que fueron atraídos por las posibilidades de adquirir tierra a precios hasta ocho veces más barato que en su país. Este grupo fue el que se afincó, creó y consolidó prósperas colonias agropecuarias y que lograron alcanzar un importante desarrollo socioeconómico hasta el punto que muchos de ellos participan activamente, hoy, en la vida política del Paraguay.*
- ii. La de los pequeños agricultores, algunos pequeños propietarios pero generalmente arrendatarios o trabajadores diaristas en su país, que fueron traídos por las colonizadoras o enviados por sus patrones para encarar las tareas iniciales de habilitación de la tierra de monte en agrícola.*
- iii. La de un trajadores agrícolas desarraigados (va decir, sin tierra) que, o no tienen trabajo fijo, o viven en condiciones de total precariedad en tierras ajenas bajo contratos verbales arbitrarios y en aparcerías precarias. (PALAU, 2000, p. 1).*

⁴² Zaar, Miriam H. (2001, p.5) Doutoranda em Geografia, Universidade de Barcelona, em artigo publicado na Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, refere-se aos brasileiros que se reproduzem em território da República do Paraguai, com a denominação de “brasiguaios”.

⁴³ Patarra, N., Baeninger, R. (2005) Contribuição ao Congresso de Modelos de Pastoral – Triuggio (IT) Centro de Estudos Migratórios.

O fenômeno migratório, a partir do qual se constituiu a categoria brasiguai, foi intensificado no Paraguai nos anos de 1950, durante o governo do ditador Stroessner⁴⁴, quando foi criado um amplo programa de atração migratória voltado ao desenvolvimento do país e com incentivos que facilitaram a aquisição de lotes de terras, medida essa que estimulou a economia local e aumentou a demanda dos brasileiros por novas oportunidades, o que o Brasil não oferecia na época.

Esse fenômeno despertou o interesse para a presente pesquisa, uma vez que um contingente expressivo de brasileiros – citando Patarra e Baeninger (2005) em torno de 440 mil – foi atraído por essas medidas.

Diversas alternativas de atração, segundo alguns autores, estimularam o movimento migratório dos brasileiros para o Paraguai, dentre as quais se pode citar Salim e Wagner (1990) no trecho que nos remete a uma destas facilidades impulsionadoras, desenhadas por políticas intergovernamentais praticadas pelo então Presidente Stroessner.

[...] com o advento da ditadura de Stroessner, inicia-se o processo de transformação do setor agropecuário, por meio de um conjunto de políticas dirigidas à colonização e à modernização da fronteira agrícola. Essa estratégia objetivava o crescimento para fora, via incremento das exportações agrícolas. Para isso, além de distribuir terras aos militares e líderes políticos, o governo também transferiu aos grandes grupos estrangeiros a tarefa de 'organizar a colonização' (SALIM, 1995, p; 146).

Considera-se importante, ainda, descobrir outras situações decisivas que atuaram como fatores de expulsão e de atração de tantos brasileiros. Esse fato histórico é citado por Souchaud (2002), contrariando um paradigma brasileiro dos séculos XIX e XX, até então preestabelecido, qual seja ter sido um país que acolheu e atraiu vários povos.

En las postrimerías de la década del 80 (1980) se produce un fuerte éxodo de brasileños, motivado por vários elementos, Por un lado el fin del régimen de Stroessner da lugar a un período de incertidumbres y de inseguridad brasileña". Incertidumbres

⁴⁴ Alfredo Stroessner Matiauda (Encarnación, 3 de novembro de 1912 – Brasília, 16 de agosto de 2006) foi um político, general-de-exército e presidente do Paraguai, que governou sob um regime ditatorial, entre 1954 e 1989. "O regime de Stroessner foi sangrento e totalitário. Estima-se em quatro mil os desaparecidos políticos". Governava com "mãos de ferro" apoiado pela tríade política: governo / partido / exército. (BRANDÃO, 2006).

concernientes a la suerte reservada a estos brasileños, ilegales en su mayoría. Inseguridad en razón de los errores del poder central paraguayo que deja las manos libres a todo tipo de individuos sin escrúpulos que harán más difícil que nunca la vida a los brasileños, multiplicando extorsiones, expoliaciones, expulsiones sumarias, violências físicas. Por otra parte debido a los elementos citados precedentemente, la reciente democratización en Brasil (1984) hace renacer la posibilidad de un amplio plan de reforma agrária; serán muchos los que serán repelidos por los militares en la frontera brasileña y en consecuencia, deberán organizar retornos colectivos que terminarán en ocupaciones de haciendas (SOUCHAUD, 2002, p. 151).

Situações de risco, inerentes ao início de uma nova vida em um lugar diferente, perdem a relevância diante dos fatores de atração, que provocaram uma demanda representativa de brasileiros. Afinal, deixar o país de origem não deve ser uma decisão simples, ainda mais quando esse é tido como modelo de país receptor de migrantes das mais diversas regiões do mundo e que passa a ser visto também como um país de emigração.

Retoma-se a ideia já exposta de que a história do Brasil é escrita com a migração dos povos portugueses, italianos e africanos, além de tantos outros imigrantes que ajudaram a desenhar a economia, a agricultura e o modo de viver do país, formando um povo inspirado por tantos outros povos.

Assim, o Brasil, um país de portas abertas para a imigração, que exerceu forte atração, recebendo volume expressivo de imigrantes transcontinentais da África, Europa, Ásia e da própria América, torna-se, assim, um país de emigração, principalmente entre os anos 1970 e 1980. “A partir da década de 1980, o Brasil que, até então, apenas recebia imigrantes provenientes de vários países como Itália, Japão e Espanha, entre outros, passa a ter seus cidadãos na rota das migrações” (RAMOS, 2002, p. 10).

Por conta da política econômica vigente e inflacionária, já nos tempos finais dos governos militares, ou seja, no macro-ambiente brasileiro no período 1970-1980, houve o achatamento do poder aquisitivo da classe

média, com a redução do volume e da qualidade do emprego, gerando incertezas políticas⁴⁵ e econômicas⁴⁶.

Nesse contexto, observou-se o aumento da violência urbana, a ausência do Estado em questões fundamentais para a normalização da coletividade e a falta de perspectivas e futuro para a população das classes sociais menos favorecidas⁴⁷, que vivem à margem da sociedade de consumo (RICO, 2001, p. 50).

Esse grupo social já apresentava baixa qualidade de vida, sofria com a ausência de acesso aos elementos componentes da expansão da produção e da riqueza, elementos que alteram os fatores componentes do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano –, situação essa capaz de gerar fortes fatores de expulsão (RAMOS, 2002, p. 14).

As rotas internacionais mais procuradas pelos brasileiros, entre os países mais desenvolvidos, foram os Estados Unidos, o Japão e o Canadá. Na realidade, esses países fornecem melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, os locais preferidos dos brasileiros quando se trata de emigração. Porém, segundo Patarra e Baeninger (2005, p. 7), o Paraguai aparece em segundo lugar, quando se trata de volume migratório:

Se em 1996, dados do Ministério de Relações Exteriores contabilizavam uma população de brasileiros no exterior na ordem de 1.548.756, dos quais 598.526 residiam nos Estados Unidos; em 2002, registros consulares calculam em 1.887.895 os brasileiros

⁴⁵ O processo ditatorial Brasileiro implantado em 1964, pelo militares, representou um expressivo fator de expulsão da população brasileira não favorecida pelo regime.

⁴⁶ O descontrole da inflação ocorrido nos anos de 1980, após a crise mundial do petróleo, e provocada pela ganância de alguns setores da economia e uma elevada dívida externa motivada por altos gastos públicos. Para Silva (2004, p. 10), “No Brasil que está entre os países mais ricos do planeta, a inflação foi refreada, mas o desemprego teve um aumento sem precedentes, sendo que mais de 50% dos trabalhadores encontram-se na informalidade. A dependência em relação aos capitais externos aumentou e a prioridade das contas públicas tem sido o pagamento dos juros aos credores internos e externos. Grande parte do patrimônio público foi privatizado, sendo que, em muitos casos, os serviços privatizados tiveram aumentos de tarifas. A renda concentrou-se e o salário mínimo vale menos de 30% que valia em 1940, quando foi instituído. E os investimentos na área social declinaram”.

⁴⁷ De acordo com RICO, 2001 *apud* RUSSO, 2000, p. 1. O relatório Situação Mundial da Infância, do UNICEF – The United Nation Children’s Fund, constata a gravidade das condições de vida das crianças e dos adolescentes nos países menos desenvolvidos e em desenvolvimento [...] O Brasil e a Guatemala apresentam taxas de repetência mais altas – acima de 15% - Indicando problemas na qualidade da educação. Nove mil das 256mil crianças que nasceram no Brasil, em outubro passado, morrerão antes de completar um ano de idade. Por outro lado, 21% dos pais são analfabetos e 27% possuem renda familiar inferior a meio salário-mínimo *per capita* por mês. [...].

'no exterior', dos quais 42% encontravam-se nos Estados Unidos (quase 700 mil brasileiros); 24% estavam no Paraguai (em torno de 450 000) [...] (PATARRA & BAENINGER, 2004, p. 7).

Em relação à emigração⁴⁸ para o Paraguai ou demais países da América Latina, é encontrada uma realidade diferente, conforme vem sendo demonstrada neste estudo, que traz à tona as condições de vida dos brasileiros, os quais migraram para o Paraguai e lá vivem e se relacionam, muitos dos quais se encontram na terceira geração.

Além disso, ao conhecer o dia-a-dia de brasileiros e paraguaios, evidenciam-se as contribuições que os brasileiros levaram ao Paraguai e a relação de reciprocidade entre esses dois povos: vizinhos tão próximos territorialmente, mas, ao mesmo tempo, distantes e diferentes em seus costumes e hábitos, formando um fluxo migratório como uma rede permanente de migração, conforme refere Souchaud (2002, p. 152) e cujos dados atuais se encontram adiante.

Apesar de essa migração aparecer concentrada no eixo Este-Oeste – Alto Paraná –, também se espalhou no eixo Norte-Sul do Paraguai. Mesmo que os dados censitários forneçam as informações que consideram corretas, tanto Souchaud (2002, p. 152) como esta autora, acreditam fortemente que tais dados são imprecisos tanto em termos de quantidade de movimento migratório, quanto à localização espacial.

A situação social dos brasileiros e seus descendentes que vivem no Paraguai, [...] com suas múltiplas perspectivas, permitem que se relativizem as narrativas midiáticas e a concepção da região como 'lugar difícil'. Ao discorrer sobre trabalhos de diversos autores, de distintas áreas acadêmicas, o artigo aponta para a importância de cada um deles na construção de uma análise que

⁴⁸ POCHMAN, M. economista. Os dados estão no estudo inédito: *Nova geoeconomia do emprego no Brasil: Estados da Federação um balanço de 15 anos*. "São Paulo deixou de ser a locomotiva do país e vive um momento de estagnação da economia e, por consequência da geração de emprego. O Estado onde migrantes de todas as regiões do país buscavam oportunidades no passado já não absorve mão de obra e registra um dos maiores números de 'exportação' de trabalhadores". "Em contrapartida, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que se desenvolveram mais nos últimos 15 anos não apresentam resultados tão positivos de forma a equilibrar o emprego no país. Pelo contrário, onde há geração de vagas, principalmente em locais com atividades de agropecuária, também há aumento do desemprego, em função da migração desordenada". Marcio Pochmann, coordenador técnico do Instituto DataSol. O trabalho reúne informações sobre a evolução do PIB, do emprego, da migração e da PEA – População Economicamente Ativa, por Estado e por Região do País de 1990 a 2005.

traduza a pluralidade de pontos de vista coexistentes na região e que são, muitas vezes, inconciliáveis (SPRANDEL, 2006, p.1-2).

A discussão avança sobre a representatividade do termo “brasiguai”, pois, entre imigrantes, sociedade, órgãos governamentais e ONGs - Organizações não-governamentais - há definições divergentes. Neste estudo são contempladas as discussões temáticas tratadas por Sprandel (2006, p. 2).

Os “brasiguaios” são apresentados como um grupo social formado por centenas de milhares de camponeses brasileiros (as estimativas mais razoáveis variam de trezentas a quinhentas mil pessoas), que se transferiram para a fronteira leste do Paraguai na década de 1970, expulsos pela monocultura da soja e pela construção de Itaipu, num contexto de disputas geopolíticas, e que no Paraguai (apesar de “terem levado o progresso econômico ao campo”) enfrentam sérios problemas de documentação, titulação de terras e conflitos com o movimento camponês paraguaio [...]. Se invertermos o olhar e pesquisarmos em jornais e revistas paraguaios, como bem demonstra Albuquerque (2005)⁴⁹, teremos uma outra visão, também homogeneizadora, dos brasileiros que vivem no Paraguai: empresários ricos, imperialistas, atraídos pelos baixos preços das terras e pela abolição da proibição de compra de terra por estrangeiros (promovida por Stroessner, em 1967), introdutores da monocultura da soja, responsáveis pela expansão da soja transgênica no país, expulsos de camponeses sem terra e índios e devastadores das florestas e do meio ambiente (SPRANDEL, 2006, p. 2-3).

Essa autora, ao realizar um estudo cartográfico da situação social de brasileiros e seus descendentes que vivem no Paraguai, construiu como categorias de análise alguns elementos que ela denominou de “mapas”, a saber:

- 1 - brasileiros no Paraguai como camponeses em situação de injustiça;
- 2 - brasileiros no Paraguai como grupo étnico em situação de fronteira;
- 3 - brasileiros e paraguaios em situação de interação: a dinâmica das identidades nacionais;
- 4 - a geografia e a formação de um “espaço brasiguai”;
- 5 - brasileiros no Paraguai como grupo lingüístico;

⁴⁹ A autora refere-se à tese de doutoramento de José Lindomar Coelho Albuquerque: *Fronteiras em movimento e identidades nacionais. A imigração brasileira no Paraguai*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará em 2005.

- 6 - outras perspectivas acadêmicas;
- 7 - brasileiros no Paraguai como brasileiros no exterior;
- 8 - brasileiros no Paraguai do ponto de vista de políticas públicas;
- 9 - os brasileiros que vivem no Paraguai e os organismos internacionais.

Ao focar com mais atenção o mapa de número três, proposto pela autora, as reflexões se remetem à questão das identidades em suas expressões e em seu processo de construção. E, nesta direção, considera-se extremamente relevante a contribuição de Albuquerque (2007).

O termo “brasiguai”, à primeira vista, poderia ser compreendido como sinônimo de uma identidade “híbrida e fronteiriça”, sob a qual estariam subjacentes as identidades brasileira e paraguaia. Em verdade, o termo adquire sentidos diversos ao longo do tempo, expressando com mais propriedade uma identidade “ambígua e negociada”, resultante de interesses nem sempre muito explícitos. Diz Albuquerque que a “identidade brasiguai” é “imprecisa e bastante mutável”.

Essa categoria pode ser atribuída: 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e aos descendentes que já misturam a cultura brasileira com elementos da cultura paraguaia; 5) a todos os imigrantes brasileiros que vivem na nação vizinha. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 2).

No Paraguai, o termo pode adquirir um significado diferente, referindo-se àqueles que usurparam terras aos “campesinos” paraguaios pobres que devem lutar contra os brasiguaios ricos e invasores.

Há, também, os aspectos culturais, em especial a questão lingüística, uma vez que na fronteira fala-se português, espanhol e guarani, de onde decorre um vernáculo chamado de “portuñol” ou “portuguarañol”. Não é possível ignorar, portanto, que os brasileiros imigrantes vivem a cultura brasileira no ambiente familiar, mas se deparam com a presença da cultura paraguaia na escola.

Ao se reportar à terceira geração de brasiguaios (brasileiros que emigraram e se instalaram a partir dos anos 1970 em território paraguaio), não se pode ignorar que os nascidos após essa imigração seriam cidadãos paraguaios. No entanto, se forem filhos de brasileiros, serão reconhecidos como brasileiros, mas, se forem filhos de pai brasileiro e mãe paraguaia, por exemplo, não serão tidos como brasileiros puros.

Assim, o que se depreende é que a identidade “brasiguiaia”, embora negada com freqüência, é utilizada pelos próprios imigrantes, por religiosos, intelectuais, políticos, jornalistas e pelo movimento camponês paraguaio.

Sprandel (2002) refere que há uma diferença significativa entre os imigrantes brasileiros no Paraguai - os chamados brasiguaios - e aqueles instalados em território Argentino – os denominados brazucas, sendo este último tratamento bastante pejorativo e jamais de “auto-atribuição”. Para ela, o termo “brasiguiaio” tem “sua origem nos processos coletivos de volta ao Brasil e/ou de lutas por terras, sendo organizacional e emblemático”.

Finalmente, como ainda propõe Albuquerque (2007, p. 6), trata-se de um termo “vivo”, ou seja, em constante redefinição na agregação de novos sentidos. O termo “brasiguiaio” sinaliza a identidade daquele “cidadão que sintetiza a contraditória experiência de conflito e integração na zona de fronteiras”.

A compreensão sobre as razões da elevada migração dos brasileiros ao Paraguai, iniciada na década de 1970 até os nossos dias, envolve o entendimento de uma identidade “múltipla e híbrida”, como consequência deste processo.

Eis um grande desafio, considerando que se encontram na terceira geração, como já referido. Sabe-se que as redes sociais institucionalizadas e estabelecidas prolongam a migração e as idas e vindas permanecem como vínculos que não se rompem.

Tanto a estabilidade dos fluxos migratórios como a sua continuidade são estimulados pelos laços entre os locais de origem e destino. Fusco (1997) discute que:

O que ocorre é que não basta a aglomeração de pessoas no destino para que existam os benefícios que facilitam e estimulam o ingresso de pessoas num fluxo migratório. A formação de comunidades no destino é uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que se desenvolvam redes de relações confiáveis unindo origem e destino, nos quais o migrante em potencial possa se apoiar. [...] As regiões que mais atraem migrantes são as que melhor disponibilizam os recursos característicos das redes migratórias (FUSCO, 1997, p. 6). [Grifo nosso].

Mitchel⁵⁰ (1969, *apud* TORRESAN, 1995) conclama que os indivíduos constituam os marcos de referência das redes sociais. Por conseguinte, o indivíduo irá perceber-se na relação com outros indivíduos e na relação consigo mesmo. Dessa percepção, formam-se redes sociais que expressam a interação entre os membros, a qualidade dos laços de amizade e/ou de desencontros entre os atores sociais, na perspectiva de um aconchego adequado às ações de integração e de inserção social.

Para Bógus (2000, p. 11), a literatura (SALES, 1999; TILLY, 1990 e MARGOLIS, 1994, dentre outros) mostra “as redes sociais (de parentesco, amizade e conhecimento), no âmbito das migrações, as quais possibilitam, por intermédio dos vínculos estabelecidos entre a origem e o destino, a deflagração e a manutenção dos fluxos”.

Para Castells (2002), “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”.

Nas palavras de Calhoun⁵¹:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida [...]. O auto-conhecimento – invariavelmente uma construção – não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente

⁵⁰ MITCHEL, Clyde. “Preface” in *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central Africa Towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

⁵¹ CALHOUN, Craig (org.) (1949) in Castells (2002). *Social Theory and the Politics of Identity*. Oxford: Blackwel.

dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN *in* CASTELLS, 2002, p. 22).

A identidade de atores sociais é o processo de construção de significado, com base num atributo cultural. Pode haver sobreposição de identidades, o que, ainda segundo Castells (2002), pode gerar tensões, tanto naquilo que o ator diz de si mesmo (representação interna), quanto pela representação social, o que não permite a confusão de “identidade” com o “papel”.

Os papéis dependem de acordos e negociações entre indivíduos ou instituições. Identidades, pelo contrário, são construídas pelo próprio ator social, “num processo de individuação” e apropriação de um significado. A identidade também pode ser atribuída por uma instituição dominante, desde que o ator social a introjete, apropriando-se e atribuindo-se esse significado.

Aplicando esses conceitos aos brasiguaios, depara-se com similaridades e disparidades de opinião. O termo “*brasiguaios*” para Sprandel⁵² (2000, *in* Zaar 2001) apareceu pela primeira vez quando um grupo de brasileiros retornaram ao Brasil por volta de 1982:

Tal expresión, entretanto, no apareció en ningún documento o noticia anterior al 14 de junio de 1985, cuando – frente a la divulgación de un Plan Nacional de Reforma Agrária en Brasil – más de mil familias así autoidentificadas volvieron masivamente del Paraguay y armaron un inmenso campamento en la plaza principal de la ciudad fronteriza de Mundo Novo (Mato Grosso do Sul), reivindicando tierras (SPRANDEL, 2000, in ZAAR, 2001, p. 8).

Lendo essa citação, pode-se entender tratar-se de agricultores “sem terra” de volta ao Brasil, para o meio de onde saíram. Esse termo configura também uma personalidade reivindicativa auto-assumida.

⁵² SPRANDEL, Marcia. In ZAAR (2001) *Una identidad de frontera y sus transformaciones. In: Colección Signo*. Tradução Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000: 299-320.

Na linha da interpretação do tema como elemento de seletividade, encontramos eco em Salim (1996) que afirma:

[...] colonos brasileiros, parcela importante dos imigrantes constituiu-se de pessoas sem terra ou com acesso precário à mesma, sofrendo, por isso, toda uma série de problemas, ou seja, um contingente de deserdados, semelhante à dos camponeses paraguaios, vítimas da ocupação (SALIM, 1996, p. 148).

E conclui, referindo-se aos pioneiros, devolvidos ao Mato Grosso do Sul, o que delineia alguns traços do perfil, mas também a dramática trajetória dos brasiguaios, diz:

Hoje, transcorridas mais de duas décadas da história migratória, os brasiguaios, após terem expandido a fronteira e produzido riquezas, são impedidos sob a omissão complacente dos governos de ambos os países, de terem acesso à cidadania e aos direitos sociais básicos (SALIM, 1996, p. 154-155).

Nessa perspectiva, Salim atesta que a situação dos brasiguaios tende a piorar: trabalhadores rurais desempregados, tirando o sustento do mercado informal e com problemas de documentação: “em condição dúbia, esses trabalhadores não são brasileiros, porque perderam os seus direitos, nem paraguaios, porque não se incorporaram à sociedade paraguaia”.

Existe, hoje, fracassada, a fraca tentativa dos dois governos, um Comitê de Repatriação dos Brasiguaios, com apoio de várias organizações não governamentais.

Palau (2002), avaliando a região-alvo desta análise, classifica os migrantes brasileiros em quatro categorias. A primeira é a representada pela burguesia agrária no Brasil. São os que chegaram em 1970 em Alto Paraná, Canandeyú e Itapúa. Geralmente têm acima de 100 hectares de terra e são chamados “*farmers*” (conforme ilustração nº 7). Dentro deste grupo, inclui-se uma faixa de médios/grandes empresários agrícolas, empenhados na capitalização (compra-venda). Não é representativo em termos numérico, mas pelo peso econômico. Um segundo grupo é constituído pelos agricultores médios, com títulos de terra (20 a 100 hectares). O terceiro grupo é o dos arrendatários, constituído por migrantes capitalizados, mas sem títulos de terra. Fazem uma agricultura estritamente comercial.

O grupo dos “brasiguaiois”, propriamente dito, compõe-se de alguns grupos que são ocupantes de terra, mas sem título de propriedade; outro grupo, com título provisório (muito frequente), trabalhando por contratos verbais; finalmente o grupo dos assalariados agrícolas, sem terra e sem contrato (bóias-frias) que parece ser o maior contingente. Em Palau (2002), essa classificação parece mais simplificada, reduzida a três grupos, como referido anteriormente.

Em consonância com a abordagem teórica realizada no capítulo 1, evidenciando a globalização como sinônimo de exclusão de alguns grupos sociais, observa-se que isto ocorre no caso dos “brasiguaiois”, na medida em que se constata a precariedade e a exclusão presente no processo migratório em estudo, à luz sobretudo dos avanços da globalização.

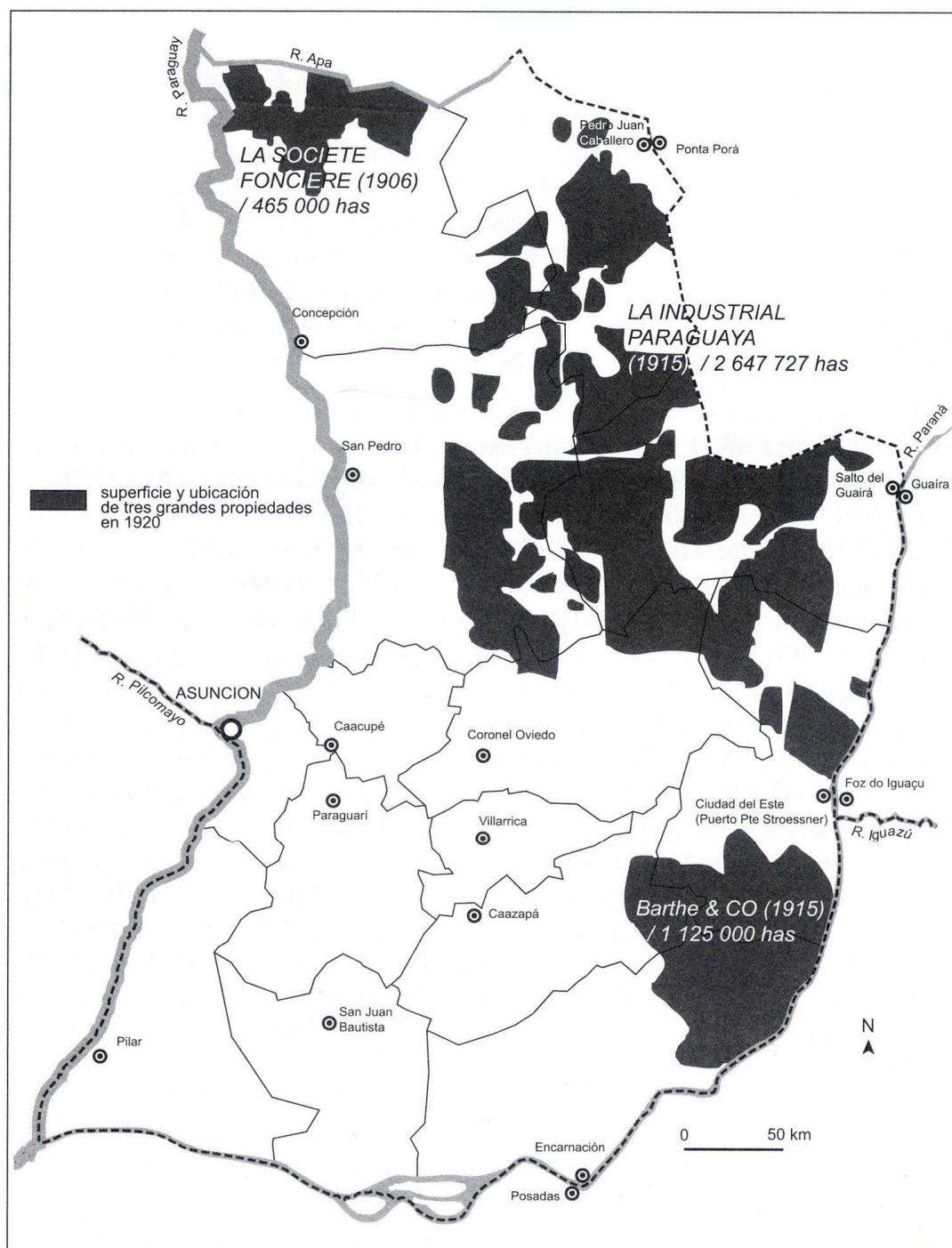


Ilustração 7 – Os latifúndios das fronteiras paraguaias até 1950

Fonte: según *Area under forest in eastm Paraguay*. C. 1975. Institute/Klein, 1947, in Kleinpenning, 1992.

Segundo Patarra (2002), o termo “brasiguai” passou a designar o imigrante estrangeiro de origem brasileira, inserido no país mediante a condição de pequeno proprietário agrícola (via de acesso ao país), aculturado à sociedade receptora, sem perder os laços sócio-hereditários do país de origem. Mais caracterizadamente, os “brasiguaios” se distinguem por sua ligação com a terra (pequenos proprietários, arrendatários e outros assalariados) ou com o grau de penetração no território: os que vivem perto de Canindeyú e os que se fixaram nas áreas fronteiriças do Mato Grosso do Sul, do lado brasileiro.

Esses atores são provenientes, na maioria das vezes, da agricultura e do Estado do Paraná, mas não unicamente são provenientes dessas situações. Zaar (2001) analisa:

A parcela dos agricultores paranaenses que emigraram em direção à República do Paraguai, os quais se somaram aos brasileiros que já estavam se reproduzindo no País vizinho, ‘empurrados’ por um sistema que visava à modernização do Brasil a qualquer preço (ZAAR, 2001, p.5).

O autor continua sua análise interpretativa dos fatos históricos, no processo da migração dos brasileiros para o Paraguai, buscando os fatos antecedentes a esse processo. Descendentes alemães e italianos radicados no Rio Grande do Sul desde o século XIX foram atraídos a se deslocarem para o Paraná. Durante o processo de colonização da área, por volta de 1960, o governo inaugurou políticas de incremento para a exportação e a modernização da indústria, situação que se manteve até 1970, quando a demanda internacional da soja caiu e o estímulo financeiro até então oferecido, diminuiu. O agricultor tornava-se, então, um candidato em potencial à emigração.

O Paraguai sofre (ou se beneficia?) com a questão da imigração brasileira na região oriental, que se constitui, no mínimo, em uma alteração na formação sociocultural e de etnia. Todavia, os incrementos na agroindústria levados pelos brasileiros ajudam, provavelmente, a impulsionar também a economia do país.

Sendo assim, fez-se importante avaliar a relação concreta e efetiva entre brasileiros e paraguaios, principalmente após o advento do Mercosul, considerando as influências bilaterais nesse processo e analisando se alterações e influências no processo econômico e social que de fato aconteceram, com repercussões (ou não) no modo e na qualidade de vida dos indivíduos dessas regiões, algo que não pode passar despercebido na recente formação histórica Brasil/Paraguai.

3.2.1 Volume do fluxo migratório brasileiro para o Paraguai

No contexto da ocupação da fronteira internacional do Mato Grosso do Sul, em seu trecho fluvial – aquífero Guarani⁵³ – tem-se uma região considerada relativamente importante. A microrregião do Baixo Pantanal era ocupada, segundo o Censo 2000, por uma população de 124.330 habitantes, cuja concentração é maior em algumas áreas urbanas.

Por outro lado, embora a linha de fronteira seja pouco ocupada, de maneira geral, apresenta contrastes relativos muito fortes, cujas situações opostas são representadas pelo lado paraguaio – população quase nula – e pelo lado brasileiro, uma presença humana concentrada em maior espaço urbano no trecho, Corumbá-Ladário.

O contingente de brasileiros residentes no Paraguai permanece alto: em 1992 o Censo Nacional de Población y Viviendas desse ano registrou a presença de 108.526 brasileiros; esse número cresceu substancialmente, para 350.000 em 1996, segundo registro do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, preferencialmente para áreas metropolitanas.

⁵³ GUIMARÃES, Luiz Ricardo. Tese de doutorado O Mercosul e os interesses na proteção da maior reserva de água potável mundial – O Projeto do Sistema Aquífero Guarani: “O termo “ aquífero Guarani” é uma denominação unificadora de diferentes formações geológicas que foi dada pelo geólogo uruguaio Danilo Anton em homenagem à grande Nação Guarani, que habitava essa região nos primórdios do período colonial. O aquífero foi inicialmente denominado de aquífero gigante do Mercosul, por ocorrer nos quatro países participantes do referido acordo comercial”. PUC – SP 2006.

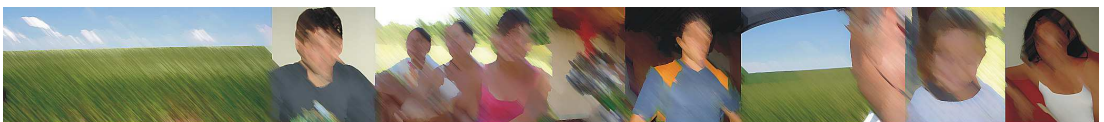
Ciudad Del Leste passou a ser um endereço-alvo de atividades comerciais paralelas e ilegais, como o contrabando e o tráfico de narcóticos, além do turismo, dando origem à mescla populacional que passou a ser denominada de “brasiguaios” que perfazem um total de 250 a 600 mil brasiguaios, conforme Souchaud (2002).

*En los años de 90 (1990) los brasileños del Paraguay conocidos actualmente como **brasiguayos**, son entre 250.000 y 600.000 según las estimaciones más probables” [...]” Apesar de los datos del censo de población de 1992 que estableció la presencia brasileña (primera y segunda generación) en 108.526 individuos, parece posible evaluar el número de brasileños presentes en el Paraguay, como mínimo en 500.000 (SOUCHAUD, 2002, p.152).*

Chega-se, então, ao enfoque que se considera central deste estudo, ou seja, busca-se uma interlocução com esse novo indivíduo, o brasiguai, para saber dele (ou deles) como chegou a essa situação, como a vivência e como constrói e define a sua própria identidade.

O próximo capítulo dedica-se a apresentar essa interlocução e tirar dela as análises que se fazem possíveis, na perspectiva de contribuir de forma mais efetiva e eficaz para a compreensão do fenômeno migratório, em especial de brasileiros que buscam novas fronteiras para conduzir sua existência e sua reprodução como pessoas, como grupo social, enfim como cidadãos.

Assim, “o brasiguai é a expressão de uma nova contemporaneidade em que todos nós deixamos de ser cidadãos nacionais para sermos cidadãos do planeta, na grande aventura humana que a cada dia mais devemos realizar”. (fala da Prof^a Dr^a Júlia A. S. Felgar, em entrevista realizada em 02/08/2008).



Capítulo 4

A Força dos Laços que se Formam...



Os estudos étnicos da migração de Gabaccia (1992) trouxeram importante contribuição no entendimento dos movimentos migratórios e das redes sociais que se formam, quando o autor analisa o movimento migratório das mulheres americanas e das mulheres que migram sozinhas. Esse processo migratório que, apesar de ter surgido influenciado pelos movimentos das lutas políticas, por volta dos anos de 1960, demonstra que os estudos étnicos devem dar enfoque ao gênero, raça e classe numa abordagem mais multidisciplinar para ampliar o entendimento desses movimentos que Assis assim descreve:

Os estudos étnicos demonstraram que as velhas visões de inevitável assimilação e de diminuição da influência da etnicidade foram contestadas com uma nova visão de persistência dos laços étnicos e de pluralismo na sociedade americana. Desta forma, a economia familiar, laços familiares, e comunidades étnicas passaram a ser vistas como fonte de persistência, de solidariedade étnica e como uma estratégia de oposição contra a discriminação e a marginalização. A partir da constatação de que os grupos emigrantes se tornavam grupos étnicos e que, portanto, as diferenças não estavam sendo diluídas e sim reafirmadas, o conceito de etnicidade passaria a problematizar e instrumentalizar análises sobre as permanências e rupturas das identidades no contexto da migração. Desta forma, a etnicidade era vista como uma fonte de solidariedade dentro do grupo migrante [...] Yanagizako / Weinberg: 1992, p.5) demonstrou como as mulheres da primeira e segunda geração de imigrantes japonesas, centradas nas suas redes de parentesco, criaram novas formas culturais e símbolos no contexto de migração. Neste contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, vai deixando também de ser vista apenas como uma decisão racional de um indivíduo, mas como estratégias de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança nas quais as mulheres têm uma importante participação. Segundo Boyd (1989), as mulheres têm uma importante participação nas redes sociais, uma vez que, utilizando-se desta rede de informações, que indica no local de destino: quem vai receber, como arranjar emprego, quem auxilia nos primeiros momentos da chegada ao estrangeiro, as famílias atenuam os riscos da migração de longa distância. Assim, tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem as mulheres articulam e mantêm estas redes sociais: (ASSIS, 2000, p. 2)⁵⁴.

Este tratamento foi constatado na migração dos brasileiros para o Paraguai quando do incentivo e apoio das mulheres na busca de novas oportunidades financeiras e sociais. Também ficou evidenciado quando da

⁵⁴ ASSIS, Gláucia de Oliveira, 2000, p.2 - XXIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, GT FAMÍLIA E SOCIEDADE, *RUPTURAS E PERMANÊNCIAS*: A emigração de brasileiros para os EUA e as transformações nas relações familiares e de gênero.

análise dessa migração no enfoque das redes sociais e na contribuição na constituição dos grupos étnicos, pois estes são constituídos à medida que os grupos migrantes se consolidam e, quase sempre, com o apoio e participação das mulheres – na visão de que o migrante não é um ser eremita que anda só. Para Assis⁵⁵, há o entendimento de o sujeito migrante é ser um sujeito social:

[...] O enfoque que passou a analisar a migração a partir das redes sociais no processo migratório contribuiu tanto para perceber a constituição dos grupos étnicos, pois estes são constituídos à medida que os grupos migrantes se consolidam, quanto para analisar a migração numa perspectiva que reconheça o migrante não como um sujeito sozinho que decide migrar, mas articulado em relações sociais que envolvem relações familiares e de gênero, e como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos [...] A inserção no mercado de trabalho, o aprendizado de uma nova língua, o contato com outra cultura, a possibilidade de reconstruir suas identidades, as modificações nas relações familiares provocadas neste contexto sugerem a importância de um olhar que procure perceber o processo migratório perpassado por gênero (ASSIS, 2000, p. 10) [Grifo nosso].

As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional, ressaltando a importância particularmente das redes de parentesco, amizade e origem neste processo. No caso das migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas as redes, mais chances têm o migrante no local de destino (ASSIS, 2000, p. 10).

Boyd (1989:655, in ASSIS, 2000, p. 10) salientou que as redes sociais de laços pessoais representam somente um dos muitos tipos de rede, tais como as políticas (militar, relações internacionais), ou econômicas (trabalho, investimento estrangeiro) entre as sociedades de origem e destino. O que a autora está chamando de laços pessoais seriam as redes de parentesco, amizade e origem comum (*paisanaje*⁵⁶ argumentando que o estudo destas redes pode trazer um refinamento para a análise das origens, persistência e declínio das redes sociais e comparando a dinâmica das redes pessoais com outras redes. Partindo desta perspectiva, para a autora as alterações recentes dos fluxos migratórios, ao lado de suas implicações macroeconômicas também: "representam a maturidade das correntes migratórias estimuladas pelas redes sociais baseadas

⁵⁵ Assis, Gláucia de Oliveira, Professora do departamento de Estudos Básicos / Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina, doutoranda em Ciências Sociais/Universidade Estadual de Rupturas e Permanências: A emigração de brasileiros para os EUA e as transformações nas relações familiares e de gênero. Campinas, 2000.

⁵⁶ O termo *paisanaje* é a circunstância de ser de um mesmo país, duas ou mais pessoas e a relação existente entre elas. Para Massey (1987, in Assis, 2000, p.11) é utilizado para indicar origem comum, poderíamos chamar de conterrâneo, da mesma localidade, paisano.

em laços familiares e domésticos de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migrantes em uma complexa teia de relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração – desde a não migração, a imigração, a migração de retorno e a continuidade dos fluxos migratórios" (BOYD, 1989: 639, *in* ASSIS, 2000, p. 10).

A interação, o aprendizado e a convivência com a família e outros grupos sociais locais acabam moldando muito das características pessoais, formando assim, uma nova identidade social⁵⁷ - a dos brasiguaios, que neste contexto estimula a manutenção deste grupo e é determinante para os negócios, o emprego, a convivência social e familiar. O conceito de rede social⁵⁸ se estabelece. Na fala da dona de casa entrevistada Elisa percebemos exatamente esta situação (tanto de apoio aos laços que se formam quanto à questão financeira), quando perguntado sobre as perspectivas em relação ao país:

É uma coisa que eu acho que tem muito futuro, grandes perspectivas. Dentre as pessoas que vieram pra cá, os imigrantes daqui, talvez, alguns tenham vindo com aquela mentalidade de: "Vou sugar o que eu puder"; mas é uma coisa difícil, porque você acaba tendo os filhos, acabam fazendo vínculos de amizade, vínculos carinhosos... Então você vai ficando... porque também, é óbvio que, quando existe uma rentabilidade, quando você está feliz com aquilo que está conseguindo para você, é bom, não adianta negar o óbvio. [Grifo da autora.]

As alterações do ambiente social podem alterar esta situação, aumentando ou diminuindo as relações sociais, diante do surgimento de novas necessidades/oportunidades, provocando um (des)equilíbrio e determinando o grau de qualidade e intensidade nessas relações. Ocorre também a ação dos vínculos estabelecidos, sejam eles: os colegas da escola, os colegas de trabalho, a relação patrão-empregado. A observação de Souchaud sobre esse processo fica clara no entendimento do valor estratégico desta relação que se formou com a expansão dos brasileiros em

⁵⁷ Identidade Social: conjunto de características individuais e pessoais, reconhecidas pela comunidade que ela faz parte.
C:\wamp\redeviva\arquivos\2008\Palestras\Rio de Janeiro\Artigos\RedesSociais\Interação.doc.

⁵⁸ Rede Social – "conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos" – (BARNES, 1987).

terras do Paraguai, formando uma força social sem que haja atualmente a intervenção do Estado: “A originalidade da intervenção da colonização brasiguia reside do fato de que ela é uma conquista pacífica de um vasto território estrangeiro, levada a cabo por simples colonos, num movimento espontâneo, sem ajuda ou planificação do Estado⁵⁹”.

Nas entrevistas realizadas em janeiro de 2006, ficou claro esta relação tênue com o Estado, na fala do entrevistado Mario, agricultor, quando perguntado: Como que você percebe o Paraguai? Em termos de cultura, de estudo, na política na economia? A resposta:

O Paraguai é um país economicamente estável, é um país que para quem trabalha, pra quem quiser trabalhar, fica mais fácil aqui que em outros lugares. É um país que o imposto é bem menor que em todos os outros lugares do mundo. Quanto à política é a mesma, desde que eu estou aqui⁶⁰. Primeiro era uma ditadura com o Strossner, o partido colorado dominante; o partido colorado domina até hoje, não teve grandes mudanças.

A vitória do “bispo dos pobres”, como o presidente Fernando Lugo é chamado pela população local, deveu-se em grande parte aos votos dos camponeses sem terra e apoiado pelo movimento popular *Tekojoja*⁶¹, para

⁵⁹ SOUCHAUD, SYLVAIN in Espaço brasiguia: novas práticas coloniais. <http://www.comciencia.br/reportagens/migacoes/migr10.htm>. Acesso em 04/07/2008.

⁶⁰ Em 20/04/2008 o ex-Bispo Fernando Armindo Lugo de Méndez (oposição), nascido em 30/05/1951 em San Solano, departamento de Itapúa, a 400 km ao sul de Assunção, Paraguai, filho de Guillermo Lugo e Maximina Mendez Fleitas, empossado em 15/08/2008, desbancou o Partido Colorado no poder a 61 anos. Líder da *Alianza Patriótica para el Cambio* - APC eleito com mais de 40,83% dos votos apurados, conforme o Tribunal Superior de Justiça Eleitoral – TSJE. Em 30 de julho de 2008, o Núncio Apostólico em Assunção, D. Orlando Antonini, anunciou que o Papa Bento XVI aceitou a renúncia do presidente eleito do Paraguai, Fernando Lugo. Em entrevista, informou que o Bispo Fernando Lugo é agora considerado como leigo: “Hoje entreguei pessoalmente a Lugo a carta na qual o Santo Padre aceita a renúncia, esclarecendo que a dispensa é perpétua. Ele não poderá regressar à condição de clérigo”. Fernando Lugo, 57 anos, venceu as eleições presidenciais à frente de uma coligação de oposição ao Partido Colorado. Internacional/AgênciaEcclesia/30/07/2008/15:57/672Caracteres/522/BentoXVI. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia_all.asp?noticiaid=62953&seccao=4&tipoid=217>. Acesso em 05/01/2008.

⁶¹ Movimento Popular *Tekojoja* - MPT – termo guarani com o significado embasado na igualdade, ou seja, “vida ou modo de vida igual”. Site oficial: <<http://www.tekojoja.org.py/v1/tekojoja.php?op=1>>. Acesso em 05/01/2009. “**Tekojoja** – vida, modo de vida; **joja**, igual, idêntico, a la par. Vivir en igualdad., Una manera de ser juntos. Cada uno ser uno mismo sin nadie por encima de otro y nadie por debajo: equidad. Igualdad de poder crear y crear, igualdad de oportunidades, igualdad en respeto hacia los otros, sin ninguno pesa más ni menos privilegio que el poseen los demás. Voluntad de ser justos. Ser en justicia. Compromiso de compartir con solidaridad. Ser dando y recibiendo. Ser para aprender y ser para enseñar. Ser sin egoísmo. Reciprocidad”. Period. *Tekojoja*, nº 1.

buscar a igualdade entre a população paraguaia. Muito diferente do que se encontrou por lá, evidenciado no trecho do relato do entrevistado que é possuidor de terras e que revela a grande desigualdade social que se encontra instalada no Paraguai.

Existe, de fato existe, por parte dos paraguaios uma preocupação em cultura para esse povo. Há escola em qualquer lugar, na medida da economia deles. É um país pobre, mas eles não deixam de dar educação. Existe um pouco de recurso na parte médica, tudo muito limitado, como no Brasil, que é (também) tudo muito limitado, as escolas públicas são fracas! Tudo que depender de saúde pública é fraco! Mas, os impostos são muito menores, então, é mais fácil para você, pois sobra recurso pra você pagar um particular aqui, que é um pouquinho melhor. A parte da política, da época que eu estou aqui até hoje, não mudou grande coisa. Houve uma mudança com a caída do presidente Strossner, mas aí vieram as eleições e continuou nisso aí...

Na realidade as mudanças propostas pelo novo presidente também estão sendo percebidas na comunidade brasiguiaia, em nova entrevista na data de 17/08/2008, menos de dois anos da primeira entrevista realizada, o agricultor Mario quando em visita a São Paulo, declara ao ser questionado sobre a assistência médica, social e privada, do Paraguai:

As pessoas pensam que nunca ficarão doentes. Com dinheiro tem jeito. Com dinheiro sempre se tem jeito, tanto no Brasil como lá – no Paraguai.

As propostas do novo governo são sentidas na questão política e reflete no aumento da requisição e regularização da cidadania paraguaia. Para o agricultor até na política no Brasil há a preocupação pela regularização da documentação dos brasileiros. O seu depoimento reflete esta preocupação:

A Prefeitura de Foz do Iguaçu criou a Secretaria de Assuntos Internacionais, para melhorar o atendimento aos brasileiros residentes no Paraguai, brasileiros residentes na Argentina (lá também já são muitos brasileiros). No Paraguai, há três meses que estão acumulando as solicitações de brasileiros para regularizar os documentos para naturalização, abandonando em definitivo a cidadania brasileira, devido ao novo governo empossando em 15/08/2008 e eleito em 20/04/2008, o Bispo Fernando Lugo, derrubando o Partido Colorado no poder a 61 anos.

4.1 A DICOTOMIA DA XENOFOBIA⁶² COM OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS - REFLEXOS PARA OS BRASIGUAIOS

A tão discutida e a mais americana de todas: a “Nova Ordem Mundial” não deixa de ser uma releitura dos procedimentos mais antigos, como os tratados de paz, de controle ambiental, de restrição à produção dos armamentos bélicos, entre outros, é ameaçada a partir do momento que os EUA não cumprem a sua parte, provocado também, por fatores que não consegue controlar inteiramente, entre eles as questões étnicas dos países árabes que vivem em conflitos religiosos-políticos-radicais; a questão do poderio da China junto aos países asiáticos, a consolidação da comunidade européia com suas leis cada vez mais restritivas aos produtos externos e aos migrantes, com práticas xenófobas esquecendo-se que geraram imigrantes para a colonização das Américas.

A discriminação racial, religiosa e econômica vai à contramão das diversas religiões, que desde o início da Civilização, formaram a base da Humanidade, entre elas, o maometismo, o catolicismo, o budismo, o islamismo. Então se pergunta: Por que pregar o ódio entre os povos? Por que criar leis que restringem a migração? Por que dificultar o livre trânsito entre os povos? Ao invés de estimular a igualdade, a universalidade dos territórios e o livre trânsito entre os povos?

Estes abismos, agravados por atitudes xenófobas, que trás esta “Nova Ordem Mundial” em nome do temor da perda da identidade cultural e social, deixando de lado a espiritualidade, já reflete países do Terceiro Mundo.

⁶² Xenofobia “é uma aversão apresentada diante do diferente, um medo excessivo, descontrolado, ao desconhecido, tanto por pessoas quanto por objetos. É um termo utilizado também para se referir a qualquer forma de preconceito, racial, grupal ou cultural. Porém pode causar polêmica sendo confundida com preconceitos e vista como a origem dos mesmos. É importante ressaltar que a xenofobia pode originar aversões que levam ao preconceito, embora nem todo preconceito seja proveniente de uma fobia. O principal sintoma da xenofobia é o medo excessivo e desequilibrado do desconhecido, é ocasionado por uma ansiedade provocada depois de um período em que a pessoa é exposta a algum objeto ou pessoa desconhecida. Isso pode fazer com que a pessoa evite situações de risco, temendo ter uma crise de pânico, influenciando diretamente na rotina, nos relacionamentos e nas atividades sociais”.

<http://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/xenofobia.htm>.

4.1.1 A crise econômica mundial de 2008 e ainda a questão da xenofobia

A reportagem de Petry (2008), publicada pela Revista Veja, na entrevista com Carlos Gutierrez, ministro do Comércio Americano, reflete a questão da política migratória praticada pelos Estados Unidos nas últimas décadas, principalmente o rigor destas políticas em relação aos migrantes latino-americanos. “O senhor acha que a crise está tornando os americanos mais xenófagos”? A pergunta nos mostra o quanto a questão da xenofobia está fazendo parte das questões migratórias.

Carlos Gutierrez enfatiza o desafio que é lidar com esta questão:

Isso é um desafio. Com o mercado financeiro enfrentando problemas, o livre-comércio, a abertura, os investimentos estrangeiros ficam mais importantes, e não menos. “Por isso, o isolamento é tão perigoso. O desafio político é evitar um recuo. É um desafio para nós e para o mundo.” [Grifo da autora] (PETRY, 2008, p. 21 – Revista Veja).

No editorial Panorama, da mesma revista (p. 62), há uma pequena nota: “PROIBIDA, a compra por estrangeiros de terras paraguaias oriundas da reforma agrária realizada em 2004. A medida atinge os agricultores brasileiros residentes no Paraguai, os brasiguaios, alvo de ataques dos sem-terra naquele país”. Será que estes brasileiros têm plena consciência do processo da xenofobia no qual estão expostos e são estes trabalhadores que fazem parte dos indivíduos excluídos do processo de seguridade social brasileiro? Este questionamento nos remete à análise do contexto da América Latina na questão e gestão da seguridade social, que segundo Soares (1999, p. 51-52, *apud* Silva, 2004, p.116-119), “a despeito da grande diversidade de situações da política social latino-americana é possível arrolar os problemas mais comuns, que apresenta de forma resumida no quadro”, que inserimos a seguir e remete à realidade da incapacidade dos sistemas políticos e da fragilidade dos trabalhadores.

Recorrer somente ao setor privado para encontrar soluções para um tema de tanta magnitude e importância social como é a cobertura da invalidez e da velhice de todos os cidadãos é uma proposta irreal e recorrer somente ao Estado é uma experiência conhecida que é necessário superar. (CONTE-GRAND, 1999, p.17 *apud* SILVA, 2004, p.133).

A manchete: Espanha limita emprego para estrangeiro, do repórter Clóvis Rossi, traz dados oficiais dos brasileiros que exercem trabalhos que os espanhóis não mais querem exercer, ou seja, profissões que constam na lista oficial do “catálogo de ocupações de difícil preenchimento”, são consideradas trabalhos árduos com baixa remuneração⁶³. São 454.717 brasileiros imigrantes com contratos assinados, que trabalham na Espanha, período de janeiro de 2005 a julho de 2007. Esta manchete não difere da publicada no Jornal da Tarde⁶⁴ sobre os brasiguaios: Cresce ameaça aos ‘brasiguaios’, os camponeses ameaçam invadir fazendas pertencentes a brasileiros e o governo Paraguai aumenta o contingente de policiais nas áreas rurais. A ameaça dos agricultores sem-terra é contra a mecanização nas fazendas, principalmente no Departamento de San Pedro (região central).

Outra reportagem da Revista do Mercosul⁶⁵ destaca o sentimento nacionalista e até xenófobo dos paraguaios em relação aos brasileiros que lá vivem e são chamados de ‘brasiguaios’:

Atraídos pela promessa de terra e oportunidades, milhares de famílias brasileiras cruzaram a fronteira, nos últimos anos, para se estabelecer no Paraguai. A presença desses ‘brasiguaios’, além de levar um surto de crescimento econômico à região, provocou um sentimento nacionalista e até xenófobo entre seus relutantes anfitriões. A situação foi assunto de ampla reportagem no jornal americano The New York Times, cujo interesse pelo Mercosul

⁶³ Folha de São Paulo. Seção Cotidiano - *Espanha limita emprego para estrangeiro*: Governo diminui em um terço lista de profissões que admite imigrantes; na maioria delas oferece baixa remuneração. Em Madrid, o trabalho é para os homens, na construção civil e, para as mulheres como domésticas que dormem nas residências, os salários em euros é respectivamente €1.100 e €900. Cotidiano 10 de outubro de 2008– C3.

⁶⁴ Jornal da Tarde. Seção Radar – Paraguai: *Cresce ameaça a ‘brasiguaios’*: Camponeses ameaçam invadir todas as fazendas de brasileiros. Assunção reforça policiamento. Radar 18 de outubro de 2008 -16 A.

⁶⁵ Revista do Mercosul nº 74 ano 2001 na reportagem *O drama dos brasiguaios*: Brasileiros enfrentam a xenofobia dos paraguaios. <http://www2.uo.com.br/revistadomercosul/pesquisa-public/mercopol/mercopol_74>. Acesso em 17/05/06.

cresceu após as pressões do governo Bush para antecipar a criação da Área de livre Comércio das Américas (ALCA).

Os paraguaios, segundo o jornal, reclamam que a identidade nacional nas províncias está se diluindo por causa da predominância dos estrangeiros que falam sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteiam sua própria bandeira e são os donos das melhores terras. Outras queixas é que seus filhos crescem falando português com segunda língua, em vez do guarani. 'Temos de proteger nossa identidade ou estaremos perdidos como nação nessa onda de globalização e Mercosul', diz Adílio Ramírez López, diretor de uma escola (Revista MERCOSUL nº 74, p.1 e 2).

O atual presidente do Paraguai, o ex-bispo católico Fernando Lugo, prevê “uma reforma agrária total”, “respeitando a propriedade privada e os investimentos estrangeiros no país”. “Mais de 100 mil brasileiros e descendentes de brasileiros dedicam-se à agropecuária, principalmente nas regiões de fronteira”, consta na reportagem do Jornal da Tarde.

No seminário do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, em 30 de setembro de 2008, presentes os paraguaios Ricardo Canese⁶⁶ e Gustavo Codas⁶⁷, além da Delegação da Associação Paraguaios Residentes em São Paulo deixam clara a questão da xenofobia, não somente pela ação dos sem-terra contra os brasiguaios, como descrito acima, mas também, diante da questão de Itaipu⁶⁸.

A questão racial⁶⁹ forma outra fonte de atrito, os nativos – possuem características e descendência indígena, já os brasileiros

⁶⁶ Ricardo Canese: Parlamentar paraguaio do Parlasul, coordenador da Comissão governamental paraguaia para a renegociação de Itaipu.

⁶⁷ Gustavo Codas: Assessor do chanceler Alejandro Hamed, “enlace” entre o Ministério de Relações Exteriores e a Comissão paraguaia de renegociação de Itaipu.

⁶⁸ Itaipu – em 22 de junho de 1966, foi assinada a Ata do Iguaçu, como resultado de intensas negociações, pelos ministros das Relações Exteriores do Brasil Juracy Magalhães, e do Paraguai, Sapena Pastor. A declaração conjunta manifestava a disposição de estudar o aproveitamento dos recursos hidráulicos pertencentes em condomínio aos dois países, no trecho do Rio Paraná “desde inclusive o Salto de Sete Quedas até a foz do Rio Iguaçu”.

Itaipu uma opção ao petróleo. No ano de 1973 quando da assinatura do Tratado de Itaipu, coincide com a crise mundial provocada pelo petróleo e a intensificação da busca de novas energias, esta opção tanto para o Brasil como para o Paraguai foi a forma de assegurar um desenvolvimento sustentável e vigoroso. Torna-se o marco no setor hidroelétrico para os dois países: o Brasil praticamente dobra a sua capacidade de 16,7 mil megawatts com mais 14 mil megawatts, o Paraguai tinha apenas uma usina de pequeno porte de Icaray. Em 2004, com 20 anos a Binacional Itaipu gerou energia para abastecer o mundo por 36 dias. <http://www.itaipu.gov.br/?q=node/356> acesso em 26/12/2008.

⁶⁹ Ver LEITE, Cristine Marques de Rezende Dias. *Brasil – Argentina: Migrações e Integração Regional*. PUC-SP, 2002, p.13. (dissertação de mestrado) – Quem é o principal grupo migratório

considerados 'brasiguaios', na sua maioria, possuem olhos azuis e pele clara, conforme divulgado pelo censo da Igreja Católica realizado há vinte anos.

A migração internacional na América Latina cresceu gradativamente, bem como a emigração dos brasileiros. Conforme dados do Itamaraty apontam que em 1990 cerca de 300 mil brasileiros viviam no exterior; em 2002 eram aproximadamente 2,5 milhões de emigrados.

4.1.2 Quadro dos principais problemas das políticas sociais da América Latina

Devo acrescentar que os procedimentos metodológicos aplicados neste estudo foram referendados e embasados nas diversas literaturas que versam sobre a migração; nos movimentos de idas e vindas, entre os autores teóricos da história oral, dos estudos das etnias e dos estudos da rede social e dos resultados das pesquisas qualitativas.

Nesses procedimentos verificamos que as dificuldades e alguns problemas são comuns entre os povos da América Latina e apresentamos a seguir, em formato de quadro-resumo, esses principais problemas que refletem na escolha do movimento migratório.

no Paraguai? "A migração limítrofe na Argentina está diretamente relacionada ao crescimento da demanda por mão de obra, ocasionado pela expansão da economia Argentina, e à política e economia dos países fronteiriços. Em relação a este último fator, podemos citar a Guerra Civil do Paraguai e os adventos dos regimes autoritários no Uruguai e no Chile da década de 70 (1970) como conjunturas particulares que resultaram no incremento significativo do movimento migratório" [...]. "A persistência desta migração, verificada atualmente, pode ser compreendida ainda pela manutenção dos fatores de expulsão populacional nestes países, tais como a falta de demanda de trabalho em seus mercados, os baixos salários, a precariedade de condições de vida e os conflitos sociais".

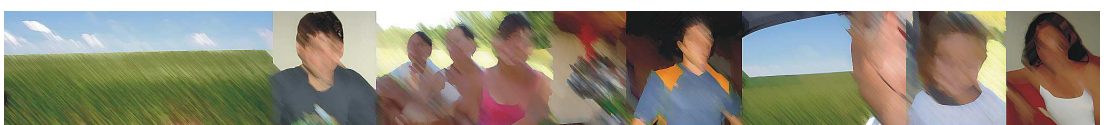
Quadro 1 - Problemas da política social na América Latina

Aspectos financeiros	▪ Contribuições regressivas. ▪ Opacidade ou transparência do gasto social – controle sobre o gasto. ▪ Financiamento regressivo ou progressivo. ▪ Cálculo de custos.
Problemas de impacto redistributivo	▪ Não-cumprimento da vocação de universalidade. ▪ Polarizações regionais do gasto social. ▪ Desatenção com setores pobres da população. ▪ Concentração de subsídios em grupos privilegiados (efeitos regressivos). ▪ Filtrações do gasto para setores que não são o objetivo.
Aspectos administrativos e institucionais	▪ Ausência de trajetória orgânica, coordenada e coerente das políticas. ▪ Tradicionalismo, inércia e descontinuidade. ▪ Competição entre as diversas instituições da política social. ▪ Fragmentação, superposição, duplicidade.
Objetivos das políticas	▪ Contradição entre perspectivas de solidariedade e diretrizes de cálculos diferenciais de serviços. ▪ Contradição entre intervenções setoriais e busca de globalidade. ▪ Ausência de diretrizes nacionais para as políticas. ▪ Indefinição dos problemas, sua natureza e dimensão.
Aspectos políticos	▪ Participação cidadã e da burocracia nas decisões. ▪ Clientelismo e privilégios <i>versus</i> universalidade e seletividade progressiva. ▪ Corporativismo em diversos níveis. ▪ Debilidade da base social de apoio às políticas devido ao conflito distributivo e à crise fiscal. ▪ Regimes políticos não democráticos. ▪ Insatisfação dos usuários com os serviços. ▪ Pressões externas para a redução do espaço de ação estatal.
Qualidade de serviços	▪ Inadequação em fase do crescimento da população. ▪ Baixa eficiência da cobertura. ▪ Inadequação às necessidades. ▪ Baixos rendimentos. ▪ Segmentação com acesso desigual e diversidade de prestações em detrimento dos politicamente mais fracos. ▪ Influências corporativas.
Eficácia e eficiência dos serviços e do gasto social	▪ Custos administrativos excessivos. ▪ Baixa produtividade do investimento. ▪ Corrupção na administração dos fundos.

Efeitos negativos da política econômica sobre o social	▪ Mecanismos regressivos da política econômica. ▪ Redução inadequada do gasto social. ▪ Redução da receita devido a contrações no emprego. ▪ Pressões sobre o gasto para atender a setores que não podem satisfazer suas necessidades devido a fatores de distribuição de renda. ▪ Efeitos regressivos da política econômica na estrutura da receita. ▪ Inadequada participação de diversos grupos sociais no financiamento do gasto social.
Efeitos negativos da estrutura econômica sobre a política social	▪ Excessiva concentração dos ativos com repercussões na pobreza estrutural. ▪ Estrutura concentrada da renda.

Fonte: SILVA (2004, p.118-119) - Quadro preparado pela autora, baseada no modelo da fonte.

A partir desse quadro que a nosso ver mapeia as condições subjacentes aos processos migratórios na América Latina, passaremos no capítulo 5 a analisar algumas situações concretas a partir de depoimentos dos entrevistados no Paraguai.



Capítulo 5

O Depoimento dos Entrevistados



*Datas.
 Datas. Mas o que são datas?
 Datas são pontas de iceberg.
 O navegador que singra a imensidão
 bendiz a presença dessas pontas emersas,
 sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo
 visíveis a olho nu e a grandes distâncias.
 (BOSI, 1992, p. 19).*

Na questão da apologia do tempo e das datas na história, Delgado (2002, p.1) nos trás a discussão de quanto o tempo é abstrato e ao mesmo tempo concreto. Os estudos sobre o movimento migratório apresentam as mudanças nos padrões estabelecidos da população migratória, com intuito de apreender o processo de fixação da população do país anfitrião.

Massey (1987) e Piore (1979) afirmam que “muitos migrantes tendem a fixar residência no país que os recebe porque, decorrido algum tempo, começam a desenvolver vínculos com o novo lugar e a aspirar por melhores condições de trabalho”.

Porém, não é tarefa simples, fatores econômicos são preponderantes para a sua permanência, formando-se um ciclo de eventos que Piore (1979) chama de “ciclo de fixação do imigrante no país anfitrião”. O modelo de imigrante apresentado pelo autor tem dois elementos em mente: primeiramente estadia temporária e segundo levantar recursos para retornar. O que difere do perfil dos brasileiros entrevistados no Paraguai: eles buscam encontrar não somente estabilidade financeira, mas a permanência definitiva, conforme se destaca na fala do entrevistado Saul (Administrador de Companhia de Seguros, casado, reside em zona urbana, chegada em 1998).

[...] o paraguaio - o povo paraguaio é um povo amistoso, tem uma sensibilidade muito grande, é um povo muito carente em questão de educação, de distribuição de renda, principalmente, e isso faz com que seja um povo muito explorado, é um povo lutador. Eu vejo o Paraguai como um país pequeno e com riquezas naturais muito grandes. Vejo um país que tem possibilidades de melhorar, é só uma questão de um investimento maior na área de educação e, um pouco de câmbio (mudança) de mentalidade do povo. Para

que possa ocorrer a mudança. Mas eu vejo o Paraguai como um país de futuro.

[...] o Brasil tem mais condições de me oferecer uma melhor vida social e de educação, de saúde até de segurança. A desvantagem é que já é um país bastante competitivo na área profissional, já está mais avançado, as oportunidades existem, mas já são mais difíceis de alcançar.

A residente Elisa, migrante há mais tempo, relata sua trajetória e as dificuldades enfrentadas, uma história de vida com sentimento de vitória conquistada pouco a pouco. (dona de casa, casada, zona urbana e rural, chegada em 1975),

[...] faz trinta anos que nós estamos no Paraguai, não faz trinta anos que nós dependemos do Paraguai, mas faz trinta anos que nós já estamos aqui. Quando deixou de ser só uma brincadeira e passou a ser verdade, você tem que se dedicar. Lógico que não é fácil, é um outro país, são outros costumes, as coisas são muito mais precárias. Trinta anos atrás as estradas não existiam, não existia luz, não existia telefone, não existia luz elétrica, não existia [...] absolutamente nada e, por outro lado, hoje a gente vê o quanto foi conseguido. É até aquela criança que cresceu bem. Aquela menina dos olhos que recebeu alimento, que enfim, foi desenvolvida e que hoje tem frutos [...] Aquela coisa gostosa que a gente começa a colher.

Estas dificuldades são relatadas também por Zica (boiadeiro, casado, zona rural, chegado em 1975).

Eu vim com os pais e, quando nós entramos aqui era difícil. Era tudo mato. Não tinha estudo, por isso que eu não estudei, não tenho estudo, gostaria muito de ter estudado, mas não deu [...] na época que nós entramos aqui, era tudo mata, foi sofrido. Você tinha que carregar a mercadoria pra comer por 14 km (e carregar) nas costas, não era fácil. Mas agora, de um tempo pra cá foi mudando [...] mudando [...] está mais fácil.

[] Eles vieram na época que meu pai trabalhava e trazia mercadoria da Argentina. Daí começou a enfraquecer (o comércio) e tinha gente, que era o compadre dele, que morava aqui e falou: Lá (o Paraguai) é bom, você vai fazer a vida, vende o que você tem aqui e vai pra lá! Daí o pai vendeu e viemos, e daí ele não pode comprar a terra. O dinheiro que ele trouxe dava pra comprar, mas daí começou a mexer com doença (as crianças adoeceram). Tudo era mato, nós todos pequenos, nós éramos oito crianças; o maior tinha 12 anos, daí um irmão meu adoeceu, ficou aqui oito dias, não tinha recurso pra levar 60 km de estrada de chão, embaixo de chuva. Quando ele conseguiu levar, chegou lá e internou na Santa Casa, mas ele faleceu. Internou às 5 horas e às 11 da noite faleceu. Era difícil, depois uma outra irmã minha também foi picada de cobra, meu pai gastou bastante, um irmão

meu, o mais velho, que mora no Paranambu teve também problema de amarelão, teve que ser levado para Argentina. O pai gastou tudo e ele não conseguiu comprar a terra. Era uma época bem difícil quando aqui nós entramos. Hoje o modo de viver é muito melhor! É outra vida!

Os brasileiros que migraram a partir dos anos de 1990 encontraram uma situação mais favorável. A entrevistada Geni (estudante, superior incompleto, casada, zona urbana, chegada em 1998) relata, quando questionada sobre a situação financeira e a possibilidade de um retorno:

Pelo trabalho e pela situação financeira dificilmente a gente vai ter, digamos, o que o meu marido conseguiu aqui em cinco anos: posição, cargo, conhecimento. No Brasil demoraria muito mais e não sei se isto estaria acontecendo [...] Digamos na função que ele ocupa hoje, não sei se em pouco tempo (5 anos) ele estaria. Acho bem difícil. Aqui já tem certa concorrência, mas não é igual ao do Brasil.

O modelo de imigrante descoberto nas entrevistas foge ao modelo do “homem econômico”, que migra somente para estabilidade financeira e remeter recursos para o Brasil. O modelo de imigrante entrevistado é um migrante que busca fixar definitivamente suas raízes no Paraguai, considerando-o sua segunda pátria. Esta situação ficou clara na resposta à pergunta: Você pretende voltar ao Brasil algum dia para morar?

Mario (agricultor, advogado, casado, zona urbano-rural, proveniente de São Paulo, desde 1975) responde:

Sair do Paraguai para trabalhar em outro lugar eu não vou! Pretendo continuar, na parte de trabalho, na parte de ganhar dinheiro eu nunca mais saio daqui!

Celso (analista de grão, 3º ano de escola, casado, zona urbana, proveniente de Altamira – PR, chegada em 1979) relata, quando questionado sobre seu futuro:

O que eu acho é que o sonho de todo mundo que as coisas melhorem. Como eu disse antes, a partir do momento que o país, o Paraguai, começar a pensar mais no país deles, eu acho que vai ter uma grande chance de melhoria aqui dentro, não só para os brasiguaios, mas também para os outros.

Geni (estudante, superior incompleto, casada, zona urbana, chegada em 1998) já comenta que retornaria, se possível, para Londrina.

Eu tenho vontade sim. Digamos [...] voltar para Foz pra mim não faz diferença. Já falei, pra mim está bom aqui, mas é uma vontade que eu tenho! Até meu marido fala: se for pra voltar ao Brasil algum dia, a gente volta para Londrina, que é um lugar que a gente gosta, mas, eu acho um pouco difícil; pelo menos a curto prazo, eu não vejo a gente saindo do Paraguai.

Com o sétimo entrevistado, Mario (agricultor, advogado, casado, zona urbana e rural, proveniente de São Paulo, desde 1975), também se percebe a vontade de permanência no Paraguai, na resposta à pergunta: O que você pretende fazer nos próximos cinco anos?

Nos próximos cinco anos a perspectiva é de um dia, não sei se em cinco, se em oito ou em 10 anos, mas um dia eu reduzir o meu ritmo de trabalho. Aos poucos ir deixando para alguém ficar no meu lugar...

O sentimento de ficar residente para sempre no Paraguai – pelo menos no médio prazo – é também transmitido por Saul (Administrador de Companhia de Seguros, casado, reside em zona urbana, chegada em 1998).

... a curto prazo, o que eu penso é seguir trabalhando no Paraguai. Tenho intenção de fazer uma pós-graduação esse ano, na área de finanças, para poder crescer profissionalmente. Estou fazendo pequenos investimentos na medida do possível, aqui no próprio Paraguai. A nossa moeda, hoje já não está tão forte e, por isso, tenho que pensar bem o que eu vou fazer, no que eu vou investir. Mas, a longo prazo é muito difícil dizer, por que a curto e a médio prazo, seguirei investindo no Paraguai, seguirei trabalhando aqui e o amanhã a Deus pertence!

Na realidade, as fracas restrições alfandegárias e a livre circulação de pessoas no âmbito do Mercosul, promovem o trânsito de pessoas nesta região, tornando-os binacionais, e os brasiguaios constituem o caso mais lembrado e citado nos estudos sobre migração da América Latina. É notório que o trânsito fronteiriço de trabalhadores entre o Brasil e Paraguai foi motivado pela zona rural (acesso fácil às terras), mas também provocado pela instabilidade política e econômica brasileira nas décadas de 1970-1980, o que motiva a vontade dos entrevistados em permanecerem no Paraguai.

Baeninger (2000) discute os aspectos da migração intra-regional no processo de integração do Mercosul, que embora não é fenômeno recente, mas é crescente a partir de 1980 e pode ser explicado pelas intensas transformações ocorridas nos países do Mercosul, citando: a redemocratização, as aproximações políticas e comerciais, as crescentes desigualdades sociais e econômicas entre Estados, entre os fatores que colaboraram para a “intensificação de movimentos populacionais de e para países da região” (BAENINGER, 2001, p. 304), este incremento migratório regional é apresentado na tabela a seguir:

Quadro 2 - Estoques de emigrantes intra-regionais no Mercosul – 1970/1990 – Emigrantes internacionais intra-regionais

Países	1970	1980	1990
Argentina	63.653	89.640	99.570
Brasil	97.191	152.257	154.546
Paraguai	251.668	278.430	271.660
Uruguai	72.645	133.273	158.823
Mercosul	485.157	653.600	684.569

Fonte: BAENINGER (2001, p. 304)

A questão da “oportunidade” também aparece, o Paraguai é o país considerado maior “expulsor populacional” é também o de maior atração para muitos dos emigrantes do Mercosul e apresenta incremento de 30.000 emigrantes em 30 anos, diante das oportunidades que apresentou e apresenta. O Paraguai apresenta a posição de maior colônia brasileira na América Latina, aproximadamente 600 mil, conforme relato do agricultor entrevistado Mario.

A estudante entrevistada, Geni, define muito bem a questão da oportunidade que o Paraguai apresenta que, aliada ao melhor nível de

escolaridade dos brasileiros, permite que acabem ocupando as melhores vagas nos setores de serviços e setores primários da economia (agricultura):

[...] e nós brasileiros aqui, que temos alguma formação - um nível superior - digamos de escolaridade, temos mais oportunidades que os próprios paraguaios.

Celso (analista de grão, 3º ano de escola, casado, zona urbana, proveniente de Altamira – PR, chegada em 1979) declara:

Hoje, para mim, a vantagem de eu estar no Paraguai é devida àquela parte do estudo. Por isso, se fosse para estar no Brasil, qualquer servicinho ia exigir muito estudo de mim e, eu não tenho muito estudo. Então, aqui há mais chance de achar um emprego melhor, ganhar um salário até razoável e lá tem muita gente estudada. Estão lá competindo com os empreguinhos que aparecem.

A presença brasileira no Paraguai representa um fenômeno de consequências importantes para a dinâmica econômica e social: o que se iniciou como agricultura e terras, transformaram-se em importante mola propulsora da economia paraguaia. Neste sentido, a presença dos brasileiros ou dos brasiguaios pode ser considerada benéfica, arriscamos a compará-la ao papel dos japoneses – no desenvolvimento agrícola da região de São Paulo. (Celso, analista de grão, 3º ano de escola, casado, zona urbana, proveniente de Altamira – PR, chegada em 1979) diz:

Primeiro a gente tem morado perto de uma família a gente procurou seguir bem perto, o vizinho. (modelo) Eles se preocupam muito com a família, a educação, o filho tem que respeitar o pai, uma coisa que eu gosto muito daqui. Até no colégio isso acontece, o filho tem que respeitar ao pai, tem que obedecer e, na escola é obrigado a obedecer ao professor, é um ponto muito importante. [...] Eu acho que aqui, no Paraguai, nós temos nosso amor. É isso aí, porque no Brasil, o professor não tem voz ativa com os alunos, os alunos deitam e rolam com a professora. [...] A madrinha da minha esposa é uma professora e ela reclamou isso pra nós. Ela não tem o direito de repreender um aluno, (dentro da escola), que ele vai denunciá-la e, tudo vai contra ela sozinha. Aqui não! Aqui o professor tem o direito de educar. A disciplina aqui é muito legal, muito boa, ótima, a disciplina é boa.

Com os pés nos dois países, muitos dos brasileiros que vivem em Ciudad del Este e região não cortaram os laços com o Brasil. Aqueles que vivem nas regiões próximas à fronteira, tanto no lado brasileiro como no lado

paraguaio, muitas vezes alternam períodos de residências em um ou outro país, vivendo constantemente em trânsito na Ponte da Amizade. Perguntado a Geni se Santa Rita é no Paraguai ela responde:

É Paraguai. Mais uma cidade daqui do Paraguai. Porque meu marido trabalhava lá, e daí a gente casou e [...] eu poderia ter ficado morando em Foz e ele lá; só que eu não quis, por pior que fosse, eu queria estar junto. Isso foi uma decisão nossa, porque ou ele ficaria lá, ou [...] Porque a gente fez uma experiência no princípio do casamento: ele voltaria pro Brasil (que no princípio foi essa a idéia) por isso que a gente casou, a gente ia morar em Foz, só que aí as coisas tomaram outros rumos e lá nós ficamos [...] Mas a vida aqui como brasileira e como brasiguia [...] para mim [...] me sinto brasileira aqui, pra mim [...] eu moro aqui em Ciudad del Este. Para mim é muito bom. Para mim não faz diferença entre morar aqui ou em morar em Foz. Vou pra Foz. É [...] É aquela coisa, eu cresci em Foz, então médico, dentista, ginecologista, tudo é lá. [Grifos nossos].

Os residentes na região de fronteira com o Brasil-Paraguai mantêm esta relação estreita e permanente com o Brasil, como trabalhadores que transitam diariamente pela Ponte da Amizade ou como usuários dos serviços públicos e de saúde de melhor qualidade que o Brasil oferece e há grande carência no Paraguai: as vantagens e desvantagens entre os dois países ficaram claro na fala de Celso e da Elisa, administrador e dona de casa respectivamente:

[...] O Paraguai apesar da deficiência em saúde, educação, o que quer que seja, é um país que me oferece melhor opção em crescimento profissional Essas eu diria que são as vantagens de um e de outro.

[...] não tem, é uma coisa que depois de ter sido aniquilado (o país). Há trinta anos que eu estou aqui, agora que recentemente que nós temos água, luz, telefone. A internet ainda não chegou, não tem linha baixa, então é tudo muito mais difícil, tudo é muito mais complicado. As estradas ainda são todas sem asfalto, é assim... Foi um país que começou muito tempo depois do que o nosso país. Então ele caminha muito mais devagar, porque ele tem menos tempo, é um país ainda mais infantil. [Grifo nosso].

A região apresenta um contexto sócio-cultural específico e interessante, alguns transferem as atividades para o Paraguai simplesmente porque se cansam de transitar pela Ponte da Amizade e após manterem a “dupla residência” por bom tempo, são considerados “transmigrantes”: “sujeitos das novas formas de mobilidade que se desenvolvem nas regiões

de fronteira que forma os espaços binacionais” (VICHICH, 1997). Trabalhadores que moram em um país e possuem a atividade econômica em outro país, circulam livremente pela fronteira Brasil-Paraguai.

A intensidade desta movimentação é motivada pela demanda de mão-de-obra especializada e não pela demanda por trabalhadores rurais, também pela oferta de vagas para atender aos bancos, lojas e restaurantes. O crescimento econômico provocado pela exportação de soja, provoca crescimento nas atividades de serviços. O comércio é um dos principais setores da economia paraguaia e emprega grande mão-de-obra de brasileiros que cruzam a fronteira diariamente, atraídos por salários em dólares e livre de imposto de renda.

Como todo imigrante, qualquer que seja o motivo da imigração e em qualquer parte do mundo que vá, a saudade é um fator que pesa muito. Este sentimento é citado ou demonstrado. Não se trata apenas de saudade dos que ficaram no Brasil, mas também das coisas que só no Brasil tem, dos lugares e dos costumes - como passar férias na praia ou pescar, entretenimento e relacionamento, alimentação ou religião.

Saul (Administrador – Companhia de Seguros, casado, zona urbana, chegada em 1998, paraguaio naturalizado)

Por eu morar numa Tríplíce Fronteira, não tenho grandes planos, porque aqui nós somos três países, Ciudad del Este, Foz do Iguaçu, Porto Iguaçu. Temos opções bem variadas de entretenimento, de relacionamento com pessoas, de amizades, de outras culturas. O Brasil sim, oferece mais isso. O Brasil oferece mais, mas no Paraguai também é muito bom. Você tem ótimo relacionamento com as pessoas e é muito bom viver aqui.

Zica (boiadeiro, casado, zona rural, católico, chegada com 8 ou 9 anos - 1973, documentação ilegal)

A alimentação é um pouco diferente dos brasileiros e dos paraguaios legítimos. Eu já trabalhei com os paraguaios, por 12 anos eu gosto. Mas têm muitos (brasileiros), dependendo do lugar que trabalham, não vão se adaptar. Não se adapta o brasileiro quando vem de lá. Se adaptar com a comida, quando se trabalha com o patrão paraguaio - é difícil.

O círculo de amizade fica mais restrito aos brasileiros – como é observado na fala de Mario (agricultor, advogado, casado, zona urbana e rural, proveniente de São Paulo, desde 1975):

Sim, temos nosso lazer, fazemos nossas festas, tem muito brasileiro. Juntamos um dia na casa de um, um dia na casa de outro. Antigamente eu gostava de pescar, hoje não gosto mais, tem o rio pertinho. O clima no verão é propício às festas. O inverno é mais rigoroso, no inverno todo mundo fica em casa, mas, como no Brasil, como era nossa vida no Brasil.

Elisa (dona de casa, Superior completo, casada, zona urbana e rural, proveniente de São Paulo, chegada há 30 anos, documentação legal).

O Brasil por ser já mais antigo, então ele te oferece melhores oportunidades de conforto, turismo de cultura, de lazer. Essas coisas você tem, inclusive existe até um passado maior, se você quiser visitar um museu, vários, você tem.

A minha vida sempre é boa, não posso reclamar de nada, a minha vida era boa lá, a minha vida é boa aqui, e isso depende de muitas circunstâncias. Mas é importante que a gente saiba fazer com que a vida também seja boa. Então lá, eu fiz uma boa faculdade, trabalhava, vivia bem, super bem, luxo e riqueza e aí casei. Tivemos as meninas e, aí viemos para cá, então vim como companheira de uma idéia, que eu também, lógico, achei que fosse dar certo, então vamos desenvolver, vamos fazer, vamos construir uma outra coisa. Meu marido era um advogado muito bem sucedido, ótimo, muito tranquilo. Já tínhamos propriedades, já tínhamos enfim uma vida legal, aí ele largou tudo, abandonou tudo por um sonho, por uma terra, por um ideal, no qual se continua investindo até hoje. Lógico, várias realizações aconteceram nesse tempo, muito mais do que desilusões.

[...] era bem pouco tempo, todo ano eu escutava uma frase, que na época muito me alegrava: Que era só mais um ano! Que no fim daquele próximo ano aí nós retornaríamos a nossa vida de antigamente, ou seja, uma vida de São Paulo, uma vida onde o lazer era bom, onde a cultura era bem superior, enfim, onde a vida sócio-econômica é muito disputada, muito boa. E aí as coisas foram mudando e cada ano nós continuávamos aqui, mais afundados aqui, e no fundo, não sei se a palavra seria “apaixonado” exatamente, mas impossível quase de se desvencilhar e se desvincular daqui. Então...

Quando perguntado sobre as férias

O mundo é muito grande, as minhas férias não coincidem com as férias normais de ninguém, então onde houver uma condição de um lazer agradável eu vou desfrutá-lo, aqui ou lá, ou pode ser na Europa, nos Estados Unidos, onde eu puder ir eu vou, mas aqui também. Já tive férias aqui, conheci um lugar que eu me encantei o famoso “Chaco”, que eu achava que fosse o fim do mundo,

mais muito além do fim do mundo! E foi para mim uma surpresa extremamente agradável. É um lugar que é o fim do mundo, mas a civilização é fantástica! É uma cidade colonizada por Menonitas e de lá eles fizeram uma jóia, uma preciosidade. Vale a pena conhecer. Foram umas férias muito gratificantes, aqui no Paraguai.

Finalmente, uma declaração de reconhecimento da alegria do povo paraguaio, que sem dúvida contribui é também um dos fatores de permanência destes brasiguaios no Paraguai, relatada pela dona de casa Elisa;

Um país excelente, eles adoram, eles estão na pátria deles, perfeito, para eles muito bom, lógico. Eles tiveram problemas, passaram por dificuldades terríveis, foi um país praticamente dizimado por uma guerra que durou muito tempo, mas eles são patrióticos, eles são felizes. Realmente é um povo feliz, é um povo feliz, eles não se queixam das agruras da vida deles.

Todos os entrevistados mantêm contato permanente com o Brasil, dado o próprio ambiente de trabalho que congrega outros brasileiros, e o principal produto da produção (a soja) que é escoado pelo porto no Brasil para a China.

O círculo da integração desta comunidade brasileira se amplia, pois assistem a televisão brasileira, acompanham a programação dos canais Globo, SBT e Record, além dos que residem na área urbana e assistem a programação da Globosat via satélite. São imigrantes atualizados nos assuntos internos do Brasil, acompanham os movimentos políticos, os problemas de segurança e os principais eventos. Desta forma, promovem também a aculturação do paraguaio aos costumes brasileiros, como se vê com o uso do chimarrão e o curtir das músicas e das novelas brasileira.

Esta proximidade fez com que um descendente de brasileiro Sr. Romildo Maia de Souza, se elegeu prefeito da cidade de San Alberto de Mbaracayú, na publicação da Revista do Mercosul (2001-74) traz a informação que “cerca de 80% dos 23 mil habitantes são descendentes de brasileiros e, votando em bloco, conseguiram eleger um dos seus”. Em declaração para a Revista do Mercosul, o prefeito diz: “Estamos começando

a ver casamentos entre brasileiros e paraguaios; é assim que se forma uma nação".

Há um entendimento discriminatório e pejorativo do termo 'brasiguaião', em função ao discurso político das reivindicações e do poder de negociação, presentes nas associações de classe como Movimento dos Sem Terra - MST, aliado a Comissão Pastoral da Terra, diante da problemática dos agricultores "dos que voltam" e dos fazendeiros ricos que permanecem "os donos da terra", a tão problemática Reforma Agrária. Muitos ainda não aceitam o termo, pois não querem se sentir "diferentes" (SPRANDEL 2006, p.8-11).

Nos acampamentos a formalidade do termo é diferente do que se sente, há identificação com os valores regionais: gaúchos, nordestinos. Para Patarra e Baeninger (1995, p.85) há o sentido do termo 'brasiguaião' ser identificado como agricultor brasileiro expulso, para Patarra há a relação com a terra e alto grau de penetração no território. Patarra (2002) ainda relaciona o termo em três categorias, estrangeiro, brasileiro e imigrante, estrangeiro pela sua forma de que os pequenos proprietários entram no país; brasileiro, em relação à consciência de nacionalidade; imigrante é sua condição jurídica.

Pesquisa recente aponta para a outra caracterização: uma em relação à terra (pequenos proprietários, arrendatários empregados) e outra, em relação ao grau de penetração no país; mais para dentro, ou próximo da fronteira.

Geralmente, a migração brasileira para o Paraguai é igual a agricultores num processo de retorno, Sales (1995, p.98) e em Celso Salim (1995, p.155) "em condições dúbias não são brasileiros porque perderam os seus direitos, nem paraguaios, porque não se incorporam à sociedade. Em Palau (1995, p. 201-202) "são brasileiros migrantes de origem nem sempre rural, assentada na zona rural" e "a mobilidade fronteiriça não se reduz aos brasiguaiois", formando uma corrente emigrante heterogênea não étnica. Celso Amorim define 'brasiguaiois' como sendo estrangeiro, brasileiro e imigrante.

Portanto, a expressão é muito mais vasta do que parece ao primeiro olhar, e complexa; complexa é a multiplicidade de relações que reúne. Voltando a Castells, o imigrante brasileiro pode assumir o “papel” de brasiguaiio, para se caracterizar externamente como vítima da situação agrária em seu país e no Paraguai, aliando-se ao MST como recurso de negociação, o que não o define “por dentro”. Uma característica os reúne a todos, quer se autodenominem brasiguaios ou não: sua identidade está intimamente voltada para a posse e o uso da terra. Esse é o sentido que faz deles o que são: homens e mulheres que procuram o seu lugar ao sol. Lamentavelmente, os riscos são muito grandes e o resultado fazendo parte de estudos e projeções.

Não há dados precisos, recentes e nem existe consenso entre os diversos autores citados e pesquisados, as estatísticas não são confiáveis, muitas famílias se encontram na 3ª geração e ocorre registro tanto no Paraguai como no Brasil, colaborando com a inexatidão dos dados do Censo.

Hoje, transcorridas mais de duas décadas, a situação dos brasiguaios tende a piorar - trabalhadores desempregados, arrancando o sustento do trabalho informal, e com problemas de documentação. Existe hoje fracassada a fraca tentativa dos dois governos, além de um Comitê de Repatriação dos Brasiguaios com o apoio de sérias Organizações Não Governamentais – ONGs.

Em Palau, (1995, p.201), a migração transfronteiriça, entre Brasil e o Paraguai, no caso dos ‘brasiguaios’, analisando a região alvo deste estudo, classifica os migrantes brasileiros em quatro categorias: a primeira é a que representava a burguesia agrária no Brasil; são os que chegaram em 1970, em Alto Paraná Canindeyú e Tapúa, que geralmente possuem acima de 100 hectares de terra e são chamados de *farmers*, dentro deste grupo, inclui-se uma faixa de médicos, grandes empresários agrícolas, empenhados em capitalização (compra e venda). Não é representativo em termos numéricos, mas pelo peso econômico o são. Um segundo grupo é constituído por

agricultores médios, com títulos de terra - 20 a 100 hectares. O terceiro grupo é o dos arrendatários, constituídos por migrantes capitalizados, mas sem títulos de terra. Fazem uma agricultura estritamente comercial, a dos 'brasiguaios', propriamente dito. Nesse grupo, alguns são ocupantes da terra – inferiores a cinco hectares, mas sem título de propriedade. Outro grupo com título provisório de terra (muito freqüentes), trabalha por contratos verbais, finalmente, o grupo dos assalariados agrícolas, sem terra e sem contratos (bóias-frias). Parece ser o maior contingente.

Em Palau (2002), essa classificação parece mais simplificada, reduzida a três grupos parece ter excluído os *farmers*, talvez por serem estes os mais aptos à adaptação.

Para finalizar estas considerações, cumpre registrar os problemas enfrentados por brasiguaios e que ficaram evidenciados neste estudo.

Todos os autores consultados são unânimes em descrever a difícil situação em que se encontram os migrantes brasileiros no Paraguai. Como se refere Palau (2002), no III Seminário sobre Migrante Brasileiros no Paraguai, realizado em Ciudad del Este, em agosto e setembro / 1990, os resultados apontam para a seguinte situação:

1. Muitos migrantes não têm documentos brasileiros, (certidões de nascimento, certidões de casamento, cédula de identidade) porque no Brasil já não os tinham (por morarem longe dos grandes centros, ou outras causas);
2. Outros, registrados no Brasil e no Paraguai, têm problemas nos estudos. Os nascidos no Paraguai podem ser registrados no Brasil, mas é ilegal a dupla cidadania;
3. É complicado o ato do registro. O Serviço de identificação Paraguaio prevê um formulário próprio;
4. Em Alto Paraná Norte, Canindeyú e San Alberto, o índice estimado de ausência de documentos é de 30%;
5. Apesar de ser obrigatório o registro de crianças menores no Consulado Brasileiro, 60% ou 90% (dependendo dos lugares) não o fazem.

Os autores são unânimes em descrever a difícil situação que se encontram os brasiguaios. Como refere Palau (2002) é muitíssimo freqüente a ausência total de documentação, principal os chegados em 1970. É obrigatório o registro de criança no consulado Brasileiro, mas não o fazem, talvez por ignorância ou por falta de dinheiro.

O duplo registro (Brasil-Paraguai é freqüente), mas dupla cidadania é ilegal. O duplo registro cria também problemas quanto ao reconhecimento de níveis escolares.

Em Alto Paraná Norte Canindeyíu e San Alberto, o índice estimado de ausência de documentos é de 30%. O alistamento militar é obrigatório no consulado, mais de 50% do jovem vai direto a Foz de Iguaçu, sem passar pelo consulado. Há relatos de corrupção extrafronteira, quando na entrega de cédulas de identidade brasileira, sem a necessidade de atender o alistamento militar principalmente na ocasião das eleições brasileiras.

As escolas são ausentes ou deficitárias. Os alunos brasileiros sem documento podem ser ou não aceitos, os docentes são indicados e sem capacitação e os docentes brasileiros não são aceitos.

A proximidade da fronteira gera problemas na formação dos adolescentes, normalmente envolvidos com roubos de carros com a participação da polícia e uso de armas.

Os próprios participantes do III Seminário sobre Migrantes Brasileiros no Paraguai realizado em Ciudad del Este, fizeram propostas interessantes para solução de vários desses problemas, principalmente para as questões voltadas à educação (Palau 2002). Alguns países têm dificultado a integração cultural, impondo restrições legais à integração de imigrantes. Para Brito (1995, p.64) os imigrantes acabam vivendo uma “cultura de passagem”, uma vez que estão em “outro país, têm dificuldades enormes de se integrar socialmente e, como defesa social, vivem em guetos onde recriam os padrões de vida dos países de origem”. A entrevistada Geni reforça a ideia dos guetos:

Eu acho que a gente aqui, tem muito contato com brasileiros. Em Santa Rita mais ainda; lá o brasileiro é 90%. Então, eu acho que deixa um pouco a desejar, o nível cultural do Paraguai. Em minha opinião, não sei se eu estou certa ou estou errada. Eu acho que estão um pouco abaixo, Geni - estudante.

Neste contexto, constituem-se as “redes sociais de cooperação, formando verdadeiras ilhas da cultura de passagem” (BRITO, 1995, p. 64). Destaca-se a fala do Celso, analista de grãos que reflete algumas das dificuldades no processo de integração:

É claro que existem alguns que ainda são meio (racistas), como eu vou dizer pra senhora: - Como se diz, essas pessoas racistas que existem, isso existem mesmo! Mas não é por causa de um, que a gente vai condenar todos, não! Tem muita gente boa, que merece melhoria, para o país deles, porque essas pessoas são muito boas, Celso – analista de grão. [Grifo nosso].

Logicamente convivem com conflitos: o conflito cultural, o conflito da mudança, o conflito psicológico o que acaba compensando são os “ganhos econômicos e financeiros” em detrimento também “das perdas no *status* e prestígio social” (BRITO, 1995, p. 64). O autor discute ainda a migração da periferia para os países mais avançados e a migração nas regiões de fronteira entre países mais pobre em desenvolvimento, objeto deste estudo, onde o mercado de trabalho regional tende a internacionalizar, assim como o mercado de terras.

O Brasil, novamente, é um bom exemplo. Inserido no Mercosul e fazendo fronteiras com outros países latino-americanos, tem-se integrado com estes também através de fluxos de população. Bolivianos, chilenos, peruanos e paraguaios têm emigrado para o Brasil em grande quantidade. O interessante é que tende a se reproduzir aqui o que ocorre com os brasileiros que emigram para os países mais avançados.[...] Além da internacionalização de mercado de trabalho entre países vizinhos, o mercado de terras também é decisivo para as migrações. A grande emigração de brasileiros para o Paraguai foi predominantemente determinada por projetos de colonização e pelas diferenças no preço da terra bem mais baixo em regiões paraguaias do que nos estados do sul do Brasil. Ou seja, a internacionalização de outros mercados de fatores de produção, como a terra, também é decisiva para as migrações entre países vizinhos. (BRITO, 1995, p. 64)

As migrações internacionais permanecem não com o mesmo contexto histórico. Na atualidade é a busca por melhores condições

financeiras e o mercado de trabalho que movem as migrações internacionais, muitas vezes temporárias. Outras vezes os imigrantes são convidados a saírem – como aconteceu recentemente (2009) quando o governo japonês propôs que os brasileiros aceitassem ienes para retorno ao Brasil, e assim aliviarem o efeito da crise mundial e o alto desemprego. A reportagem do jornal Gambare dirigido à comunidade dekassegui traz a reportagem em 28/04/2009:

O ministro do Trabalho e Emprego brasileiro, Carlos Lupi, entregou, segunda-feira 27, uma carta ao embaixador do Japão no Brasil Ken Shimanouchi criticando a medida do governo japonês de oferecer 300 mil ienes aos dekassegui para irem ao Brasil com a condição de não voltarem ao arquipélago para trabalhar. “Acontece uma crise [...] e a primeira coisa que se faz é criar um mecanismo, dentre outras muitas medidas corretas, que diz que para você voltar para seu país o Japão dá a passagem, mas você só voltará o dia que o Japão achar ‘conveniente’. ‘Ou seja, nós só servimos para dar nossa mão-de-obra? Na hora que aperta o calo, nós somos os primeiros a ouvir: ‘pode voltar para casa’, afirmou o ministro em entrevista à Agência Brasil. (GAMBARE, 2009).

Este contexto não foge ao apresentado por Brito (1995) quando escreve que os migrantes podem ser convidados a se “desfazer” da América, da Europa ou do Japão, no caso deste estudo podem um dia ser convidados a se “desfazer” do Paraguai, apesar dos “brasiguaios” se sentirem como a força da economia paraguaia e como paraguaios, mas não deixam de serem brasileiros para muitos paraguaios!

Referindo-se ao aprofundamento das biografias e das histórias de vida de cada sujeito, Lechner (2009, p. 195) destaca a “hermenêutica da conquista de si” que procura nas experiências individuais a busca pela compreensão da identidade biográfica.

Mas a compreensão de si nunca é definitiva. A história está sempre a ser feita, aberta a uma perspectiva de futuro. A forma que ela adquire está destinada ao transitório e, nesta possibilidade de coincidir com a sua história narrada, o sujeito faz a experiência de uma separação construtiva. Este paradoxo da história de vida (constituição do sujeito na separação de si) traduz uma condição humana comparável a uma busca incessante de si, sem possibilidade de se fixar, numa nostalgia de futuro que faz de todos os sujeitos uns eternos estrangeiros (LECHNER, 2009, p.195-196).

É nesse sentido, quer seja da forma que for, os imigrantes são excluídos das formas de acesso de direitos sociais e formam uma realidade cada vez maior e crescente em todos os países do mundo. Por realizarem um trabalho precário, na maioria das vezes, encontram-se nas mais difíceis condições de vida, porém fornecendo o suporte necessário à perpetuação do processo de produção econômica vigente que os utiliza de forma exploradora e humilhante.

Diante desta perspectiva cabe registrar a dicotomia entre a precarização e a própria exclusão na qual os brasileiros que residem no Paraguai estão inseridos e a não percepção desta realizada em virtude do seu grau de satisfação em termos de condições de vida o que implica, em grande medida, a permanência no território paraguaio.

AÉROVOLO, Jorge. *Los supuestos del método de las relaciones de supervivencia en la medición de la migración interna*. CELADE – Centro Latino Americano de Demografía. Año II, vol.5. Santiago, Chile: Agosto, 1974, p.22.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Identidade e cidadania na fronteira entre o Paraguai e o Brasil*. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife (PE). Maio/Jun./2007.

ALVES, Magda. *Como escrever teses e monografias*. Um roteiro passo a passo. 2. ed.. ver. e ampl. 3. reimpr.. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 112 p.

ARIEFF, Irwin. *Imigrantes trazem mais benefícios que danos*. Estudos da ONU. Fonte: ©Reuters 2004. Acesso em: 29/11/2004, p.16-21.

ARROYO, Mónica. Mersocul: *Discurso de uma dimensão do território que encobre antigas falácias*. p. 308. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs.) *Território, globalização fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002, 329 p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. XXIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, GT FAMÍLIA E SOCIEDADE, *Rupturas e Permanências: A emigração de brasileiros para os EUA e as transformações nas relações familiares e de gênero*. 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS NBR 14724:2005; 2. ed. válida a partir de 30.01.2006.

_____. NBR 6028: NOV. 2003, válida a partir de 29.12.2003.

_____. NBR 6027. MAI. 2003, válida a partir de 30.06.2003.

_____. NBR 6029: SET. 2002, válida a partir de 30.10.2002.

_____. NBR 10520: AGO. 2002, válida a partir de 29.09.2002.

BAENINGER, Rosana. *O Brasil na rota das migrações internacionais recentes*. In: Jornal da Unicamp.

<http://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/agosto2003/ju226pg2b.html>.

Acesso em 4/12/2005

_____. *Brasileiros na América Latina: o que revela o Projeto IMILA-CELADE. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições Políticas Brasil 2000*. CNPQ - Comissão Nacional de Populações e Desenvolvimento. Texto para discussão. Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF: 06 e 07 de dezembro. In CASTRO, M. G. (org.) *Migrações Internacionais – contribuições para políticas*, CNPD, Brasília, 2001.

_____. *Região, metrópole e interior: Espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996*. 1999. 185 p. Tese. (doutorado em Ciências Sociais) Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas/SP.

_____. *Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina*. Jun./1999. In:

<www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr09.htm>.

Acesso em maio de 2006.

_____. Reportagem: *O Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina*. Comciência Brasil. 2000.

<<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr09.htm>>.

Acesso em 21/04/2008.

_____. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Campinas: Unicamp/Centro de Memória, 1996a. (Coleção Campiniana).

_____. *Redistribuição espacial da população: características e tendências do caos brasileiro*. Documentos docentes. Santiago de Chile, CELADE - Centro Latinoamericano de Demografia, Naciones Unidas – FMUAP, 1996b, p.39.

_____; CUNHA, J. M. *Migração, dinâmica regional e projeções populacionais*. Revista São Paulo em Perspectiva, Fundação SEAD, 10(2), abr./jun./1996c.

_____; LEONCY, Carla. *Perfil dos Estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho* Ministério do Trabalho e Emprego. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições Políticas Brasil 2000. CNPQ - Comissão Nacional de Populações e Desenvolvimento. Texto para discussão. Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF: 06 e 07 de dezembro.

BAER, Werner. *A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975, 430 p.

BALÁN, Jorge - *Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil: Ensaio de interpretações histórico-comparativas* - *Estudos CEBRAP*, *Revisão ortográfica: Geraldo A. Andreasi Fantin. São Paulo: CEBRAP, n. 5, 1993.

_____. *Urbanização, migrações internas e desenvolvimento regional: notas para discussão* [1973]. In: MOURA, Hélio A. de (org.) *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1980, p. 845-869.

BAUMANN, Renato; MUSSI, Carlos. *Mercosul: Então e agora?* Nações Unidas – CEPAL. Brasília, Distrito Federal - Brasil. Maio/2006, p. 2. Acesso em 24/07/2008.
<http://www.eclac.cl/cgi-in/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/1/24531/P2451.xml&xsl=/brasil/tpl/p9f>.

IANNI (1989). Direcciones de la Cepal/ © Naciones Unidas, 2000/Términos y condiciones/Comentários.

BASEGGIO, Luiz. SPM. *Migrações: um mundo sem muros em desenvolvimento sustentável para todas*. ADITAL – Agência de Informação Frei Tito para a América Latina.
www.adital.com.br. http://adital.com.br/site/noticia_imp.asp?cod=25294&lang=PT>. Acesso em 02/12/2006.

BASSANEZI, Maria Silva C. Beozzo. Brasileiros (as) na Itália: “Nuovo Cittadini” ou “Extracomunitari”. *Seminário Internacional Migrações Internacionais* – Contribuições para Políticas Brasil. Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF. Texto para discussão. 06-07/12/2000.

_____. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995. p. 1-38, 207p.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Ministério da fazenda. *Cédulas e moedas brasileiras. Cédulas emitidas pelo BC*.

<<http://www.bcb.gov.br/?MCEDMOEBR>>. Acesso em 07/01/2008.

BBC BRASIL.COM. *O Brasil quer melhorar relações com Paraguai*. A importância de Itaipu na arrecadação paraguaia dá uma ideia das relações entre Brasil e Paraguai.

<http://bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/08/printable/030814_bacoccinag.shtml>. Acesso em: 07/01/2008.

BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: resposta à globalização*. [Trad. André Carone]. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BELFIORI-WANDERLEY, Mariângela, BÓGUS, Lucia, YASBEK, Maria Carmelita (orgs.). *Desigualdade e a questão social*. 2. ed. ver. e ampliada. São Paulo: EDUC, 2007.

BENKO, George. *Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX*, p.51. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs.). *Território, globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002a, 329 p.

_____. *Breve exame do mundo pós-moderno*, p. 247. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs.). *Território, globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002b, 329 p.

_____. *Economia, espaço e globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BEOZZO, José Oscar Pe. *Brasil 500 anos de migrações*. Povos indígenas / escravos africanos e brasileiros / imigrantes europeus e asiáticos. Centro de Estudos Migratórios. São Paulo: Paulinas, 1992.

BILSBORROW, Richard E. Edited by. *Migration, Urbanization, and Development: New Directions and Issues. The State of the Art and Overview of the Chapters* Cap. 1 O Estado da Arte e uma Visão dos Capítulos. Proceedings of the Symposium on Internal Migration and Urbanization in Developing Countries. UNFPA – United Nations Population Fund. And Kluwer Academic Publishers. 22-24 January, New York: 1996.

BÓGUS, Lucia M. Machado. *Esperança Além-Mar: Portugal no “Arquipélago Migratório” Brasileiro. Catálogo: Imigração brasileira em Portugal*. Org. Jorge Macaísta Malheiros. Lisboa – Portugal: ACIDI. 2007, p. 39-58, 246p.

_____. *Globalização e migração internacional: o que há de novo nesses processos?* In DOWBOR, Ladislau et al (orgs.). *Desafios da globalização/organizadores*. 4. ed. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2002, 302 p.

_____. *O perfil demográfico brasileiro: mitos e mudanças*. Comunicação apresentada na Assembléia Provincial da Congregação dos Missionários de São Carlos, São Paulo: 12/05/2004, mimeo.

_____. *Redescobrimo o “Velho Mundo”*: emigração brasileira recente para Portugal e Itália. Coord. Lucia Maria Machado Bógus. Instituições participantes: Depto. de Sociologia /Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC / SP – Centro Escalabriniano de Estudos Migratórios – Brasília, DF, São Paulo: 2001.

BÓGUS, Lucia; BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Migrantes brasileiros na Europa ocidental: uma abordagem preliminar. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995, p. 111-121, 207p.

_____; BAENINGER, R. *Redesenhando o espaço no interior paulista: desconcentração e expansão urbana*. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Fundação SEADE, 9(3), 1995, p. 62–70,

_____. *Brasileiros (as) na Itália: “Nuovo Cittadini” ou “Extracomunitari”?* Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições Políticas

Brasil 2000. CNPQ - Comissão Nacional de Populações e Desenvolvimento. Texto para discussão. Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF: 06 e 07 de dezembro.

BOSI, Alfredo. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: 2000, 311 p.

BRANDÃO, Eleutério. *E não é que o Stroessner foi o primeiro?* Biografia de Alfredo Stroessner Matiuda (03/11/1912 a 16/12/2006). Artigo publicado em 19/08/2006 no Duplipensar.net.
<http://www.duplipensar.net/artigos/2006-Q3/biografia-alfredo-stroessner-e-nao-e-que-stroessner>. Acesso em 07/01/2007.

BRITO, Fausto. *Brasil final de século: a transição para um novo padrão migratório? – mobilidade espacial da população e urbanização* Campinas: 14/10/ 2004.

_____, *Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo*. In Emigração e Imigração Internacionais no Brasil contemporâneo. Neide Lopes Patarra (coord.) 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

CAIXETA, Ney. Os novos imigrantes. Editora Abril, *Revista Exame*. [publicação quinzenal] Reportagem de Capa. São Paulo: 09 ago.2000. Edição 720. Ano 34 nº 16: 146, 170 p.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. [Trad. Roneide Venâncio Majer]. Trilogia: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 7. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2003, vol.1, 698p.

_____. *O poder da identidade*. [Trad. Klauss Brandini Gerhardt]. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2002a, vol.2. 530p.

_____. *Fim de milênio*. [Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer]. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3. ed.. vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 2002b, 497 p.

_____. *A sociedade em rede*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2000, 226p.

_____. *A sociedade em rede*. [Trad. Roneide Venâncio Majer]. São Paulo: Paz e Terra, V.1. A era da informação: economia, sociedade e cultura, São Paulo: 1999.

CASTRO, Cláudio M. *A prática da pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977, 154p.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã: p.24-52. 1. ed. em Francês Synos. 1994 – Paris, 1996, 335 p.

CONSULADO GENERAL DE LA REPÚBLICA DEL PARAGUAY. São Paulo – SP – República Federativa del Brasil. El Mercosur. 2007. Disponível em: <<http://www.paraguaysp.com.br/mercosur.htm>>. Acesso em: 05.nov.2007.

COZBY, Paul C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2001.

CUNHA, José Marcos P. – *Outras questões técnicas para a análise da migração*. Aula do Programa de Pós-Graduação em Demografia. NEPO - IFCH/UNICAMP. 26/08/ 2004 e 28/10/2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida. *A História Oral e Narrativas: Tempo, Memória e Identidade*. Artigo pela Associação Brasileira de História Oral e pelo Departamento de História da FFLCH da USP, no VI Encontro Nacional de História Oral, realizado durante os dias 28 a 31 de maio, na Universidade de São Paulo, 2002.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Atlas, 1992, 287 p.

DIEL, Astor Antônio, TATIM, Denise Carvalho. *Pesquisa em ciências sociais aplicada: métodos e técnicas* – São Paulo: Prentice Hall, 2004, 168p.

DOWBOR, Ladislau *et al* (orgs.). *Desafios da globalização*. 4. ed. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2002, 302 p.

_____. *et al.* (orgs.). *Desafios da comunicação*. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2001, p. 158-164.

_____. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, 446p.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, 170 p.

FELGAR, Júlia A. Simões. *Trabalhos acadêmicos: manual de normas para sua elaboração*. Itanhaém/SP: Fita – Faculdade Itanhaém, 2006 (não publicado).

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo*. O trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Massachessets. Brasília: Selo universidade, AnnaBlume, 20002, 272 p.

FLORES, Maria Cândida Galvão. *O Mercosul nos discursos do governo brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV. 2005, 128 p.

FREITAS JR. Antônio Rodrigues de. *Globalização, Mercosul e crise do Estado-Nação*. Perspectiva para o Direito numa sociedade em mudança. São Paulo: LTR, 1997, 88p.

FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.) *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens, estereótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 271 p.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FUSCO, Wilson. *Espaços migratórios e redes sociais da migração boliviana no Brasil*: Corumbá e São Paulo. Coord. Sylvain Souchaud, *ENCOR*, 10 outubro de 2006.

_____. *Formação de comunidades-filhas no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos*. Survey, Coord. Teresa Sales, realizado em Governador Valadares – Minas Gerais: NEPO-UNICAMP, Jul-Ago 1997.

GABACCIA, Donna. *Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut, London: Praeger, 1992.

GAMBARE, Revista eletrônica.

<<http://gambare.uol.com.br/2009/04/28/ministro-lupi-critica-medida-do-governo-japones-de-incentivar-volta-de-brasileiros/>>.

Acesso em 14/06/2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1991, 159p.

GUIMARÃES, Luiz Ricardo. *O Mercosul e os interesses na proteção da maior reserva de água potável mundial – O Projeto do Sistema Aquífero Guarani*, tese de doutorado, arguição do Profº Lúcio Flávio PUC – SP, São Paulo: 2006, aula 16/05/2006

HOGAN, Daniel Joseph. Demographic Dynamics and Environmental Change in Brazil. 30 p. *In Ambiente & Sociedade* – Ano IV – nº 9 – 2º semestre, 2001.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. O breve século XX 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 598p.

IANNI, Octávio. *Nação: província da sociedade global?* p. 77. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs) *TERRITÓRIO, Globalização e Fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002, 329 p.

_____. *Globalização e regionalização das comunicações* / org. César Bolaño. São Paulo: EDUC: Universidade Federal de Sergipe, 1999, p. 29.

_____. *A sociologia e o mundo moderno*. Tempo Social; *Revista Sociologia USP*, São Paulo: 1(1): 7-27, 1º sem.1989.
<<http://www.fflch.usp.br/sociologia/revistas/tempo-social/v1-1/ianni11.html>>.
Acesso em 17/04/2004.

IBGE - *Publicação de alguns dados da situação demográfica, econômica e social do Mercosul e Chile*, <http://www.ibge.gov.br/mercosul/> 21/06/2007 as 10h25.

INTERNACIONAL AGÊNCIA ECCLESIA.
30/07/2008/15:57/672Caracteres/522/BentoXVI.
<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia_all.asp?noticiaid=62953&seccaoid=4&tipoid=217>.
Acesso em 05/01/2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA: Censos / recenseamentos geral.
<http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/migra-> Acesso em 31/10/2004.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos*. 2. ed. (ano 2003), 5. tir. Curitiba: Juruá, 2007, 94p.

KAWAMURA, Lili Kassuco. *Para onde vão os brasileiros? – Imigrantes brasileiros no Japão*. 2. ed. ver.. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003, 268p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992, 214 p.

LECHNER, Elsa (organizadora). *Migração, saúde e diversidade cultural*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, 274 p.

LEE, S. Everett. *A Theory on Migration, Uma teoria sobre a migração*. *Traduzido por Hélio A. de Moura, Técnico do BNB-ETENE (Population studies center, Series in Studies of Human Resources,1). Trabalho

apresentado na *Reunião Annual da Associação Histórica do Vale Mississipi*: Cidade Kansas, 23.04.1965. *Demography*, 3 (1): 47-57, 1966. BNB - Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980: 89-114.

LEITE, Cristiane M. R. Dias. *Brasil-Argentina: migrações e integração regional*. 2002. 207 p. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo.

MAIA, Maria Manuela Alves. *Imigração e identidade: um estudo das famílias portuguesas no Rio de Janeiro 1945-1974*. [Dissertação de Doutorado em Ciências Sociais]. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo. 2007. 131 p.

MANRUBIA, Nympha Iara Zornoff. *Metodologia*. São Paulo: Unicapital, 2005, 44p.

MANUAL VI das Nações Unidas. (8) ONU United Nations. Naciones Unidas, Métodos de Medición Interna – Manual IV. Nueva York, 1972: 1. In PATARRA. N.L.

MARAGLIANO, P. R. *O poder da cultura: o papel e o impacto da identidade cultural nas relações internacionais*. [Dissertação Mestrado no Departamento da Universidade de São Paulo - USP – Prolan]. São Paulo. 2000.

MARQUES, V. P. M. A. *Integração regional, negociações coletivas e organização sindical: desafios para a agricultura familiar*. [Dissertação Mestrado no Departamento da Universidade de São Paulo - USP – Prolan]. São Paulo.

MARTIN, Hans-Peter; SCHUMAN, Harald. *A armadilha da globalização, o assalto à democracia e ao bem-social*. 2. ed. São Paulo: Globo. 1998, 351p.

MARTINE, G. et. al. *Urbanização no Brasil: retrospectiva, componentes e perspectiva*. In: IPEA/IPLAN. *Prioridades e perspectivas de políticas públicas para a década de 90: população, emprego, desenvolvimento urbano e regional*. Brasília, IPEA, Vol. 3, 1990, p. 99-160.

_____. *Adaptação dos migrantes ou sobrevivência dos mais fortes?* Trabalho inserido no Programa Nacional de Migrações Internas do MINTER. Uma versão preliminar apresentada na sessão População, Recursos Humanos e Desenvolvimento Humano para o Progresso da Ciência. BNB. In: MOURA, Hélio A. de (org.) *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1980, p. 949-974.

MARX, Karl. *O Capital* (Crítica à Economia Política). Livro I (vol. I-1 e I-2). Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *O Capital*, vol I: 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

MASSEY, Douglas S. *Understanding Mexican migration to the United States*. In *American Journal of Sociology*. 1987, p. 92.

MATOS, Ralfo. *Redes sociais, redes territoriais e migrações*. Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu, MG-Brasil, de 20-24 de setembro de 2004.

_____. *Dinâmica migratória e desconcentração da população na macrorregião de Belo Horizonte*. [Dissertação de Mestrado do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais –UFMG]. Belo Horizonte/MG, 1995.

MEIRELLES, J. R. *Impostos diretos no Mercosul e integração*. [Dissertação de Mestrado no Departamento da Universidade de São Paulo – Prolan]. São Paulo: 1999.

MICHAELIS, *Pequeno dicionário inglês-português / português-inglês*. Ed. rev. e at. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1960, 786p.

MIX, Miguel Rojas. *Globalización, pertinência e identidade*. América Latina en el proceso de globalización: sus aspectos históricos, políticos, económicos, jurídicos y culturales. *Revista del Centro de Estudios Avanzados*. Universidade Nacional de Córdoba, Argentina: 14 Primavera 2003, p.69-76, 184p.

MONTEIRO, R. C. *Foro consultivo econômico social do Mercosul: Um espaço democrático para a integração regional – A participação do setor privado no Mercosul*. [Dissertação de Mestrado no Departamento da Universidade de São Paulo], São Paulo: Prolan, 2000, p. 53

MORAIS, Álvaro Armando C.; SILVA, Alcino Lazaro; CARVALHO, Amaury Fº e AMABILE. Renato F. *Soja; suas aplicações*. Belo Horizonte: MEDSI, 1990.

MORUS, T. *A Utopia*. São Paulo: L&PM Editores, 1997.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. *História: da caverna ao terceiro milênio*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002, p.384, 592p.

MUNDO DA EDUCAÇÃO: Acesso em 05/09/2009.
<<http://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/xenofobia.htm>>.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*. [The city in history. Its origins, its transformations and its prospects]. Tradução Neil R. da Silva. 4. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. *Técnica e civilización*. 1. .edición. Madrid; Alianza Editorial S.A., Collión Ensayo Historia y Geografía, vol. 94, 1998b, 552p.

NAISBITT, John. *Paradoxo global*. Quanto maior a economia mundial, mais poderosos são os protagonistas menores: nações, empresas e indivíduos. Trad. Ivo Korytovski. Rio de Janeiro: Campus. 1994, 333 p.

NIVEAU, Maurice. *História dos fatos econômicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Difel, 1969, p.9-24.

OLIC, Nelson Balic. *Fluxos migratórios*. in:
<www.clubemundo.com.br/revistapangea>. Acesso em 16/julho/2008.

PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. *Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?* migração, condições de vida e dinâmica urbana: São

Paulo 1980 -1993 / Neide Patarra; Rosana Baeninger; Lucia Maria Bógus Machado; Paulo de Martino Jannuzzi. (org. - Obra publicada pelo Instituto de Economia da UNICAMP e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) – Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.

PAGE, Shannon. *El participante invisible: El papel del transcriptor. La entrevista VII.* P. 153-163. In: *Revista História, Antropologia y Fuentes Orales*. Revista Semestral del Seminario de Historia Oral del Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad de Barcelona: ARCE. Año 2002.

PALAU, Tomás. *Breve antecedentes sobre la migración de Brasileños al Paraguay.* In: *Migrações Internacionais: contribuições Políticas*. CNPQ - Comissão Nacional de Populações e Desenvolvimento. Brasília, Agosto de 2001.

_____. *Breves antecedentes sobre la migración de brasileños al Paraguay.* In: *Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições Políticas Brasil 2000*. CNPQ - Comissão Nacional de Populações e Desenvolvimento. Texto para discussão. Auditório do Palácio do Itamaraty. Brasília – DF: 06 e 07 de dezembro.

_____. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo.* Migração transfronteiriça entre Brasil e Paraguai: o caso dos brasiguaios. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995, p. 200-207, 207p.

_____ & HEIKEL, Maria Victoria. *Desplazamientos especiales temporales de ola fuerza de trabajo em las fronteras agrícolas. El caso del Alto Paraná.* Seminário Migraciones Temporarias en América Latina. Quito, Paraguay: CENESP / Ciudad /Pispa, 1984.

PETRY, André. REVISTA VEJA, ed. 2082 – ano 4d1 - nº 41 15/10/2008. São Paulo: Abril: 2008, p.21. www.veja.com.br.

PATTARA, N. Lopes, BAENINGER, Rosana. *Modalidade espacial da população do Mercosul: Metrôpoles e fronteiras.* Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: RBCS vol. 21 nº 60 fev / 2006

_____. *Migrações internacionais e integração econômica no Cone Sul: Notas para discussão. Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. (org.)* Teresa Sales Maria do Rosário R. Salles. São Carlos: EdUFCar. Ed. Sumaré, 2002, p. 31, 198p.

_____. BAENINGER, Rosana. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Migrações Internacionais recentes: o caso do Brasil. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995, p.78-88, 207p.

_____. *Aspectos da migração brasileira no início do século XXI*. Contribuição ao Congresso de Modelos de Pastoral – Triuggio (IT) – 25 a 3/05/2005. Texto divulgado pelo Pe. Sidnei Marco Dornelas em São Paulo: 06/04/2005.

_____; BAENINGER, Rosana. *Mobilidade espacial da população. Mercosul: Metrópoles e Fronteiras*. Comunicação apresentada no *Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 26-30/10/2004, mimeo.

_____. *Do urbano às novas territorialidades: conceitos e questões*. Entendendo o “novo urbano” na sociedade contemporânea. IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas, São Paulo/Rio de Janeiro – Novembro de 1999. Rev. Março 2000. Projeto BRA 97/103. Palestra na UNICAMP em 25/05/2004.

_____. *Migrações internacionais recentes: o caso Brasil*. Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Programa Inter institucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil. [Coord. Neide Lopes Patarra]. 2. ed. São Paulo: FNUAP, 1995 p.78, 207p.

PESCUMA, Derna. CASTILHO, Antonio Paulo Ferreira. *Trabalho acadêmico – o que é? Como fazer?* Um guia para suas apresentações. São Paulo: Olho d'Água, 2005, 87p.

_____. *Referências bibliográficas – um guia para documentar suas pesquisas* incluindo Internet, CD-Rom, multi-meios. 5. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003, 124p.

PIORE, Michael J. *Bird of passage: migrant labor and industrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

QUIVY, Raymond. CAMPENHOUDT, LucVan. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Tradução João Marques e M. Amália Mendes. 1. ed.. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAMOS, Silvana P. *De perdas e buscas a encontros e desencontros: Brasileiro em Toronto*. [Tese de Doutorado da Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP], São Paulo: 2002, p.10-14.

RAVENSTEIN, E.G. *The Laws of Migration. As Leis da Migração. Journal of the statistical society*, 47 (pt. 1): 167-227, june, 1885 IN: Hélio A. de Moura (coord.), *Migrações internas: textos escolhidos*. Fortaleza: BNB - Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980, p.19-88.

REVISTA HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA Y FUENTES ORALES. Revista Semestral del Seminario de Historia Oral del Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad de Barcelona: ARCE. Año 2002.

REVISTA DO MERCOSUL nº 74 ano 2001 na reportagem *O drama dos brasiguaios: Brasileiros enfrentam a xenofobia dos paraguaios*. <http://www2.uo.com.br/revistadomercosul/pesquisa-public/mercopol/mercopol_74>. Acesso em 17/05/06.

REVISTA POLÍTICA EXTERNA. *A Democracia na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra. Vol. 14 nº 4. Março / Abril / Maio 2006, 161 p.

REVISTA USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.). Rio de Janeiro: FGV, 1996. 304p.

RICO, Elizabeth Melo. *Gestão social e exclusão: o paradoxo do desenvolvimento econômico: viável, social e ambientalmente sustentável*. In: *Cadernos de Serviços Social*, Campinas nº 20/21, jan/dez 2002, p. 1-107.

_____. *Filantropia empresarial e a gestão de projetos sociais*. [Tese Doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP]. São Paulo: 2001, 159p.

RIGOTTI, J.I.Rangel. *Técnicas de mensuração das migrações, a partir de dados censitários: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo*. UFMG/CEDEPLAR. Belo Horizonte, 1999.

ROLON, J. A. *O Paraguai no Mercosul: limites e possibilidades*. [Dissertação de mestrado Universidade de São Paulo - Prolan] São Paulo: 2000, p.11– 54, 104p.

ROMANO-SUÉD, Susana. *Mundos, textos, lenguas: identidad latinoamericana y traducción. América Latina en el proceso de globalización: sis aspectos históricos, políticos, económicos, jurídicos y culturales*. *Revista del Centro de Estudios Avanzados*. Universidade Nacional de Córdoba, Argentina: 14 Primavera 2003, p.77-90, 184p.

ROSSI, Clóvis. Folha de São Paulo: Cotidiano, 10/10/2008, C3

ROWLAND, Robert Lewis. *O problema da emigração: dinâmicas e modelos*, in BETHENCOURT; CHAUDHURI (orgs.) *História da expansão portuguesa. Do Brasil para África (1803-1930)*. Vol IV. Lisboa: Círculo de Leitores.1999.

SAHA, Suranji Kumar. *Mercosul, competitividade e globalização*. in COSTA LIMA e MEDEIROS (orgs.). *Mercosul no limiar do século XXI*. São Paulo: Cortez; (Buenos Aires, Argentina) CLACSO, 2000, p. 55.

SALES, Teresa; SALLES, Maria do Rosário R. (org.). *Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: EdUFSCar: Ed. Sumaré. 2002, p.197, 207p.

SALES, Teresa. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995: 90-103, 207p.

SALIM, Celso. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. A questão dos brasiguaios e o Mercosul. Programa Interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil. Coord. Neide Lopes Patarra. 2. ed. FNUAP Fundo de População das Nações Unidas / ABC – Agência Brasileira de Cooperação, São Paulo: 1995, p. 144-159, 207p.

SANTILLO, M. *O impacto das migrações limítrofes no mercado de trabalho da Argentina e suas consequências no Mercosul*. In: *Fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. São Paulo: Vozes, 1998.

SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs) *Território, globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002, 329 p.

SANTOS, O. S. *Cultura da soja*. Santa Maria, RS, Universidade Federal de Santa Maria, (*Boletim Técnico nº 5*), 1975, 127 p.

SEVERINO, Joaquim Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. ver. e ampl. de acordo com ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ademir Alves da. *A gestão da seguridade social brasileira*. Entre a política pública e o mercado. São Paulo: Cortez, 2004. 255p.

SINGER, Paul. *Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo [1976]*. In: MOURA, Hélio A. de (org.) *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1980, p. 211-244.

SOJA, Edward W. *O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos E.U.A.: virando Los Angeles pelo avesso*. p. 154. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs) *Território, globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002, 329 p.

SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. *Documentação da pesquisa “Espaços migratórios e redes sociais da migração boliviana no Brasil: Corumbá e São Paulo*. Outubro, 2006, mimeo.

SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: UNSFPA, 2007.

TORRESAN, Ângela. *Quem parte, quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ. 1995.

_____. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. ADEPO – UNFPA. Asunción – Paraguay. Título original em francês: *Pionniers brésiliens au Paraguay*. Editions KARTHALA, Arago-Paris, 2002.

_____. *Espaço brasiguaió: novas práticas coloniais*. Jun/1999. In: <www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr10.htm>. Acesso em 17/05/2006 e Acesso 04/07/2008.

SOUZA, Maria Adélia A. de. *Geografias da desigualdade: globalização e fragmentação*. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia A. de Souza; SILVEIRA, M. Laura. (orgs) *Território, Globalização e Fragmentação*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 2002, p. 21, 329 p.

SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Dossiê Migração. *Estudos Avançados*. vol. 20 nº 57. São Paulo: Scielo Brasil, may/aug. 2006.

_____. *“Aqui não é como na casa da gente”*: Comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai, In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.) *Argentinos e brasileiros*. Encontros, imagens, estereótipos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 187, 271 p.

_____. *Identidade e mobilização: A luta pela terra e pelos direitos de cidadania na fronteira Brasil-Paraguai*. PETI/Museu Nacional. p. 1-9. <http://www.iacd.oas.org/Interamerhtml/Zarur45html/Zar45_Spran.htm>. Acesso em 04/12/2005

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios da administração científica*. São Paulo: Atlas, 1979.

TOFFLER, Alvim e TOFFLER, Heidi. *A terceira onda. A morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORRESAN, Ângela. *Quem parte, quem fica*. Uma etnografia sobre imigrantes brasileiros de Londres. [Dissertação Mestrado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro: 1994, p. 72, 139 p.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. *Arquivos: propostas metodológicas*. Cap. 19 p.233-245. In: *Revista Usos e Abusos da História Oral*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.). Rio de Janeiro: FGV, 1996, 304p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *Normas para apresentação de documentos científicos*. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Curitiba: vol. 4 - 5 - 8 – UFPR, 2001.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Diversidade*. Territórios estrangeiros como topografia de alteridade em São Paulo. São Paulo: WEDUC, 2003, 305 p.

VICHICH, J. C. *Mercosur: la libertad de circulación de trabajadores en debate*. In *Revista Relaciones Internacionales* - Dossier MERCOSUR: La profundización del debate, n. 12, ano 7 IRI, 1997.

VILLALVA-FILHO. M. R. *Mercosul; Brasil e Paraguai: a integração (im)possível*. [Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo – Prolan]. São Paulo: 1998.

VOLDMAN, Danièle. *Definições e usos*. Cap. 4, p. 33-43. In: *Revista Usos e Abusos da História Oral*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.). Rio de Janeiro: FGV, 1996a. 304p.

_____. *A invenção do depoimento oral*. In: *REVISTA USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.). Rio de Janeiro: FGV, 1996b, cap. 20, p.248-265, 304p

ZAAR, Miriam H. *A migração rural no oeste paranaense: Brasil: a trajetória dos "Brasiguaios"*. In: *Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales*.

Universidad de Barcelona, Número extraordinário dedicado al III Colóquio Internacional de Geocrítica (Actas del Colóquio). 1 de agosto de 2001. <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-88.htm>>. Acesso em 28/12/2004, nº 94 (88),

ZOUAL, HASSAN, *Globalização e diversidade cultural*. Textos selecionados e traduzidos por Michel Thiollent. – Coleção questões da nossa época: v. 106, São Paulo: Cortez, 2003:112.

Material em mídia – CD

Anais do VI Encontro Nacional de História Oral. *Tempo e Narrativa*. Associação Brasileira de História Oral – CNPQ – USP 28 a 31 de Maio de 2002

Associação Brasileira de História Oral e do Departamento de História da FFLCH da USP, o VI Encontro Nacional de História Oral, que se realizou durante os dias 28 a 31 de maio, na Universidade de São Paulo, 2002.

APÊNDICE A – Convite e Apresentação da Pesquisa

O questionário que você está recebendo faz parte de uma pesquisa de Doutorado, realizada na **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP**, e tem por objetivo coletar informações sobre o perfil dos brasileiros que migraram para o Paraguai, a partir da década de 1970, e que ainda hoje residem no país.

As perguntas que você irá responder têm um fim estritamente **acadêmico**. Portanto, suas respostas serão mantidas em **sigilo**, seu nome será trocado e a divulgação da pesquisa será realizada apenas com caráter sociológico, isto é, no meio acadêmico e com o objetivo de conhecer o perfil dos brasiguaaios.

Isto significa que sua situação de imigração, seja ela legal ou ilegal, sua residência e seus dados pessoais não serão divulgados a quaisquer órgãos governamentais e apenas permanecerão, em sigilo, na universidade onde a pesquisa está sendo realizada.

Se você estiver de acordo com a participação nessa pesquisa e tiver entendido sua finalidade, por favor, assine abaixo, autorizando a utilização de suas respostas para a elaboração da tese de doutorado apresentada.

Data: _____/_____/_____

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B – Questionário Aplicado na Pesquisa Empírica

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome do participante: _____
 Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____
 Endereço: _____
 País: _____ Cidade: _____ Região: _____
 Zona: Urbana () ou Rural ()

Qual a nacionalidade dos seus pais?

- a. Pai: _____
 b. Mãe: _____

Qual o grau de instrução dos seus pais?

- a. Pai: _____
 b. Mãe: _____

Qual seu próprio o grau de instrução?

Atualmente está estudando?

Sim 1 () Não 2 ()

Se estuda, qual curso? _____

Você pratica alguma religião?

Sim 1 () Não 2 ()

Você frequenta algum templo ou igreja?

Sim 1 () Não 2 ()

SITUAÇÃO NO BRASIL

Onde morava quando saiu do Brasil

- a) Estado: _____
 b) Município: _____
 c) Zona : Rural 1 ()
 Urbana 2 ()

Data da saída do Brasil: ____/____/____

Quais foram as razões que o (a) levaram a sair do Brasil?

- a) Conveniência econômica?
 Sim 1 () Não 2 ()
 b) Desemprego?
 Sim 1 () Não 2 ()
 c) Questões familiares
 Sim 1 () Não 2 ()
 d) Questões de segurança
 Sim 1 () Não 2 ()

- e) Questões amorosas
 Sim 1 () Não 2 ()
- f) Busca de novos desafios ou situações de aventura
 Sim 1 () Não 2 ()
- g) Duas ou mais questões acima. Classifique em ordem de importância.

Questões: _____/_____/_____/_____

DA IMIGRAÇÃO PARA O PARAGUAI

Quando migrou para o Paraguai, quanto tempo pensava em ficar? _____

Houve mudanças em seus planos?

Sim 1 () Não 2 ()

Por quê?

Tinha parentes no Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

Como foi recebido ao chegar ao Paraguai (nível de receptividade?)

Muito Baixa: ()

Baixa: ()

Alta: ()

Muito Alta: ()

Nenhuma: ()

Suas expectativas em relação ao Paraguai foram satisfeitas?

Sim 1 () Não 2 ()

Quais as principais dificuldades que você encontrou?

Como você contornou essas dificuldades?

Sente ou já sentiu alguma discriminação por ser estrangeiro?

Sim 1 () Não 2 ()

Em sua opinião, quais os maiores problemas no dia-a-dia que brasileiros enfrentam no Paraguai?

SITUAÇÃO NO PARAGUAI

Data da chegada ao Paraguai: ____/____/____

Você é um imigrante legal no Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

Se ainda está em situação irregular, cite o motivo:

Por que escolheu viver no Paraguai?

a) Facilidades governamentais?

Sim 1 () Não 2 ()

b) Facilidades comerciais?

Sim 1 () Não 2 ()

c) Atender chamado de parentes?

Sim 1 () Não 2 ()

d) Conveniência financeira?

Sim 1 () Não 2 ()

Já morou em outras cidades do Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

Se morou em outras cidades do Paraguai, quais e por quanto tempo?

a) Quais cidades?	b) Quanto tempo (em meses)
1	
2	
3	
4	
5	

Já morou em outros países da América Latina?

Sim 1 () Não 2 ()

Se morou em outros países da América Latina, quais e por quanto tempo?

Quais?
Por quanto tempo?

SOBRE A FAZENDA / RESIDÊNCIA ATUAL

Quantas famílias moram nesta fazenda? _____

Quantas pessoas moram nesta fazenda? _____

Nome	18.Parentesco	19.Sexo F/M	20.Idade	21.Estado Civil	22.Nacionalidade
1					
2					
3					
4					
5					
6					

23.Religião	24. País Local Nascimento	25.Cidade Local Nascimento	26. Zona Rural/Urbana Local Nascimento	27.Escolaridade dos membros da família	27a.Localidade do último ano de estudo
1					
2					
3					
4					
5					
6					

Qual a ocupação dos membros da família antes da migração?

Nome	a) principal atividade	b) localidade	c) remuneração
1			
2			
3			
4			
5			
6			

Qual a ocupação atual dos membros da família?

Nome	a) principal atividade	b) localidade	c) remuneração
1			
2			
3			
4			
5			
6			

RELAÇÃO ENTRE AS CONDIÇÕES DE VIDA BRASIL – PARAGUAI

Pretende regressar definitivamente ao Brasil?

Sim 1 () Não 2 ()

a) Se pretende voltar, quando?

Antes dos próximos cinco anos: ()

Após os próximos cinco anos: ()

Somente daqui há 10 anos: ()

Você incentivou familiares ou amigos a migrarem para o Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

Você financiou a ida de familiares ou amigos a migrarem para o Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

Comparando a cidade e o local que você vive atualmente no Paraguai, com a cidade e local onde vivia no Brasil, aponte as principais vantagens e desvantagens.

Vantagens	Desvantagens

Socialmente sua vida melhorou ou piorou após migrar para o Paraguai?

Melhorou: 1 ()

Piorou: 2 ()

a) Cite o porquê da melhora ou piora ocorrida.

Fatores de melhoria	Fatores da piora

Principais atividades de lazer praticadas atualmente?

É sócio de algum Clube ou Agremiação Esportiva?

Sim 1 () Não 2 ()

Em seu período de descanso / férias, qual seu destino?

Identifique as principais diferenças entre brasileiros e paraguaios que você considera relevante? (culturais e/ou comportamentais).

PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES DE APOIO AOS BRASILEIROS NO PARAGUAI

Você já precisou do Consulado Brasileiro no Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

a) Se já utilizou os serviços do Consulado, como você classifica os serviços prestados?

Ruim: ()

Muito Ruim: ()

Bom: ()

Muito Bom: ()

Ótimo: ()

Você conhece outros organismos ou associações de brasileiros no Paraguai?

Sim 1 () Não 2 ()

a) Como é sua atuação em relação a eles?

Ativa: ()

Passiva: ()

O que você gostaria de falar sobre o Paraguai?

O que você gostaria de falar sobre o Brasil?

O que você aprecia no Paraguai?

O que você aprecia no Brasil?

--

O que você não aprecia no Paraguai?

O que você não aprecia no Brasil?

Obrigada!

APÊNDICE C - Entrevistas Realizadas no Paraguai em Janeiro 2006

APÊNDICE C1 – Detalhamento do Roteiro para as Entrevistas

Bem, eu queria conversar um pouco com você sobre a sua vida aqui no Paraguai, sinta-se à vontade para falar o que quiser e não falar sobre algum assunto caso se sinta desconfortável. Eu espero que seja um bate-papo e não algo formal...

(LIGAR O GRAVADOR)

#1) Em primeiro lugar, fale um pouco sobre você, sua rotina, sua vida, se trabalha ou estuda...

Aqui coletei informações sobre:

- idade
- escolaridade
- estado civil
- se possui filhos
- se é responsável pelo sustento da casa
- se mora em zona rural ou urbana
- profissão
- demais dados de identificação possíveis

#2) E como era no Brasil?

Aqui coletei informações sobre:

- onde morava
- o que fazia
- estilo de vida
- família, etc.

#3) Porque você veio ao Paraguai?

Aqui busquei informações sobre:

- para onde foi
- mudou de cidade / já morou em outros países/lugares
- quanto tempo queria ficar
- quando chegou
- porque veio
- motivos
- documentação (legal/ilegal)
- se pretende voltar ao Brasil? Quando?

#4) Como você percebe o Paraguai?

Aqui busquei informações em relação a:

- o comportamento das pessoas
- a cultura
- os costumes
- a geografia
- a política
- a economia

- segurança e saúde
- empregabilidade
- perspectivas

#5) E como você percebe o Brasil?

Aqui busquei informações em relação a:

- o comportamento das pessoas
- a cultura
- os costumes
- a geografia
- a política
- a economia
- segurança e saúde
- empregabilidade
- perspectivas

#6) Existem vantagens ou desvantagens entre o Brasil e o Paraguai? Descreva pra mim.

#7) Como você vê sua situação atual no Paraguai, como é pra você hoje, aqui?

Coletei informações sobre:

- economia
- relacionamentos
- família
- entretenimento / lazer
- religião / espiritualidade
- discriminação
- incentivo de familiares e amigos para vir ao Paraguai

#8) Você sabe o que é um “Brasiguai”? Poderia definir para mim?

(só depois que a pessoa respondeu a questão acima)

Você se considera um Brasiguai?

(só depois que a pessoa respondeu a questão acima)

Por quê?

#9) Agora que nosso bate papo já esta acabando...falando um pouco sobre o futuro, quais são seus planos a curto, médio e longo prazo? Isto é, seus planos para o próximo ano, para os próximos cinco anos e para os próximos dez anos?

Obs.: caso a pessoa não falou sobre as questões que buscava, foram realizadas questões adicionais, sutilmente, para coletar mais informações.

APÊNDICE C 2 – Transcrições das Entrevistas

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = Geni

* = textos utilizados

ENTREVISTA 1 – ESTUDANTE GENI

Realizada em 09/01/2006; local: residência da entrevistada, Ciudad del Este, Paraguai.

(Geni, feminino, estudante, superior incompleto (cursando), casada, zona urbana, evangélica, proveniente de Londrina – PR, documentação legal)

Nós gostaríamos de saber um pouco sobre a sua vida. Como você vive? Se você trabalha ou estuda?

Eu estudo, eu já trabalhei, quando eu vim pro Paraguai eu fui para Santa Rita que é um pouco mais longe do que aqui. São 70 km da fronteira, então lá eu trabalhei, e morei três anos. Trabalhei o tempo inteiro e também comecei a faculdade. Na faculdade eu comecei aprender o espanhol, porque eu não tinha vontade de estudar outra faculdade, fazer outra coisa, o curso que tinha não me agradava, mas eu me senti na obrigação de aprender alguma coisa. Estava me sentindo um pouco, talvez assim meio inútil, talvez não sei, perdendo tempo, porque lá, realmente, eu não gostava de estar lá. Bom eu tinha que tirar alguma coisa de bom daquilo, o que eu vi que podia fazer era outra faculdade pra aprender a língua, não faria uma faculdade se tivesse um curso de espanhol ou inglês, mas como não tinha, daí eu entrei na faculdade. Estou fazendo agora o quarto ano. Não! já vou passar para o quinto ano! Passei pro quinto ano.

Mas, em que área você está?

Contabilidade. No Brasil eu fiz administração, então quando eu vim pra cá só tinha administração, contabilidade e direito. Direito é uma área que não me atrai e, ainda mais em um outro país. Eu não me via fazendo direito.

Você faz contabilidade aqui em Ciudad del Este?

Aqui. Comecei em Santa Rita e agora estou por terminar, e daí quando vim pra cá em Ciudad del Este, tinha mais opções de cursos; eu podia ter escolhido outro, só que eu já estava no terceiro ano. Falei não! Agora eu vou até o fim! Depois que eu vim para Ciudad del Este também não fui atrás de trabalho. Não trabalho. Só estudo eu vivo em casa mesmo. Mas a vida aqui como brasileira e como brasiguiaia... para mim... me sinto brasileira aqui, pra mim... eu moro aqui em Ciudad del Este. Para mim é muito bom. Para mim não faz diferença entre morar aqui ou em morar em Foz. Porque eu continuo tendo a minha vida lá também, tenho a família do meu marido; a minha família eu já não tenho mais ali.

Passo a ponte e tem uns pequenos transtornos para você passar a ponte dependendo dos dias. Então, se eu quiser, eu vou bem cedinho, faço banco essas

coisas, compras, mercado tanto lá quanto aqui. Hoje eu diria que eu já estou um pouquinho mais para cá, pelo transtorno da ponte; você vai se habituando também, porque no começo eu nem ia ao mercado aqui; não me sentia bem, não queria. Acho que é um pouco também de preconceito que a gente tem. Eu não quero me desligar de lá, então tudo eu faço lá, aqui eu só moro.

Mas hoje pra mim é tranquilo. Os amigos perguntam: Por que vocês não moram em Foz? Trabalham aqui em Ciudad del Este, moram em Foz, só que pra mim tá bom aqui. Mais pelo trabalho do meu marido, que ele trabalha aqui e, para passar a ponte... A gente já viveu isso! No começo eu morei em Foz e trabalhava aqui.

Logo no princípio do nosso casamento eu trabalhava em Ciudad del Este. Passar a ponte todo dia é terrível, eu passo até bem, agora o Salum... Para ele é um transtorno.

O curso que você faz aqui, quantos anos são?

Cinco anos.

Cinco anos a graduação? E o preço da universidade?

É bem mais barato que no Brasil. Eu comecei pagando 250 mil, que na época equivalia a uns 130 reais, digamos assim. Hoje eu pago 350 mil, que equivale a uns 150 reais. Eu estudo na melhor faculdade do Paraguai, que é a Universidade Católica. Ela é a melhor daqui, de todo o Paraguai, e a universidade católica é a mais cara, então, você vê a diferença? No Brasil você não faz (um curso) por esse preço. Não faz.

Por esse preço não. E você é casada? Tem filhos?

Não, não tenho filhos.

Como era a sua vida no Brasil? Assim, onde você morava, o estilo de vida? Em que cidade você vivia? Era uma região urbana ou rural?

Urbana. Eu morei em Foz muitos anos. Eu vim pra Foz quando tinha nove anos e ali eu fiquei por quase vinte anos. Daí eu fui embora para Londrina, então quer dizer, eu cresci em Foz! Mas nos últimos anos eu vivi em Londrina, que para mim é uma cidade maravilhosa. Eu adoro Londrina, eu acho fantástica a cidade. Foi um impacto muito grande sair de Londrina e vir para Santa Rita. Que não foi para aqui que eu vim! Aqui é bem melhor que Santa Rita! Eu estranhei muito no princípio.

Para Santa Rita você foi por qual motivo?

Por que...

Santa Rita é Paraguai?

É Paraguai. Mais uma cidade daqui do Paraguai. Porque meu marido trabalhava lá, e daí a gente casou e... eu poderia ter ficado morando em Foz e ele lá; só que eu não quis, por pior que fosse, eu queria estar junto. Isso foi uma decisão nossa, porque ou ele ficaria lá, ou... Porque a gente fez uma experiência no princípio do casamento: ele voltaria pro Brasil (que no princípio foi essa a ideia) por isso que a gente casou, a gente ia morar em Foz só que aí as coisas tomaram outros rumos, e lá nós ficamos...

E você está aqui em situação legal?

Legal.

Você é uma cidadã paraguaia?

Não, eu sou uma imigrante, eu sou uma cidadã legal, eu tenho a documentação de imigrante, meu marido já não; ele já fez a nacionalização, ele é um cidadão paraguaio. Mas eu não, pra mim está bom assim, eu não pretendo fazer...

E a sua cidadania, qual é?

Não! A identidade eu vou fazer. Porque aqui primeiro se faz a de imigrante, depois faz a identidade do Paraguai. Mas vou fazer como brasileira mesmo, meu marido fez quando ele tinha os familiares aqui. Ele tem o pai que é paraguaio, o que para ele facilitou bastante. Mas eu estou legal, não tenho problema nenhum com a justiça ou com a lei. Tá tudo bem.

Você pretende voltar ao Brasil algum dia para morar? Retornar a sua condição de Londrina?

Eu tenho vontade sim. Digamos... Voltar para Foz pra mim não faz diferença. Já falei, pra mim tá bom aqui, mas é uma vontade que eu tenho! Até meu marido fala: se for pra voltar ao Brasil algum dia, a gente volta para Londrina, que é um lugar que a gente gosta, mas, eu acho um pouco difícil; pelo menos a curto prazo, eu não vejo a gente saindo do Paraguai.

Essa dificuldade que você sente do retorno você acredita que seja por qual motivo?

Pelo trabalho e pela situação financeira mesmo, que dificilmente a gente vai ter, digamos, o que o meu marido conseguiu aqui em cinco anos: posição, cargo, conhecimento. No Brasil demoraria muito mais e não sei se isto estaria acontecendo. Digamos na função que ele ocupa hoje, não sei se com pouco tempo (5 anos) ele estaria, acho bem difícil.

Aqui tem já uma certa concorrência, mas não é igual ao do Brasil. E nós brasileiros aqui, que temos alguma formação - um nível superior - digamos de escolaridade, temos mais oportunidades que os próprios paraguaios.

Você já não sente isso em relação ao Brasil?

Não.

É assim que você percebe o Paraguai? Em relação à parte profissional?

Profissionalmente, aqui eu considero muito boa para os brasileiros. Tanto que aqui tem muitos brasileiros, ocupando cargos bons. É uma porcentagem mínima de paraguaios que ocupam cargos bons. Assim... de alto nível e de confiança que brasileiros ocupam em todas as áreas.

Como é que você percebe a cultura do Paraguai em relação aos brasileiros?

Eu acho que a gente aqui, tem muito contato com brasileiros. Em Santa Rita mais ainda; lá o brasileiro é 90%. Então, eu acho que deixa um pouco a desejar, o nível cultural do Paraguai. Na minha opinião, não sei se eu estou certa ou estou errada. Eu acho que estão um pouco abaixo.

Como é que você percebe a política, a economia, a geografia do Paraguai?

Olha, política eu ouço falar. Também não sou muito de... eu não acompanho muito e, isso eu acho até uma falha, porque eu estou vivendo aqui mas, eu acompanho o Brasil. Aqui eu nunca ligo a TV em um canal paraguaio; meu marido já assiste o noticiário e está mais por dentro. Eu sinto que estou por fora mesmo! Acho que eu ainda não me "joguei" aqui dentro. Ainda não! Eu estou aqui, mas ainda com um pé lá, não sei o por que disso; mas eu ainda não me... Eu não posso dizer muita coisa da política, tem muita corrupção, tem muito desvio, assim como no Brasil também

Mas eu acho que aqui ainda dá, eu acho que o nível de pobreza está muito grande, eu não sei... Tem muita miséria, tem muita gente “se dando bem”, entre aspas, pondo a mão no dinheiro. O Paraguai tem condições, ele tem... Já foi um país muito rico, hoje não é mais. Gira dinheiro, só que vai para os lugares errados, não vai para os destinos que teria que ir; até mesmo a construção de Itaipu, foi um benefício imenso pro Brasil e pro Paraguai, só que Foz aproveitou, o Brasil em si aproveitou muito o dinheiro que Itaipu pagava: tem colégio, tem Hospital, tem a própria vila em que moravam os funcionários. Quanto ao Paraguai, não se sabe onde foi parar o dinheiro que foi investido, que foi deixado; tem as vilas e tudo mas, só que para a educação pouquíssimo desse dinheiro foi aproveitado. Hospital não tem, a saúde aqui é bem precária.

É... Eu ia perguntar como você percebia a saúde, a segurança, a assistência médica aqui no Paraguai?

A saúde... Eu não tenho confiança nenhuma, é bem precária mesmo. Em Santa Rita, tem até um hospital, mas eu sei que foram médicos de Foz que abriram esse hospital. Dentista, agora tem mais; mas logo que eu fui pra lá, tinha pouquíssimos. São vários brasileiros que abriram consultório lá; paraguaios não eram muitos; agora até são, mas confiança mesmo... Assim, por ter mais cidadãos brasileiros que foram pra lá, não sei se não há confiança. Acho muito precária. Uma vez, a gente presenciou um fato que nos deixou arrepiados: meu marido foi doar sangue. Um amigo dele tinha sofrido um acidente e ele foi doar sangue. Ele sempre doa sangue. Aí, a moça perguntou qual era o tipo sanguíneo dele. Ele falou: - Mas você não vai fazer análise? Ela falou assim: - Você não está doente, está? Pensa bem, ela simplesmente tirou o sangue para pôr em outro, sem fazer uma análise para ver se havia uma doença grave. Aquilo deixou a gente horrorizada. Porque onde já se viu fazer um negócio desses? Podia matar o cara. Até o meu marido falou: - Se acontecer alguma coisa comigo, você me enfia em uma ambulância e me leva pra Foz, não me deixe aqui, pelo amor de Deus! Porque não se pode confiar na medicina daqui; nem na medicina mesma, nem nos profissionais e nas pessoas que trabalham. Há muito interesse financeiro. A gente ouve muitas histórias sobre morrer muita criança; por qualquer coisinha é fazer cirurgia, fazer cirurgia... E acaba morrendo. Não tem preparo mesmo, então a saúde aqui para mim...

Então, quando você precisa de alguma coisa você vai para Foz?

Vou pra Foz. É... É aquela coisa, eu cresci em Foz, então médico, dentista, ginecologista, tudo é lá. Sempre foi lá, mesmo quando eu morava em Londrina. Eu morei três anos em Londrina e o meu dentista era de Foz; então às vezes, eu vinha pra cá, e já aproveitava e fazia o que tinha que fazer, porque médico é uma questão de confiança; você se adapta. É igual cabeleireiro. Mas médico mesmo, para mim é em Foz.

Então qualquer “probleminha” você frequenta lá ou aqui?

Agora, até que eu vou aqui; cabeleireiro é lá ainda, mas manicura e pedicura eu já encontrei um aqui.

São brasileiros que estão aqui?

Não, são paraguaios.

E em relação à empregabilidade no Paraguai, como você percebe e se ainda existe campo para novas profissões?

Eu acho que ainda tem, apesar de muita gente estar vindo para cá, que está se formando. Se você tem uma boa formação, uma especialização, ainda tem bastante campo aqui.

Voltando ao Brasil... Como você ainda percebe o Brasil? Pelo menos em relação à economia, à política, à empregabilidade, à situação da saúde, à segurança. Como você vê hoje o Brasil?

Olhe, no meu caso, se eu voltar pro Brasil, hoje, em termos de trabalho, acho bem complicado, porque estou fora do mercado, tô fora, eu tenho consciência disso.

Quanto à segurança, também tenho muito medo; antes eu não tinha medo. Antes quando eu passava a ponte, ficava tensa porque eu tinha medo do Paraguai. Porque eu me sentia brasileira, só era brasileira, não sabia falar a língua deles. Hoje não! Hoje eu já tenho mais segurança aqui do que lá; assim, em questão de assalto, aqui nunca aconteceu nada com a gente. Lá eu já passei por um assalto.

No trânsito, eu tenho medo de parar num semáforo à noite, sozinha. De carro não vou, eu tenho medo. Já aqui, eu tenho uma certa segurança. Vou para a faculdade à tarde, de carro; eu ando, eu vou, volto. Sabe tenho um pouco de medo, isso em todos os lugares, mas no Brasil eu me sinto mais insegura, bem mais.

E a economia de lá, digamos que eu acho que é bem mais complicada do que aqui. Aqui eu posso trabalhar; se eu for atrás, eu tenho. Em algumas áreas em que posso atuar, eu sei que eu vou, em termos de salário, ter um salário muito melhor que lá, isso de começo. Aqui eu não estou trabalhando porque não fui procurar, estou parada mesmo! Porque em Santa Rita eu trabalhava, gostava, mas, quando eu vim para cá eu fui ficando.

Quais são as vantagens e desvantagens que você observa entre Brasil e Paraguai? Se você puder catalogar, mais ou menos? O que você acha que aqui tem vantagens e que lá não tem? Aqui, o que você percebe como desvantagens e lá você vê que pode ser uma vantagem?

Olha, uma vantagem aqui é a financeira; no Brasil está mais difícil. Uma desvantagem aqui, é a educação, com menos preparo. Quanto à saúde, eu tenho confiança de ir a um médico no Brasil; aqui eu não tenho, não tenho mesmo. Então, mesmo que seja um brasileiro que venha pra cá, eu já vou ficar meio assim, porque não sei, não sei por que ele está aqui.

A educação! Eu sempre pensava, quando morava em Santa Rita, que lá é pior ainda, em termos de educação.

Quanto aos médicos, lá é bem mais precário que aqui. Aqui, a gente ainda vive num grande centro; lá é mais interior, se podemos falar assim, e eu sempre pensava: não vou ter filho aqui: Porque como é que eu vou estudar? Eu não vou pôr meu filho numa escola aqui. Hoje eu já não sei. Se eu tiver um filho aqui, vai nascer no Brasil! vai ser brasileiro! Vai morar aqui, mas vai ser brasileiro e não sei se eu não o colocaria para estudar aqui, hoje eu já penso, já mudei um pouco. Em Santa Rita eu já não faria isso, porque aqui ainda tem melhores escolas que em Santa Rita. Lá é complicado a educação... Eu acompanhei um pouco, porque quando eu fui pra lá, em me matriculei numa escola, digamos assim que seria nível quinta série. E falei: - Eu vou aprender o espanhol. Então freqüentava só as aulas de espanhol deles. Foi terrível! Assim, eu não agüentei ficar, eu ficava pensando: Meu Deus, como essas crianças vão aprender alguma coisa? Não tem condições mesmo. Daí, eu ficava vendo um filho meu passando por isso. Sabe, eu não quero. Eu sempre falava: - Eu não vou ter filho aqui. Daí, quando surgiu a oportunidade de vir pra cá, eu achei ótimo, porque aqui eu posso estar no Brasil que é perto, tem transporte que leva, tem transporte que busca. Aqui tem o Colégio Anglo-americano, que é um colégio bom. Tem uns três colégios que eu considero assim,

nunca fui a fundo ver, mas pelo que se ouve falar é bem melhor. Então, hoje, eu não sei o que faria. Acho que até poderia estudar aqui, porque seria uma opção de aprender o espanhol, uma segunda língua, porque português com certeza ele iria aprender com pai e mãe brasileiros! Teria um idioma a mais.

Em relação a entretenimento, lazer, relacionamentos, amizades, como você vê a sua situação aqui no Paraguai?

Aqui eu posso dizer assim, que amigos mesmo são pouquíssimos. Na faculdade, eu posso dizer que tenho dois amigos ou três: duas brasileiras e um paraguaio, que eu posso considerar amigo. Mas é lá na faculdade. Com uma delas, a gente tem um contato fora da faculdade, mas isso, amizade fora, não temos com paraguaios. Em Santa Rita, nosso círculo de amizades era bem maior. Aqui eu acho que é mais difícil, em Santa Rita era mais fácil, mas também eram todos brasileiros, acho que havia um ou dois paraguaios.

A parte de entretenimento?

Normalmente, a gente sai. Tem festa, tem baile, mas é só nesse padrão. Come-se bem aqui. Pra sair pra comer, tem vários lugares, que a gente foi descobrindo, porque antes, também pra sair pra comer, era em Foz. Hoje já não, a gente se vira muito bem aqui. É que a gente não é muito de sair mesmo, então normalmente saímos pra comer num barzinho. Eu conheço aqui duas boates que são legais, bem badaladas mesmo, bem movimentadas, mas eu não as frequento, nem só pra conhecer. Mas aqui tem, em Santa Rita não tinha nada.

Teatro, cinema?

Não. Cinema tem aqui, tem no shopping, não conheço. Mas tem, nunca fui.

Quanto à religião, à espiritualidade. Como é que você se situa atualmente, no Paraguai?

A minha situação, eu diria que não é atéia, porque na verdade não frequento nenhuma religião. É e não é, porque estou no Paraguai, ou porque estou no Brasil. Isso já acontecia lá também, já fazia tempo que eu não frequentava nenhuma (igreja). Ir à igreja não vou a nenhuma; vou a casamento, batizado. Mas não estou frequentando nenhuma. Mas não é por estar no Paraguai, isso já estava assim mesmo.

Mas você lá no Brasil, você foi batizada? É católica?

Não, meu pai era evangélico, eu venho de uma família evangélica; católica eu nunca fui.

Então você é evangélica?

É cresci dentro...

E aqui não têm cultos?

Tem também, mas eu não cheguei a conhecer nenhum, porque nunca fui. Já fui numa igreja católica aqui, mas assim, por um trabalho da faculdade, participar de alguma coisa, por isso, por eu estudar em uma universidade católica. Às vezes, a gente tem aula de teologia, tem uns trabalhos extras para fazer, mas não frequento.

E você incentiva algum amigo, parentes a vir para o Paraguai? Em relação a trabalho, amigos, que você percebe que lá estão sem emprego no Brasil? Já indicou já alguém pra vir pra cá?

Eu até já falei com o marido de uma amiga minha, engenheiro agrônomo, que estava passando por uma situação complicada. Eu falei que aqui no Paraguai todos os engenheiros agrônomos, que vieram, que quiseram trabalhar, se deram bem. Todos. É difícil um engenheiro agrônomo desempregado, não tem. Então, até falei pra ele vir, mas ele tinha essa coisa: Vir para o Paraguai, não quero! Já pensou? se ele tivesse vindo, estaria bem melhor do que no Brasil, disso não tenha duvidas, só que ele não quis vir.

Qual a área de trabalho do seu marido?

Ele é formado em administração, em administração de empresas.

Ele atua na área?

Na área comercial, mas também envolve administração, só que ele gosta mais da área comercial. Está envolvido na administração também. Ele é gerente de uma companhia de seguros. Ele gosta de atuar mesmo na área comercial, venda e contato.

Você sabe o que é um brasiguai? Você poderia definir para mim essa palavra?

Um brasiguai, para mim, é um brasileiro que vive no Paraguai. Eu defino assim, também não sei se é ou não é. Acho que o meu marido vai saber melhor do que eu. Mas para mim é um brasileiro que veio e está vivendo no Paraguai, porque assim eles consideram a gente. Também tem filhos de brasileiros que na verdade não são brasiguaios, porque eles nasceram aqui. Então considere que eu sou uma brasiguia, brasileira que vive no Paraguai.

Então você se considera uma brasiguia?

Eu não gosto muito do termo, mas eu acho que sou. Meu sogro brinca muito comigo. Ele fala que eu já sou uma brasiguia. – Não! Ele fala que eu sou uma paraguaia. Não, - eu falo – não, eu sou brasileira, e não quero deixar de ser brasileira. Eu levo assim na brincadeira, mas eu não gosto muito desse termo “brasiguai”, não sei por quê. Eu gosto de ser brasileira, mas eu acho que eu sou uma brasiguia por estar vivendo aqui, eu dependo daqui, eu estudo aqui, eu moro aqui, o sustento sai daqui do Paraguai, então acredito que eu seja uma brasiguia.

Então, agora que a nossa conversa está chegando ao fim, se você pudesse me falar um pouquinho sobre o seu futuro? Quais são os seus planos a curto prazo?

Olha, a curto prazo eu acho que a gente vai ficar pelo Paraguai mesmo. Trabalhar, tentar construir alguma coisa pra voltar para o Brasil. Mas assim digamos, nós temos projeto de construir alguma coisa, mas construir aqui, aqui mesmo, digamos o meu marido quer fazer uma aposentadoria, construir...

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = Saul

* = textos utilizados

ENTREVISTA 2 – ADMINISTRADOR SAUL

Realizada em 09/01/2006; local: residência do entrevistado, Ciudad del Este, Paraguai.

(Saul, masculino, Administrador – Companhia de Seguros. 3º grau completo, casado, zona urbana, chegada em 1998, paraguaio naturalizado)

Em primeiro lugar fale um pouquinho sobre sua vida, sua rotina, enfim, se você trabalha ou estuda aqui no Paraguai.

Bom, eu vim aqui pro Paraguai pra trabalhar, e tem melhores oportunidades aqui... Vim no ano de 98, agora já está completando praticamente 8 anos que eu estou aqui e continuo trabalhando. Não cheguei a estudar aqui no Paraguai, mas aqui tive oportunidade de fazer outros cursos e eu fiquei em função disso. Maior crescimento profissional e aqui no Paraguai o campo é muito bom para isso.

Falando de você que já está aqui há 8 anos, que idade você tem?

Eu agora tenho 35 anos.

E o seu grau de escolaridade?

3º grau.

Casado, solteiro?

Casado.

Tem filhos?

Tenho 2 filhos.

Você é responsável pelo sustento da sua casa?

Sim.

Você mora na zona urbana ou rural?

Zona urbana.

E qual é a sua profissão?

Eu sou administrador, atualmente ocupo o cargo de gerência numa companhia de seguros.

Você está aqui e está trabalhando... Você veio para cá para trabalhar e está se sentindo realizado na sua área profissional?

Sim, me sinto realizado na minha área profissional.

Quando você vivia no Brasil o que você fazia? Qual era o seu estilo de vida? Sua família era de lá, era daqui? Como era sua vida antes de vir pra cá?

A minha filha continua no Brasil. Eu sou o único da família que está aqui no Paraguai, que está no país. Meu estilo de vida era um estilo modesto, era um microempresário, realmente não tinha grandes dificuldades no Brasil.

E quando você quis sair do Brasil pra vir pra cá você falou assim: Vai ser a minha oportunidade, por exemplo? Você pensou – vou experimentar, mas tendo uma visão de que seria positiva?

Sim, eu tinha contato com alguns amigos que estavam aqui, e os negócios estavam bem pra eles, e achei que pudesse ter a mesma sorte.

Nós estamos em janeiro de 2006, você está aqui há oito anos, chegou aqui em 1998?

Em 1998.

E você começou a sua vida profissional em que área? Fazendo o que?

Comecei na área comercial e sigo na área comercial, eu vim como vendedor de uma concessionária da linha Chevrolet de automóveis, eu fazia a área externa como vendedor de campo e assim fui desenvolvendo o meu trabalho, fui aprendendo a trabalhar aqui, aprendendo a profissão. Continuo assim na área de vendas, na área comercial.

Saul, você mora aqui no Paraguai, legalmente. Como está a sua documentação aqui no Paraguai?

Bom, desde o ano de 1996 eu tinha o meu carnê de imigrante, então eu vim pra cá já com o documento legal. Em 1998 quando eu vim morar, já tinha o carnê de imigrante do Paraguai. E agora, em 2005 eu tive a minha carteira de identidade paraguaia. Então eu tenho a identidade paraguaia e por eu ser filho de paraguaio, atualmente, eu sou paraguaio natural e, assim como eu, a minha esposa também tem a carteira de imigrante e estou 100% legal dentro do Paraguai, recolhendo todos os impostos.

Você por acaso pensa em voltar para o Brasil?

Sim, sim nas férias para passear.

Quer dizer que então seria para sempre a sua vida aqui. Ou seria apenas por uns tempos que você continua no Paraguai?

Continuo aqui no Paraguai.

Aqui você quer construir sua vida?

Sim, já estamos fazendo isso.

Como você percebe o Paraguai? O comportamento das pessoas? A cultura, costumes, geografia, política, economia? Todas essas áreas, segurança, saúde? Fale-me um pouquinho de cada uma.

O comportamento das pessoas, por exemplo?

Bom o paraguaio, o povo paraguaio é um povo amistoso, tem uma sensibilidade muito grande, é um povo muito carente em questão de educação, de distribuição de renda, principalmente, e isso faz com que seja um povo muito explorado, é um povo lutador. Eu vejo o Paraguai como um país pequeno e com riquezas naturais muito grandes. Vejo um país que tem possibilidades de melhorar, é só uma questão de um investimento maior na área de educação e, um pouco de câmbio (mudança) de

mentalidade do povo. Para que possa ocorrer a mudança. Mas eu vejo o Paraguai como um país de futuro.

E a cultura do povo paraguaio?

A cultura do povo paraguaio é infelizmente, um povo que apesar de ser amistoso, perde pouco a pouco a identidade, especialmente pelos 35 anos de ditadura. Foi um povo muito oprimido, muito judiado, isso já vem de uma história não tão antiga, que foram as guerras que enfrentou, quase um extermínio da raça, isso fez com que o país perdesse muito da sua identidade, da sua cultura, foi dominado durante algum tempo pelo governo da Tríplice Aliança, logo depois teve mais uma guerra e teve uma abertura de **imigração** muito grande, isso a partir do governo militar, o país foi colonizado pelos estrangeiros, que impuseram sua cultura, a cultura do povo e a colônia brasileira é muito forte, a colônia japonesa, a alemã. Mas isso também, fez pelo lado negativo a identidade do povo, pelo lado positivo o desenvolvimento do país, que se não fosse isso o país seria muito mais atrasado ainda.

E atualmente a política como você a vê?

A política paraguaia, assim com a maioria das políticas sul-americanas, é bastante corrupta. Nós temos acompanhado o noticiário; dia a dia é uma corrupção, uma roubalheira muito, muito desenfreada e pouco investimento na área educacional, na área social, muito desvio de recursos. É uma política viciada, já que foi herdada do governo militar.

Está certo. Agora essa é toda a sua percepção a respeito de Paraguai? Qual é a sua percepção a respeito do Brasil? Como foi o Brasil e como é o Brasil, no seu ponto de vista?

Ah! O Brasil é uma grande nação, ele é o país líder da América do Sul, é um país que tem amplas condições de se tornar uma grande potência, e ele pode e deve dar segurança para os países que são mais pobres. Menores em poder econômico do que ele e o Brasil têm um papel fundamental no que se refere à estabilidade do Paraguai, também em relação à economia e à política. Então eu vejo o Brasil, assim como o Paraguai, um país riquíssimo e que é apenas uma questão política a melhoria em todos os aspectos.

E agora você acha que existem vantagens ou desvantagens entre Brasil e Paraguai? Se você pudesse assim dizer:

Brasil vantagens – Brasil desvantagens

Paraguai vantagens – Paraguai desvantagens.

Isso você me pergunta quanto ao imigrante ou ao cidadão?

Não na sua vida, as vantagens que o Paraguai lhe proporciona e o Brasil proporcionaria ou lhe proporcionou ou proporcionará? Ou assim, o que o Brasil lhe pode oferecer e o que o Paraguai também pode proporcionar? Quais as vantagens?

Bom, o Brasil tem mais condições de me oferecer uma melhor vida social e de educação, de saúde até de segurança. A desvantagem é que já é um país bastante competitivo na área profissional, já está mais avançado, as oportunidades existem, mas já são mais difíceis de alcançar. O Paraguai apesar da deficiência em saúde, educação, o que quer que seja, é um país que me oferece melhor opção em crescimento profissional. Essas eu diria que são as vantagens de um e de outro.

Qual é sua situação no Paraguai? Como é hoje para você, em relação aos seus relacionamentos, a sua família, entretenimento, religião? Como é seu dia-a-dia no Paraguai? O que você recebe e o que você dá em troca ao Paraguai?

Por eu morar numa Tríplice Fronteira, não tenho grandes planos, porque aqui nós somos três países, Ciudad del Este, Foz do Iguaçu, Porto Iguaçu. Temos opções bem variadas de entretenimento, de relacionamento com pessoas, de amizades, de outras culturas. O Brasil sim, oferece mais isso. O Brasil oferece mais, mas no Paraguai também é muito bom. Você tem ótimo relacionamento com as pessoas e é muito bom viver aqui.

Você sabe o que é ser um brasiguai? Pode me definir o termo brasiguai?

Bom o termo brasiguai, foi encontrado logo no início da imigração, da forte imigração brasileira, para o Paraguai. Isso foi no início da década de 1970, final da década de 1960, quando os primeiros imigrantes começaram a colonizar o Alto Paraná e eles à medida que foram tendo seus filhos, recebendo parentes, recebendo outros imigrantes, eles iam perdendo um pouco da identidade. Eles já não eram mais brasileiros, apesar de acontecer, por exemplo, na época de eleição, os brasileiros iam votar no Brasil, mas de uma forma até ilegal, porque como eles não eram residentes no Brasil, já não deveriam mais estar fazendo isso, a princípio eles foram perdendo a identidade e eram pessoas que viviam no Paraguai, tinham suas raízes aqui, já tinham seus filhos, suas terras, a vida toda aqui, mas ainda tinham um pé no Brasil. Então eles não assumiram total identidade do Paraguai e tampouco são brasileiros, eles são os brasiguais.

E você se considera um brasiguai?

Não, hoje eu já me considero um paraguaio. Estou totalmente legal aqui dentro e eu gosto desse país.

Legal, agora me conte um pouquinho sobre o seu futuro, quais os seus planos a curto, a médio e a longo prazo? Curto seria no próximo ano, médio talvez em 5 anos e a longo daqui a 10 anos.

Bem. A curto prazo, o que eu penso é seguir trabalhando no Paraguai. Tenho intenção de fazer uma pós-graduação esse ano, na área de finanças, para poder crescer profissionalmente. Estou fazendo pequenos investimentos na medida do possível, aqui no próprio Paraguai. A nossa moeda, hoje já não está tão forte e, por isso, tenho que pensar bem o que eu vou fazer, no que eu vou investir. Mas, a longo prazo é muito difícil dizer, por que a curto e a médio prazo, seguirei investindo no Paraguai, seguirei trabalhando aqui e o amanhã a Deus pertence!

Só para finalizar. Onde você passaria a sua velhice? Você já tem uma vontade, ou um pensamento. Ou isso não lhe passou pela cabeça ainda?

Em localização geográfica não passa, não tenho ainda pensado nisso, mas provavelmente no Paraguai.

Está bom, espero que você tenha gostado de conversar comigo e eu acho que é só isso. Super obrigado!

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistada = Elisa

* = textos utilizados

ENTREVISTA 3 – DONA DE CASA ELISA

Realizada em 09/01/2006; local: residência da entrevistada, Ciudad del Este, Paraguai.

(Elisa, feminino, dona de casa, Superior completo – casada, zona urbana e rural, proveniente de São Paulo, chegada há 30 anos, documentação legal).

Boa Noite! Queria que você falasse um pouco sobre você. A sua rotina, a sua vida, se você trabalha ou se estuda aqui no Paraguai?

Aqui no Paraguai eu faço... Vamos pensar um nome bem simpático, assim de uma super dama de companhia do meu marido. Então, faz trinta anos que nós estamos no Paraguai, não faz trinta anos que nós dependemos do Paraguai, mas faz trinta anos que nós já estamos aqui. Aí quando deixou de ser só uma brincadeira e passou a ser verdade, você tem que se dedicar. Lógico que não é fácil é um outro país, são outros costumes, as coisas são muito mais precárias. Trinta anos atrás as estradas não existiam, não existia luz, não existia telefone, não existia luz elétrica, não existia, não existia, não existia absolutamente nada e, por outro lado, hoje a gente vê o quanto foi conseguido, é até aquela criança que cresceu bem, aquela menina dos olhos que recebeu alimento, que enfim, que foi desenvolvida e que hoje tem frutos... Aquela coisa gostosa que a gente começa a colher.

Você tem filhos?

Tenho duas filhas que moraram na Foz do Iguaçu, durante um período de oito anos, que foi o começo do desenvolvimento na área de agricultura nossa. Antes existia outras áreas de pecuária, enfim, a fazenda começou de outra maneira e chegou o momento que elas saíram, inclusive do país, foram estudar fora e quando elas regressaram, aí já era faculdade, e aí acabou. Nós optamos pela vida cultural de São Paulo.

Como era a sua vida no Brasil?

A minha vida sempre é boa, não posso reclamar de nada, a minha vida era boa lá, a minha vida é boa aqui, e isso depende de muitas circunstâncias. Mas é importante que a gente saiba fazer com que a vida também seja boa. Então lá, eu fiz uma boa faculdade, trabalhava, vivia bem, super bem, luxo e riqueza e aí casei. Tivemos as meninas e, aí viemos para cá, então vim como companheira de uma ideia, que eu também, lógico, achei que fosse dar certo, então vamos desenvolver, vamos fazer, vamos construir uma outra coisa. Meu marido era um advogado muito bem sucedido, ótimo, muito tranquilo. Já tínhamos propriedades, já tínhamos enfim uma vida legal, aí ele largou tudo, abandonou tudo por um sonho, por uma terra,

por um ideal, no qual se continua investindo até hoje. Lógico, várias realizações aconteceram nesse tempo, muito mais do que desilusões.

Então, hoje praticamente você mora em zona rural ou zona urbana?

Ah! Eu posso me dar ao luxo de viver em todas as zonas. Eu vivo tico-tico no fubá, um pouco aqui, um pouco lá.

Então você já me falou um pouco dos motivos que a trouxeram para o Paraguai. Quando vocês vieram por esse sonho, vocês pretendiam ficar por quanto tempo?

Ah! Era bem pouco tempo, todo ano eu escutava uma frase, que na época muito me alegrava: Que era só mais um ano! Que no fim daquele próximo ano aí nós retornaríamos a nossa vida de antigamente, ou seja, uma vida de São Paulo, uma vida onde o lazer era bom, onde a cultura era bem superior, enfim, onde a vida sócio-econômica é muito disputada, muito boa. E aí as coisas foram mudando e cada ano nós continuávamos aqui, mais afundados aqui, e no fundo, não sei se a palavra seria “apaixonado” exatamente, mas impossível quase de se desvencilhar e se desvincular daqui. Então...

A sua documentação no Paraguai é legal?

Super legal. Tenho toda a documentação necessária. Sou uma pessoa extremamente legalizada, tanto aqui quanto no Brasil.

Você pretende voltar para o Brasil?

Ah! Isso aí só... O futuro só pertence a Deus! A mim infelizmente não (pertence), não consigo mandar no meu dia de amanhã.

Como você percebe o Paraguai? Em relação ao comportamento das pessoas?

Como assim, o Paraguai em relação às pessoas? Aos brasileiros, aos imigrantes, ou aos próprios paraguaios?

Ao povo, aos próprios paraguaios.

Ah! Um país excelente, eles adoram, eles estão na pátria deles, perfeito, para eles muito bom, lógico. Eles tiveram problemas, passaram por dificuldades terríveis, foi um país praticamente dizimado por uma guerra que durou muito tempo, mas eles são patrióticos, eles são felizes. Realmente é um povo feliz, é um povo feliz, eles não se queixam das agruras da vida deles.

Os costumes, a cultura desse povo como é?

Para nós é muito diferente, para eles é lógico: Cultura na vida deles é incompatível com uma realidade de São Paulo, que é uma cidade imensa, industrial, moderna, uma capital, maior cidade da América do Sul. Muito comum, não existe comparação, cada um é um, cada um tem uma realidade.

Como você percebe em relação à segurança e à saúde?

Nunca tive o menor problema com relação à segurança. Talvez seja até muito mais seguro do que uma cidade grande, porque ainda é tudo muito colonial. É uma coisa ainda tranquila. Quando começa chegar à cidade muito próxima do campo, começa aquele problema de desemprego. Enfim esses problemas são os que na verdade acho que geram e fazem com que aconteça aquilo que gera insegurança: assalto, crime, enfim essas barbaridades. É mais uma questão econômica do que cultural. O país, o povo é extremamente calmo, pacífico.

Em relação à assistência médica à saúde?

Ah! Não tem, é uma coisa que depois de ter sido aniquilado (o país). Há trinta anos que eu estou aqui, agora que recentemente que nós temos água, luz, telefone. A internet ainda não chegou, não tem linha baixa, então é tudo muito mais difícil, tudo é muito mais complicado. As estradas ainda são todas sem asfalto, é assim... Foi um país que começou muito tempo depois do que o nosso país. Então ele caminha muito mais devagar, porque ele tem menos tempo, é um país ainda mais infantil.

Em relação à empregabilidade aqui?

Obviamente, as oportunidades são muito maiores, porque é um país novo. Quando o país é mais antigo, como no caso de você encarar uma Europa, você não tem condições de achar, de encontrar emprego nenhum, a não ser uma mão de obra à qual você não se sujeitaria. Aqui não. Aqui, se você tem um pouco mais do que qualquer outra pessoa, uma cultura um pouquinho a mais, se você tem um diplominha a mais, se você tem qualquer coisinha a mais, você é um Deus! Porque você tem alguma coisa, eles ainda não têm! Então é fácil conseguir uma colocação, é fácil você se impor, porque você tem um mínimo de conhecimento a mais do que os outros, os paraguaios.

Como é que você percebe as suas perspectivas em relação a esse país. Essa situação toda que você está comentando? Alguma coisa você já falou...*

É uma coisa que eu acho que tem muito futuro, grandes perspectivas. Dentre as pessoas que vieram pra cá, os imigrantes daqui, talvez, alguns tenham vindo com aquela mentalidade de: "Vou sugar o que eu puder"; mas é uma coisa difícil, porque você acaba tendo os filhos, acabam fazendo vínculos de amizade, vínculos carinhosos... Então você vai ficando... porque também, é óbvio que, quando existe uma rentabilidade, quando você está feliz com aquilo que está conseguindo para você, é bom, não adianta negar o óbvio.

Falando um pouquinho de Brasil, como é que você percebe o Brasil em relação à empregabilidade, em relação à economia e à política?

É. Cresceu bastante e, obviamente, os recém formados encontram muito mais dificuldades porque já existe certo saturamento no mercado, em todas as áreas. Então nas grandes capitais fica cada vez mais difícil. Da mesma maneira que muitos saem, vêm para um Paraguai da vida, se no próprio Brasil eles fossem para um interior de Mato Grosso, para um interior de Goiás, para um interior de Rondônia, também tenho certeza que ia ter possibilidades boas como se encontra aqui. A situação política é diferente, a política do Brasil é diferente da política do Paraguai.

Em relação à economia, o que você percebe de diferença entre esses dois países?

A economia no Paraguai acaba sendo uma economia mais estabilizada, uma coisa muito mais tranquila, mais estável, por ser mais nova, por não ter tantas outras... O Paraguai é um país novo, então as coisas são simples. Você, aqui você conversa com as pessoas, você anda, jamais vai conversar com secretária eletrônica, conversa digital, não tem nada disso. Então qualquer problema que você tiver você olha nos olhos de uma pessoa e você conversa. Olha, se você tiver que fazer uma reclamação, enfim, em qualquer área, na área doméstica, na área profissional, na área de serviço público, de qualquer serviço, você conversa diretamente com alguém, não existe aqui ainda você conversar por telefone e ser atendido por uma

voz eletrônica, então tudo é diferente, não tem nunca comparação, aqui é aqui, lá é lá.

Que você poderia citar de vantagens que o Brasil tem e que são desvantagens no Paraguai? Vantagens que tem no Paraguai que são desvantagens no Brasil? Algumas coisas você já falou.

Já citei quase todas. Fica difícil repeti-las mais que isso. O Brasil por ser já mais antigo, então ele te oferece melhores oportunidades de conforto, turismo de cultura, de lazer. Essas coisas você tem, inclusive existe até um passado maior, se você quiser visitar um museu, vários, você tem. Aqui você não tem, porque não tem, porque está começando agora, o que havia antes foi destruído, o pouco que havia, muito pouco, porque em 1800 não existia muitas coisas, mas enfim... E aqui as vantagens que se encontram exatamente são essas, como é novo se você quiser construir alguma coisa, se você quiser proporcionar alguma coisa, se você quiser criar alguma coisa, vai ter aceitação, você não compete, ainda não tem competitividade.

Você acaba de fazer uma bela definição de país.

Você sabe o que é um brasiguai?

É eu acho que eu sei.

Você poderia definir para mim?

Um brasiguai é aquela pessoa, é o imigrante que veio morar no Paraguai, mas que se sente ainda um brasileiro e que não quer assumir que está morando em um Paraguai. Apesar de comer no prato que come, de beber no copo que bebe, ainda tem aquela coisa de, ah! Mas Paraguai, o Paraguai é um país de terceiro mundo, o Paraguai ainda tem isso e aquilo e aquele outro e, no entanto está vivendo tá vivendo muito bem, mas existe um preconceito contra você vir de um país Brasil, que também não é tanta coisa, mas enfim, é o (preconceito) de você estar num Paraguai.

Você se considera uma brasiguia?

É difícil, é complicado, porque como eu ainda vivo no Brasil, vivo no Paraguai, não me sinto nem um, nem outro, eu sou uma pessoa, acho que, muito maleável, muito flexível, eu tenho facilidade de adaptação. Quando eu estou no Paraguai, obviamente, eu não tenho intenção, nunca de magoar ninguém e de segregar ninguém, de nada. Eu me sinto querida e acabo querendo bem as pessoas, então gosto deles!. Quando eu estou no Brasil, a mesma coisa, então eu acho que se eu tivesse que morar na Índia, no Japão eu também me adaptaria muito bem.

Em relação ao seu futuro, quais são os seus planos a curto prazo?

Hoje se eu pudesse escolher alguma coisa, eu queria morar numa praia bem legal, que não tem nada a ver com a minha realidade de São Paulo, nem com a minha realidade do Paraguai. Óbvio, a minha realidade não depende única e exclusivamente de mim, depende da pessoa com a qual eu vivo e com a qual eu me dou muito bem. Agora dinheiro é dinheiro, não adianta, queira bem ou mal a gente não vive sem ele e o meu dinheiro está aqui, então qual vai ser o meu futuro?

Para os próximos cinco anos, dez anos?

Aqui. Aqui.

Está certo.

E se um dia eu puder escolher, eu quero ir para uma praia. Continuo querendo a praia.

Eu só não perguntei em relação as suas férias: Onde você costuma passar suas férias?

Ah! O mundo é muito grande, as minhas férias não coincidem com as férias normais de ninguém, então onde houver uma condição de um lazer agradável eu vou desfrutá-lo, aqui ou lá, ou pode ser na Europa, nos Estados Unidos, onde eu puder ir eu vou, mas aqui também. Já tive férias aqui, conheci um lugar que eu me encantei o famoso “Chaco”, que eu achava que fosse o fim do mundo, mais muito além do fim do mundo! E foi para mim uma surpresa extremamente agradável. É um lugar que é o fim do mundo, mas a civilização é fantástica! É uma cidade colonizada por Menonitas e de lá eles fizeram uma jóia, uma preciosidade. Vale a pena conhecer. Foram umas férias muito gratificantes, aqui no Paraguai.

Certo. Muito obrigada!

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = MIGUEL

* = textos utilizados

ENTREVISTA 4 – MAQUINISTA MIGUEL

Realizada em 10/01/2006; local: residência do fazendeiro, Ciudad del Este, Paraguai.

(MIGUEL, masculino, maquinista, casado, zona rural, católico, proveniente de Jovinópolis – PR, chegada com 11 anos, documentação ilegal)

Vamos começar? Vamos fazer a primeira etapa da nossa entrevista.

O que a gente gostaria que você realmente falasse: Da sua rotina, da sua vida.

Se você trabalha, se estuda aqui no Paraguai.

Aqui é uma região que se chama Alto Paraná não é isso?

Alto Paraná, é isso mesmo. Aqui nós só trabalhamos (né), porque estudar já venceu minha época. É continuar trabalhando.

Você é casado?

Sou casado.

Possui Filhos?

Não, não tenho nenhum.

Você é responsável pelo sustento da casa.

Sim.

Você mora em zona rural ou urbana?

Zona rural.

E qual é sua profissão? Em que você trabalha?

Maquinista. Levo trator, carreteira, qualquer caminhão. Qualquer coisa que nós devemos fazer.

Você atua numa fazenda na área de soja?

É de soja, isso mesmo. Soja, milho, trigo. Estamos aqui plantando.

Você trabalha com o trator?

Sim, com o trator.

Como era a sua vida no Brasil? O que você fazia lá?

No Brasil, eu estudava, ajudava sempre meu pai na roça. Às vezes, ajudava ele também, mas era pouco, porque eu era fraco e ainda tinha 11 anos.

Você saiu de lá aos 11 anos de qual cidade?

De Jovinópolis.

De que estado?

Estado do Paraná.

Por que você veio ao Paraguai?

Nós viemos à procura de uma vida melhor. Porque lá também não era fácil pra nós e viemos para cá.

E como você veio pra cá? Com o seu pai... Você tinha 11 anos...

É tinha 11 anos.

E atualmente você tem a documentação legal daqui?

Daqui não, não tenho. Não! Nessa parte estou ilegal, só que até hoje nunca me incomodaram.

Você pretende voltar ao Brasil?

Sim eu queria voltar.

Como você percebe o Paraguai em relação à cultura do povo paraguaio?

Os argumentos (deles) são muito bons, eles não são racistas, esse tipo de coisa acho que não tem com ele(paraguaios).

Em relação à segurança?

Ah! A segurança é um pouco fraca, né. Acho que não é como no Brasil. No Brasil a segurança que nós temos, eu acho que é mais forte: tipo policiamento, acho que é melhor né?

Em relação à saúde e assistência governamental?

Eu acho que a saúde lá também é melhor do que a daqui.

Em relação à perspectiva de emprego aqui no Paraguai.

Eu acho que emprego seria mais fácil aqui.

Tem mais facilidades aqui?

Eu acho que sim.

Como você percebe o Brasil? Em termos de segurança, de saúde, você já falou em relação à perspectiva de vida lá? Se você voltasse para Brasil um dia...

É eu vim muito novo de lá. Eu teria de rever pra eu (mim) saber bem como eu ia fazer lá.

Quais as vantagens que você consegue perceber aqui no Paraguai e não tem no Brasil?

Óia, pelo que a gente escuta o emprego lá é difícil (né), por isso que a maioria...

Como você vê a situação do Paraguai hoje, como ela é para você? Como é que você se sente em relação à família? Você está bem adaptado?

Eu me sinto muito bem aqui.

Relacionamentos, amigos...

É muito bem também, tenho muitos amigos não tenho inimigos.

Em termos de lazer, passeios, divertimentos?

É bom também, a gente se diverte muito também.

Em relação à religião.

Religião, ah! A religião, religião católica, eu estou seguindo ela desde novo (né). Então eu acho que vou seguir até o final.

Miguel, você já incentivou algum amigo ou parente, para vir ao Paraguai para trabalhar ou viver aqui?

Não, nunca incentivei.

Você sabe o que é um brasiguiaio?

Não, eu não estou muito a par disso não. Brasiguiaio deveria ser um brasileiro que veio de lá, mas...

Aqui vocês não são chamados de brasiguaios?

Não! Não! Não...

Não? Você não se considera então um brasiguiaio?

Não, eu acho que não, porque é tudo igual, acho que no modo de...

Assim como o nosso bate papo está acabando, pensando um pouquinho em termos de futuro, o que você planeja. Quais os seus planos para daqui um ano? O que você pretende fazer?

Daqui um ano? É daqui um ano eu vou estar (tá) aqui ainda trabalhando.

Nos próximos cinco anos, você prevê alguma mudança?

Ah! Tudo depende do que correr durante esse tempo. Acho que não, a gente vai mudando em termos, em relação ao trabalho.

E nos próximos dez anos? Você já pensou algum dia?

Não, ainda não. Daqui uns dez anos quem sabe já estou no Brasil.

Você pretende um dia voltar para o Brasil?

Eu quero voltar, mas não vai ser tão cedo.

Está bom Miguel. Muito obrigada!

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = ZICA

* = textos utilizados

ENTREVISTA 5 – BOIADEIRO ZICA

Realizada em 10/01/2006, local: residência do entrevistado, Ciudad del Este, Paraguai.

(Zica, masculino, boiaheiro, casado, zona rural, católico, chegada com 8 ou 9 anos - 1973, documentação ilegal)

Você é casado Zica?

Eu sou casado, eu estava juntado há 14 anos e aí casamos em julho.

E tem filhos?

Tenho cinco filhos.

Seus filhos já são paraguaios ou nasceram no Brasil?

Todos eles nasceram no Brasil. Nasceram (nasceu) lá e registrei todos lá mesmo, eu não tenho nenhum registrado aqui. Eu quero registrar dois ainda aqui. As meninas eu quero registrar aqui. Os meninos (piás) não, porque os meninos (piás) é mais complicado tem que tirar o exército, essas coisas, e as meninas não têm essa complicação.

Você trabalha na zona rural?

É.

Você é o sustento da casa?

Sou.

Como era a sua vida no Brasil?

Do Brasil até que eu não posso falar muito, porque eu vim de lá com nove ou 10 anos.

Então, foram seus pais que o trouxeram?

Eu vim com os pais e, quando nós entramos aqui era difícil. Era tudo mato. Não tinha estudo, por isso que eu não estudei, não tenho estudo, gostaria muito de ter estudado, mas não deu. O pai e a mãe, na época que nós entramos aqui, era tudo mata, foi sofrido. Você tinha que carregar a mercadoria pra comer 14 km (e carregar) nas costas, não era fácil. Mas agora, de um tempo pra cá foi mudando, mudando, está mais fácil.

É como o Mario estava dizendo, chegou a luz e chegou a água.

Chegou tudo, de primeiro não, era tudo no escuro, no escuro mesmo, não era fácil.

Porque seus pais vieram pra cá?

Eles vieram em uma época que meu pai trabalhava e trazia mercadoria da Argentina. Daí começou a enfraquecer, enfraquecer e tinha gente, (que era o compadre dele), que morava aqui e falou: Lá é bom, você vai fazer a vida, vende o que você tem aqui e vai pra lá. Daí o pai vendeu e viemos, e daí ele não pode comprar a terra. O dinheiro que ele trouxe dava pra comprar, mas daí começou a mexer com doença. Tudo era mato, nós todos pequenos, nós éramos (era) oito crianças; o maior tinha 12 anos, daí um irmão meu adoeceu, ficou aqui oito dias, não tinha recurso pra levar 60 km de estrada de chão, embaixo de chuva e, quando ele conseguiu levar, chegou lá internou na Santa Casa, mas faleceu. Internou às 5 horas e às 11 da noite faleceu. Era difícil, depois uma outra irmã minha também foi picada de cobra, gastou bastante, um irmão meu, o mais velho, que mora no Paranambu teve também problema de amarelão, teve que levar para Argentina. Gastou tudo e ele não conseguiu comprar a terra. Era uma época bem difícil aqui quando nós entramos. O modo de viver hoje é muito melhor! É outra vida!

Então você está aqui há 30 anos?

Quase 30 anos, nós entramos aqui em 1973 e meu irmão fala que é antes. De 1973 para 2006 estaria com 33 (35) anos.

Quantos filhos você tem?

Cinco: duas meninas e três piás.

Como você sente o Paraguai hoje, em relação a sua vida aqui, seu trabalho... perspectivas para seus filhos...

Eu acho que vai ser melhor do que na época em que nós entramos, porque agora já estão todos eles. Os mais velhos já estão estudando, eu acho bom o estudo deles aqui, eu acho que vai ter algum futuro.

Eles estão estudando agronomia? O que eles estudam?

Não! Eles estão... Ainda são pequenos. O meu menino mais velho está na terceira série, um na quinta, outro na quarta e, outro na segunda.

E como é que você percebe o Brasil? Que imagem você tem?

Eu sempre tive vontade de voltar para o (pro) Brasil. Sempre tive vontade. Eu gosto do Brasil, a política agora que está bem complicada. A do Lula a gente pensava que ia ser (mais) melhor, esperamos que possa melhorar, eu não quero falar sobre isso daí, mas eu tenho vontade de ir para o (pro) Brasil.

Em relação à segurança como você sente a diferença entre Paraguai e Brasil?

Os dois são bem complicados, tanto que aqui no Paraguai, acho que tem quase mais segurança que no Brasil. Eu desconfio, eu penso que tem mais. Agora, de pouco tempo pra cá que começou acontecer uns casos: dois vizinhos que a própria polícia estava metida nos rolos, então, só que isso, no Brasil também a gente escuta. Há mais tempo que aqui.

Aqui começou agora?

É. Não é de tanto tempo.

A corrupção policial você quer dizer?

É. A lei aqui no começo era mais dura, agora ela começou a dar uma afrouxadinha. Mas eu acho que a lei daqui é mais segura que lá. Eu mesmo estou aqui há 35 anos. Eu nunca fiz documento do Paraguai e, eu ando por todo lado. Eu vou pro

Brasil, volto, quando dependo de doença, a gente (nóis) vai mais pro Brasil do que aqui.

Eu ia lhe perguntar se você está legalmente ou ilegal no Paraguai. Você já respondeu e estaria ilegal?

Eu estaria ilegal.

E ninguém o incomodou?

Até agora ninguém me incomodou, ninguém me prendeu por causa disso. Sempre converso com eles e sempre aceitam a minha opinião. Eles aceitam a opinião das pessoas, tem muitos que não, às vezes vai lá e não sabe se expressar com a própria autoridade, a autoridade é ruim, mas eu acho que não é ruim.

Como é hoje você em relação à religião? Você pratica alguma religião? Em relação ao lazer aqui no Paraguai?

Pratico a religião católica, sou da religião católica, já fiz convívio e tudo, eu acho que é bom, eu acho que cada um tem que ter uma religião, seja lá qual for, que siga a religião dele.

E para passear? Quando você sai de férias? Onde você passeia?

Ah! Eu mesmo, sinceramente, no serviço que eu trabalho aqui, dá muito poucas férias. Meu serviço é mexer com gado, porco, qualquer criação de animal, então você tem muito poucas férias, daí eu sempre fiquei mais em casa. Aqui a gente (nós) se diverte, vem gente aqui na fazenda, não vou citar o nome. Mas é divertido aqui! Eu gosto. É o lugar de que eu mais gostei, do tempo que eu morei. Sobre lazer.

E você sabe o que é um brasiguai?

Um brasiguai é o que vem do Brasil e fica aqui sem documento, fica legalizado aqui dentro, esse é o brasiguai, na minha opinião.

Está certo! E você se considera um brasiguai?

Eu me considero porque eu estou aqui há tanto tempo, então eu me considero um brasiguai, apesar de que eu não me legalizar, mas eu me considero brasiguai.

Aqui vocês recebem em dólares ou em guarani? Como é que vocês recebem aqui? Em real?

Aqui, onde eu estou (to) é em guarani.

O que você tem em relação aos hábitos do pessoal que trabalha aqui e que são paraguaios e, aos hábitos dos brasileiros que vieram pra cá.

Você acha que são diferentes ou acabam se confundindo como: a comida e a alimentação, o linguajar.

A alimentação é um pouco diferente dos brasileiros com a dos paraguaios legítimos. Eu já trabalhei com os paraguaios, por 12 anos, então eu gosto. Mas têm muitos (brasileiros), dependendo do lugar que trabalham, não vão se adaptar. Não se adapta o brasileiro vindo de lá. Se adaptar com a comida quando trabalha com o paraguaio (patrão) é difícil.

É diferente?

É diferente.

Mesmo esse brasileiro que vem do Rio Grande do Sul, Paraná, é diferente?

É diferente. A comida do paraguaio com a do brasileiro. É diferente. A deles é mais sopa, carne, essas coisas. A do brasileiro é mais aquela comida mais enxuta.

É arroz e feijão?

É arroz, feijão. Então, eles mais fazem caldo, sopa. Eles cozinham uns ossos lá, mandioca, carne também, então fazem aquele sopão. E o brasileiro é difícil se adaptar com isso.

Certo, Zica! Era isso que a gente queria, muito obrigada por ter nos ajudado!

Às ordens, qualquer coisa que precisar da gente... Não sei se me sai bem.

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = Celso

* = textos utilizados

ENTREVISTA 6 – ANALISTA DE GRÃOS CELSO

Realizada em 11/01/2006, local: escritório do entrevistado, Cedral, Paraguai.
(Celso, masculino, analista de grão, 3º ano de escola, casado, zona urbana, proveniente de Altamira – PR, chegada em 1979, documentação legal)

Em primeiro lugar, Celso eu queria que você falasse um pouco sobre sua vida.

Há quanto tempo, Celso você está aqui no Paraguai?

Há vinte e sete anos.

E quantos anos você tem?

Eu estou com 38 agora.

Ah! Então você veio do Brasil de que cidade?

Eu vim de Altamira no Paraná.

Ah! Você veio do Paraná, Altamira. Você veio com seus pais?

Sim, eu vim com os meus pais.

Criança? Quando você saiu do Brasil. Eu tenho curiosidade em saber, quando você saiu do Brasil você tinha até quanto de escolaridade. Você fez o primário?

Eu tinha o 2º ano de escola.

E depois você veio para cá e estudou?

Estudei. Eu estudei o 3º ano brasileiro, que naquela época se falava o 3º ano de escola e, depois quando fomos voltar à escola, o espanhol era obrigatório, eu voltei tudo no começo de novo. Então naquele tempo se fosse pra fazer dois anos por um, eu faria sossegado, mas como tinha que ser no ritmo das outras crianças, que eram mais atrasadas, então eu tive que seguir eles. Aí eu voltei para (pro) começo de novo.

E aí, era aqui no Paraguai que você estudava?

Isso.

Aqui no Cedral mesmo?

Não, na colônia Goianista, do Juliano.

Hum...

Era retirado.

E ai quantos anos você fez de escola?

Eu fiz quatro anos, quatro anos de escola.

Você teve noções de guarani também ou só castelhano?

Naquele tempo era só castelhano - espanhol, era obrigado fazer o espanhol.

Afinal de contas você estava na terra deles né?

Só que como tinha também os paraguaizinhos, os garotos paraguaios, surgiam muitas coisas em guarani que a gente também aprendia (né). Aprendi a falar.

Você tem filhos?

Quatro

E você mora na zona rural ou urbana?

Agora é urbana.

Por quê? Você morava na zona rural antes?

Antes eu morava na zona rural

Onde?

Aqui no Cedral mesmo.

Aqui no Cedral, você morou quantos anos?

Aqui no Cedral, vamos voltar para (pro) começo, na colônia do Juliano moramos quatro anos lá, depois até 2000 moramos aqui no Cedral mesmo, mas na zona rural. Agora estou morando em Foz.

E você mudou-se para Foz por quê?

O que mais nos levou daqui pra Foz foi problema de saúde. Como eu comentei com o Dr. Wagner, o pai ficou doente e, as meninas precisavam também de fisioterapia. Então juntaram dois fatores bem complicados, que empurraram a gente... Aqui é bem difícil, não é?

Difícil como? Precário. Difícil, longe. Difícil em que sentido?

Sentido que aqui não tinha praticamente médico. Tem médico, mas é tudo pago e naquele tempo a gente não poderia estar pagando e segundo, meu pai é de idade. Nessa estrada que é de chão, com aquele movimento todo, ele ia acabar morrendo no meio da estrada, como o médico mesmo disse. Então, tinha que mudar pra Foz do Iguaçu. Aquela fila lá (na ponte da Amizade) também é insuportável pra cruzar. O médico falou: - Traga o seu pai pra cá, que ele vai acabar morrendo nessa fila.

Que fila?

Fila da Ponte da Amizade, né?. A Ponte da Amizade - aquilo mata qualquer um aquela fila. Então acabou passamos a morar lá. Então em vez do meu pai e a minha menina que é doente ficar nesse trajeto fico eu, que estou com saúde. Eu faço esse trajeto, pra ir e visitar minha família.

Então você trabalha aqui no Paraguai? Você tem documentação paraguaia?

Tenho.

Qual é a sua documentação aqui? É correta, você tem tudo?

Tudo certinho. Começa pela imigração que é obrigatória fazer, aí eles pedem a cédula identidade, que é um documento que tem que se fazer. Eles obrigam, é um

documento obrigatório fazer também. Fiz também, por um tempo, eu fiz o título de eleitor também, no caso de votar. Tenho que ver com eles se ainda está valendo. Mas tenho ele e, tenho o retorno de imigrante, agora estão exigindo este retorno. Tenho esse retorno. Tenho carteira de motorista. Quer dizer pelo menos tudo o que pedem pra gente estou tentando fazer.

Qual é a sua profissão no Paraguai?

Hoje eu desenvolvo a profissão de analista de grãos, soja, milho, trigo.

Celso você lembra como era a sua vida no Brasil, já que você veio muito pequeno pra cá? Como era?

A gente morava na colônia, no sítio, era gostoso. A gente tinha gado, tinha uma roça, a gente tinha tudo. Mantimento tirava da colônia, tudo legal. Muito bom lá! Só que depois foram nos cercando. A gente se mudou de lá também, porque os fazendeiros foram comprando a terra e, nós fomos ficando presos no meio daqueles fazendeiros e não tivemos como ficar.

E aí quando vocês vieram então para o Paraguai, foi por qual razão?

Primeiro, o meu irmão mais velho, que naquele tempo tinha 18/19 anos, tinha um amigo aqui no Paraguai. Na verdade a gente ia também pra Rondônia, mas como o meu irmão vinha visitar os amigos aqui, no Paraguai, então pediram para que o pai também viesse ver, e o pai ia gostar.

Gostaram demais aqui das terras e o meu pai se empolgou, veio ver as terras e realmente era terra boa. A terra é boa, meu pai veio gostou, vendeu o sítio lá e investiu aqui na terra. Comprou esse pedaço de terra um pouco maior (mais grande). A gente tinha 10 alqueires lá, compramos 15 alqueires aqui. Como a família era rapaziada o meu pai falou então: - Dá certo esse coreto, vamos tentar!

E aí todos os rapazes começaram a trabalhar?

Todos.

Todos os seus irmãos moram aqui no Paraguai?

Não. Hoje só está aqui um irmão, os outros já voltaram pro Brasil.

Então me conta uma coisa: Como você percebe o Paraguai? Como são as pessoas? O que você acha da cultura, dos costumes, da política, da economia. Assim, como é o Paraguai pra você na sua vida? Enfim, como você vê o Paraguai?

Eu vejo o Paraguai de uma forma assim... Que a gente torce pra entrar uma pessoa, no caso um político, de faça política séria, que dê a chance (ao Paraguai) de virar um ótimo país. Ainda está faltando essa política séria no Paraguai. Não está sendo um país legal, ainda por causa disso. A partir do momento que entrar um político que pensar mais no país deles (porque os políticos não estão pensando no país deles) e quando pensar no país deles tenho certeza que vai ser um ótimo país. Num bom tempo pra frente vai ser um bom país.

Como são as pessoas? Como eles o tratam? Como você sentiu quando você veio pra cá? Como você foi recebido, a sua vivência? Como foi com os outros paraguaios? Qual a receptividade do Paraguai para com você?

Eu diria que foi boa a recepção que eles tiveram conosco (com nós). É claro que sempre tem aquele pé atrás, aquela cisma, a pessoa estranha com a outra. Não precisa ser só com o paraguaio, até mesmo com o brasileiro quando uma pessoa estranha. Mas foi bom porque a gente lembra, quando a gente morava em baixo.

Tinha muito mosquito e, chegam àqueles caras do mosquito da dengue, contra aqueles mosquitos. Todos com cisma da gente e a gente com cisma deles. Mas aquilo lá, pra mim, foi um anjo sabe, que veio pra acabar com os mosquitos e a gente poder dormir a noite toda, foi legal. É claro que existem alguns que ainda são meios (racistas), como eu vou dizer pra senhora: - Como se diz, essas pessoas racistas que existem, isso existe mesmo! Mas não é por causa de um, que a gente vai condenar todos, não! Tem muita gente boa, que merece melhoria, para o país deles, porque essas pessoas são muito boas.

E o que você acha, da segurança, da economia, da saúde, da empregabilidade? No Paraguai, como você vê nessas áreas?

É resumir aquela fala dos políticos, quase a mesma coisa a partir do momento que acho que entrar um político bom e pensar no país deles. Vai melhorar muitas coisas. Parte do que a senhora está perguntando - vai melhorar bastante porque por enquanto eles estão judiando muito! Estão (Tão) pensando no bolso deles, eu acho que vai melhorar muito, na hora que entrar um (político) sério que pensar no país deles!

E o Brasil como você vê?

O Brasil é, como diz a maioria do povo, não só brasileiro, mas como o mundo diz, é um diamante grandão e bonito. Todo mundo gosta dele! Todo mundo quer ir pra lá. Eu acho que o Brasil é assim, então eu pretendo ir pro Brasil! Sim.

Se você pudesse dizer... Assim quais as vantagens que você sente entre o Brasil e o Paraguai? Quais seriam as vantagens de você estar no Brasil e quais seriam as vantagens de você estar no Paraguai?

Hoje, para mim, a vantagem de eu estar no Paraguai, resumindo, por causa da aquela parte do estudo, né? Por isso, se for estar no Brasil, qualquer servicinho ia exigir muito estudo de mim e, eu não tenho muito estudo. Então, aqui já começa que você tem mais chance de achar um emprego melhor, ganhar um salário até razoável e lá tem muita gente estudada. Estão lá competindo com os empreguinhas que aparecem.

Muito bom! Muito boa essa sua resposta. E no Paraguai, seu relacionamento com a família, entretenimento, lazer, religião: O que o Paraguai lhe oferece? Como é o seu lazer, como é a sua religião, como é a sua família, como é a economia Paraguaia na sua vida? Como são essas coisas no Paraguai. E como país, como se encaixa em você?

Ah! Eu sei lá, religião sim, a religião são muito religiosos levam a sério, são dedicados com a religião deles, acho que a família pra eu (mim) falar alguma coisa não entendi bem como eu podia dar essa resposta.

Como você acha a família no Paraguai; É uma família unida? Eles são extremamente familiares ou é uma coisa mais largada? Eles se preocupam muito?

Primeiro a gente tem morado perto de uma família a gente procurou seguir bem perto, o vizinho. (modelo) Eles se preocupam muito com a família, a educação, o filho tem que respeitar o pai, uma coisa que eu gosto muito daqui. Até no colégio isso acontece, o filho tem que respeitar ao pai, tem que obedecer e, na escola é obrigado a obedecer ao professor, é um ponto muito importante. Eu acho que aqui, no Paraguai, nós temos nosso amor. É isso aí, porque no Brasil, o professor não tem voz ativa com os alunos, os alunos deitam e rolam com a professora. A madrinha da minha esposa é uma professora e ela reclamou isso pra nós. Ela não

tem o direito de repreender um aluno, (dentro da escola), que ele vai denunciá-la e, tudo vai contra ela sozinha. Aqui não! Aqui o professor tem o direito de educar. A disciplina aqui é muito legal, muito boa, ótima, a disciplina é boa.

Celso, você sabe o que é um brasiguai?

Eu não entendo muito, mas eu acho que eu sou isso aí? Eu já sou uma coisinha dessa.

Então você se considera um brasiguai? E o que é isso brasiguai?

Um brasiguai eu acho que pelo menos o que eu entendo, não sei ao certo, não sou muito bom. Eu estou (tô) aqui, trabalho aqui e, ao mesmo tempo eu estou no Brasil. Então eu convivo um pouco com o paraguaio e dependo um pouco do Brasil. Então não posso dizer que eu sou só paraguaio e nem que eu sou só brasileiro, né?

Quer dizer que você é tico-tico no fubá? Um pouquinho aqui, um pouquinho lá.

Sim, um pouquinho aqui um pouquinho lá.

Celso, agora conta pra mim uma coisa, sobre o seu futuro. Como você o vê a curto prazo, a médio prazo e a longo prazo? Quer dizer assim, nos próximos dois anos, cinco anos e depois de 10 anos. Em relação ao que você vê no Paraguai?

Ah! Eu não sei não, não pensei muito nisso... Não sei pra frente não, mas a gente sempre espera que as coisas melhorem, que a gente tenha uma qualidade um pouco melhor aí pra frente, né? O que eu acho é que o sonho de todo mundo que melhore. Como eu disse antes, a partir do momento que o país, o Paraguai, começar a pensar mais no país deles, eu acho que vai ter uma grande chance de melhoria aqui dentro, não só pra brasiguaios e aos outros.

É isso aí Celso! Gostei muito que você me contasse um pouquinho de você em relação ao Paraguai. Muito obrigada!

De nada.

Entrevistadora = Lélia Zambrano

Entrevistado = Mario

* = textos utilizados

ENTREVISTA 7 – ADVOGADO, AGRICULTOR, EMPRESÁRIO MARIO

Realizada em 09/01/2006; local: no carro do entrevistado a caminho da fazenda, de Ciudad del Este até o Rio Paraná, Paraguai.

(Mario, masculino, agricultor, Superior Completo - advogado, casado, zona urbana-rural, proveniente de São Paulo, desde 1975, documentação legal)

Em primeiro lugar fale um pouco sobre você, sua rotina, se você trabalha ou estuda aqui no Paraguai?

Eu trabalho no Paraguai. Estou no Paraguai há muito tempo, cheguei aqui no ano de 1975. Primeiramente nesta época eu trabalhava também em São Paulo. Fiquei com essa propriedade agrícola de 1975 até o ano de 1990, eu ainda trabalhava em São Paulo. Em 1990 eu mudei definitivamente para cá. Então eu estou aqui, somando as duas épocas, quase 31 anos. Nosso ramo aqui é agrícola, primeiro nós trabalhamos com hortelã, depois passamos para pecuária, depois viemos para soja e milho. Hoje nós plantamos, soja, milho e trigo - é a nossa atividade. Sendo que a soja representa quase 90% do nosso movimento.

Você é casado?

Sim, sou casado. Minhas filhas já são grandes, já nasceram depois dessa época que nós estávamos aqui. Tem documentação Paraguaia.

Você mora em zona rural ou urbana?

Moro em zona rural. Moro em zona rural a maior parte do tempo, e também tenho um apartamento em Ciudad del Este, que esporadicamente eu uso, mas a maior parte do meu tempo é na zona rural.

Você é um fazendeiro ou só pecuarista?

Não, quase 100% agricultor, a pecuária nossa é irrelevante. Nós estamos em uma região onde é quase essencialmente agrícola, não é uma região muito propícia a pecuária, são poucos os pecuaristas aqui na região, muito poucos.

Como era a sua vida no Brasil? O que você fazia?

Era completamente diferente. Eu advogava. Eu trabalhava em São Paulo, na capital, e era advogado. Não tinha absolutamente nada a ver com isso daqui, foi depois que eu tive um pouco de condição vim, comecei pequeno e, ai tudo foi ajudando, tudo foi dando certo, até ficamos um pouco maior.

Porque você veio realmente para o Paraguai? A busca de que?

Ah! Daí, eu sempre gostei da vida no campo. Era um ideal meu a vida no campo. Daí foi uma coincidência, não foi uma opção minha, foi uma opção já da época do meu pai. Meu pai que começou e que comprou isso aqui da primeira vez e, logo em

seguida ele não quis continuar, e eu continuei, porque era um lugar que dava condição de trabalhar, desde 1975 pra cá, nós tivemos uma certa estabilidade econômica. As terras eram muito boas, de primeira qualidade, então nós fomos ficando, foi dando certo e quando eu vi, eu já tava. Já tinha crescido um tanto aqui e, no Brasil era uma época de inflação muito grande. Os negócios não eram como aqui, tudo era mais estável, mais sossegado, e aí eu optei largar lá e vir embora para cá. Foi no ano de 1990, mais ou menos, aí eu larguei tudo lá e vim embora.

Como que você percebe o Paraguai? Em termos de cultura, de estudo, na política e na economia? *

O Paraguai é um país economicamente estável, é um país que para quem trabalha, pra quem quiser trabalhar, fica mais fácil aqui que em outros lugares. É um país que o imposto é bem menor que em todos os outros lugares do mundo. Quanto à política é a mesma, desde que eu estou aqui. Primeiro era uma ditadura, com o Strossner, o partido colorado dominante, o partido colorado domina até hoje, não teve grandes mudanças

Existe, de fato existe, por parte dos paraguaios uma preocupação em cultura para esse povo. Há escola em qualquer lugar, na medida da economia deles. É um país pobre, mas eles não deixam de dar educação. Existe um pouco de recurso na parte médica, tudo muito limitado, como no Brasil, que é (também) tudo muito limitado, as escolas públicas são fracas! Tudo que depender de saúde pública é fraca! Mas, os impostos são muito menores, então, é mais fácil para você, pois sobra recurso pra você pagar um particular aqui, que é um pouquinho melhor. A parte da política, da época que eu estou aqui até hoje, não mudou grande coisa. Houve uma mudança com a caída do presidente Strossner, mas aí vieram as eleições e continuou nisso aí...

Como você percebe o Brasil atualmente?

Eu percebo pela televisão e, na televisão mostra a corrupção, os impostos terríveis, custo de vida altíssimo, mais complicado, mais difícil do que aqui. Eu acho aqui mais fácil, apesar de que aqui também há corrupção. Mas no Brasil é bem maior a corrupção, tem que ser bem maior também.

Em relação a sua atividade, o que você sente de vantagem e desvantagem em relação Brasil e Paraguai? O que você percebe que lá tem vantagens?

O Brasil tem uma vantagem de ter o mar, nós não temos o mar. Então nós temos um custo de exportação, porque o nosso produto, na parte agrícola, é todo exportado, do Brasil também grande parte é exportado. Na parte agrícola, nós dependemos do Brasil nessa parte.

Para exportar soja?

Para exportar soja, exportar milho, exportar trigo, exportar carne, muitas vezes o corredor é o Brasil. A parte de corredor, não que o Brasil seja o comprador, mais nós precisamos usar um porto. Esse último governo paranaense causou dificuldades, não só ao Paraguai, como ao Mato Grosso, como ao Centro-oeste, como todos aqueles que usavam o porto de Paranaguá. Isso deixa o custo um pouco elevado. Elevou bastante o custo pra nós aqui, de exportação, por outro lado a legislação paraguaia permite a importação de insumos genéricos, então isso custa 50% o valor do produto brasileiro. Nós pagamos aqui todos os herbicidas, fungicidas muito mais barato que no Brasil. Aí você tem essa grande compensação,

temos a nossa qualidade da terra que é melhor, que em grande parte do Brasil e, temos essa vantagem, com custo bem menor.

Como você vê a situação atual do Paraguai? Perspectiva para o futuro?

Vejo igual ela sempre foi, não vejo grandes modificações. As modificações aqui acontecem muito devagar, não vejo piora e grandes melhoras, também, estão crescendo, o agricultor brasileiro vem em massa pra cá, hoje os filhos dos agricultores brasileiros que já são paraguaios, são muitos e, estão desenvolvendo mais terras. Estão abrindo mais a fronteira agrícola. Aqui cresceu muito. É a mesma meta que nós tivemos desde o começo que eu estou aqui.

Você sabe o que é um brasiguai?

Brasiguai? Somos nós! Os imigrantes. Eu já vi três gerações aqui, já estamos na terceira geração. Nós os primeiros - somos os brasiguaios - agora essa (geração) nascida aqui já está formando, mais um pouco, irá terminar os brasiguaios, já vai virar tudo paraguaio.

Você se considera um brasiguai?

Sim, perfeitamente, brasiguai.

Por quê?

Porque é uma denominação que foi dada a nós! Nos foi dada essa denominação - brasileiros que vieram para o Paraguai.

Você já está legalmente no Paraguai?

Sim estou legalmente, desce a minha chegada aqui, que eu estou legal. Eu tenho a minha legalização que é de 1975.

Fale-me um pouco da parte de lazer, entretenimento que você tem aqui no Paraguai?

Sim, temos nosso lazer, fazemos nossas festas, tem muito brasileiro. Juntamos um dia na casa de um, um dia na casa de outro. Antigamente eu gostava de pescar, hoje não gosto mais, tem o rio pertinho. O clima no verão é propício às festas. O inverno é mais rigoroso, no inverno todo mundo fica em casa, mas, como no Brasil, como era nossa vida no Brasil.

Como você vê a sua perspectiva do Paraguai para os próximos dois anos?

Ah! Para os próximos dois anos, a mesma coisa de sempre, sempre plantando, sem nenhuma modificação nos próximos dois anos. O que nós fizemos até hoje vamos continuar.

Nos próximos cinco anos?

Nos próximos cinco anos a perspectiva é de um dia, não sei se em cinco, se em oito ou em 10 anos, mas um dia eu reduzir o meu ritmo de trabalho. Aos poucos ir deixando para alguém ficar no meu lugar. Sair do Paraguai para trabalhar em outro lugar eu não vou! Pretendo continuar, na parte de trabalho, na parte de ganhar dinheiro eu nunca mais saio daqui!

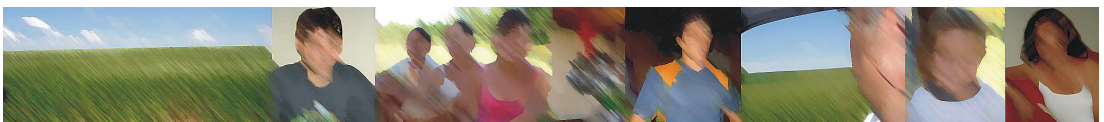
Você pretende um dia voltar para o Brasil?

Pode ser. Pode ser, na velhice, pode ser questão de saúde, só com uma idade mais avançada e se a saúde quiser ir pra lá mais perto de médicos. Essas coisas que a zona rural não oferece. Ciudad del Este não oferece. Foz do Iguaçu não

oferece uma assistência médica adequada, então seria minha única opção, era a única opção, daí seria São Paulo e muito mais pra frente, na velhice pode ser.

Muito obrigada!

Não seja por isso. Sempre às ordens.



Anexos



ANEXO B – Mapa *mundi* dos blocos transnacionais



- Associação Latino-Americana de Integração - ALADI
- Acordo Comercial sobre Relações Econômicas entre Austrália e Nova Zelândia - ANZCERTA
- Fórum Econômico da Ásia e do Pacífico - APEC
- Associação de Nações do Sudeste Asiático- ASEAN
- Comunidade Andina, Grupo Andino ou Pacto Andino - CAN
- Mercado Comum e Comunidade do Caribe - CARICOM
- Comunidade dos Estados Independentes - CEI
- Associação Européia de Livre Comércio - EFTA
- Mercado Comum Centro-Americano - MCCA
- Mercado Comum do Sul - MERCOSUL
- Acordo de Livre Comércio da América do Norte - NAFTA
- Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral - SADC
- União Européia - UE

Fonte: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/cpcms/blocoseconomicos.html>